

FABÍOLA MARTINS DOS SANTOS

**UMA ANÁLISE HISTÓRICO-ESPACIAL DO SETOR HOTELEIRO NO
NÚCLEO URBANO CENTRAL DE FLORIANÓPOLIS (SC)**

Universidade do Vale do Itajaí
Centro de Educação de Balneário Camboriú
Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Turismo e Hotelaria
2005

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

FABÍOLA MARTINS DOS SANTOS

**UMA ANÁLISE HISTÓRICO-ESPACIAL DO SETOR HOTELEIRO NO
NÚCLEO URBANO CENTRAL DE FLORIANÓPOLIS (SC)**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria da Universidade do Vale do Itajaí, como requisito para obtenção de grau de Mestre, sob a orientação da Prof^ª. Dr^ª Raquel Maria Fontes do Amaral Pereira.

Universidade do Vale do Itajaí
Centro de Educação de Balneário Camboriú
Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Turismo e Hotelaria
2005

**UMA ANÁLISE HISTÓRICO-ESPACIAL DO SETOR HOTELEIRO NO NÚCLEO
URBANO CENTRAL DE FLORIANÓPOLIS (SC).**

Dissertação julgada e aprovada no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria da
Universidade do Vale do Itajaí, como requisito para obtenção de grau de Mestre.

Balneário Camboriú, 19 de dezembro de 2005.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a. Raquel Maria Fontes do Amaral Pereira
Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI
Orientadora

Prof. Dr. José Messias Bastos
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
Examinador

Prof^a Dr^a. Roselys Izabel Correa dos Santos
Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI
Examinadora

DEDICO

A minha filha Júlia, meu amor
ao meu companheiro Carlos Alberto,
aos meus pais Aurora e Djalma e aos
que tiveram comigo, apoiando e incentivando
a elaboração desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Seria impossível nomear todos que contribuíram em vários momentos para elaboração desta Dissertação. Entre tantos a quem devo agradecimentos, expresso aqueles com quem compartilhei as minhas dúvidas e angústias durante a elaboração deste trabalho:

- A toda a minha família, em especial ao Carlos, à Júlia, ao meu Pai e a minha Mãe, pelo amor, carinho e proteção, sem os quais tudo teria sido muito mais difícil.
- A Prof^a Raquel Maria Fontes do Amaral Pereira, por seu carinho e a sua dedicação.
- Aos meus amigos que me incentivaram em todos os momentos.

RESUMO

SANTOS, Fabíola Martins dos. **Uma análise histórico-espacial do setor hoteleiro no núcleo urbano central de Florianópolis (SC)**. Balneário Camboriú: UNIVALI, 2005. 189 p. Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Turismo e Hotelaria da UNIVALI.

O presente trabalho intitulado “Uma análise histórico-espacial do setor hoteleiro no núcleo urbano central de Florianópolis (SC)” contém os resultados de uma pesquisa que buscou apreender as implicações da expansão urbana e turística da cidade de Florianópolis sobre a evolução do setor hoteleiro situado em seu núcleo urbano central. A operacionalização da pesquisa impôs a definição de um referencial teórico apropriado ao entendimento do processo de expansão da cidade e dos fluxos turísticos, de modo a favorecer a apreensão da totalidade dos elementos naturais e humanos definidores da realidade investigada. Assim sendo, as categorias de análise espacial propostas por Milton Santos – forma, função, estrutura e processo - foram aplicadas ao estudo das características do núcleo urbano de Florianópolis, interpretado como resultado da acumulação dos tempos sobre uma base natural. O estudo parte do entendimento de que o espaço urbano é produto de relações sociais historicamente determinadas e abrange uma porção do espaço urbano da capital do estado de Santa Catarina, na qual a organização espacial, fruto de diferentes períodos históricos, vem passando por um acelerado processo de transformação imposto pela expansão da própria cidade. O foco principal da pesquisa é o setor hoteleiro localizado no núcleo central, abarcando as origens e as principais características do setor, bem como a sua relação com a evolução da cidade. Em diferentes períodos da história de Florianópolis, percebe-se que a hospedagem é uma necessidade daqueles que chegavam à cidade e que o desenvolvimento do setor hoteleiro acompanhou as transformações da sociedade. A área de estudo compreende o espaço insular, situado a oeste do Morro da Cruz de forma triangular, delimitado pelas baías Norte e Sul e pela Avenida Mauro Ramos, que tem, em um dos seus vértices a Ponte Hercílio Luz. Florianópolis possui, atualmente, segundo os dados do IBGE (2004), 369.102 habitantes e seu núcleo central abriga hoje cerca de 23 hotéis. Sua organização sócio-espacial sofreu transformações com o passar do tempo, as quais resultaram em alterações do próprio sítio urbano original e na incorporação de novos espaços. O atendimento das necessidades de um número crescente de pessoas estimulou a instalação de novos serviços urbanos com reflexos na configuração do espaço da cidade, particularmente do seu núcleo central, articulado ao contexto regional, estadual e nacional

Palavras-chaves: Expansão urbana, hotelaria, turismo.

ABSTRACT

SANTOS, Fabíola Martins dos. **A historic- spatial analysis of the hostel industry in the main urban nucleus of Florianópolis (SC)**. Balneário Camboriú: UNIVALI, 2005. 189 p. Stricto Sensu Graduation in Tourism and Hotel Industry of UNIVALI.

The current work named “A historic- spatial analysis of the hostel industry in the main urban nucleus of Florianópolis (SC)” contains the results of a research that seeks to comprise the implications of urban and tourist expansion of the city towards the increasing of the hotel sector located in the main urban nucleus. The research function imposed the definition of a theoretical referential appropriate to the city and tourist flows increasing process, in order to favor the apprehension of the natural and human elements definers of the total investigated reality. This way, the proposed categories by Milton Santos- pattern, function, structure and process- were applied in the study of the characteristics of the Florianópolis urban nucleus, interpreted as the result of the accumulation of times in a natural basis. The study emphasizes the urban area as a product of the social relations determined and it includes a portion of the urban area of the capital of Santa Catarina, which has been passing through a fast process of changes historically imposed by the city increasing. The research on the hotel industry located downtown is the main focus of the work, bringing up its origins and the main sector characteristics, as well as, its relation to the city expansion. As we can realize in many different history periods of the city, the hospitality was a need for those who arrived here and the hospitality industry accompanied the city development. The study area encompasses the insular area of the west part of Morro da Cruz in a triangular way, delimited by the North and South bays and by Mauro Ramos Avenue, which has the Hercílio Luz bridge, as one of its edges. As mentioned by IBGE (2004), Florianópolis has 369.102 inhabitants and its urban nucleus holds 23 hotels. Its socio- spatial organization has passed through some changes with the time, which resulted in changes in the original urban area and in the incorporation of new places. The consideration on the increasing of peoples needs stimulated the incorporation of new urban services reflecting on the city configuration, mainly on the central nucleus, linked to the estate, the regional and national contexts.

Key-words: Urban expansion, hotel industry, tourism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Atividade comercial na região do mercado no início do século XX.....	39
Figura 2 - Mapa de Florianópolis	47
Figura 3 - Mapa do Desterro em 1819, localização dos principais bairros.....	49
Figura 4 - Florianópolis de 1950	56
Figura 5 - Mapa de localização da hotelaria no século XIX.	109
Figura 6 - Grande Hotel, 1894.....	112
Figura 7 – Vista do centro da cidade em meados do século XX.....	117
Figura 8 - Hotel Taranto, 1930.....	118
Figura 9 - Vista do Hotel La Porta em 1960	120
Figura 10 - Agência Miramar Caixa Econômica Federal.	121
Figura 11 - Implosão do Prédio onde funcionou a Agência Miramar da Caixa Econômica Federal (05/08/1990).....	121
Figura 12 -Terreno onde se localizaram, sucessivamente, o Hotel La Porta e a Agência Miramar da Caixa Econômica Federal.....	122
Figura 13 - Hotel Majestic, 1935.....	123
Figura 14 - Prédio onde antes se localizava o Hotel Metropol.....	124
Figura 15 - Hotel Royal em 1960.	132
Figura 16 – Hotel Royal em 2005.....	134
Figura 17 – Vista do Hotel Diplomata em 1986.....	144
Figura 18 - Hotel Intercity Florianópolis	145
Figura 19 – Hotel Castelmar em 2005	148
Figura 20 – Hotel Baía Norte em 2005	150

Figura 21 – Hotel Coral Plaza	158
Figura 22 – Hotel Íbis – Rede Accor	161
Figura 23- Mapeamento da Hotelaria localizada no núcleo urbano central.....	166
Figura 24 - Gráfico da Evolução da Oferta de Unidade Habitacional no núcleo central de Florianópolis 1960 – 2005.....	167

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Principais produtos exportados na época (XIX).	40
Quadro 2 - Balanço do número de eventos públicos no Centro de Eventos de Florianópolis. 94	
Quadro 3 - Evolução dos meios de hospedagem no Brasil de 1968 a 1979	103
Quadro 4 - Localização dos edifícios que surgiram em Florianópolis entre 1950 e 1960.....	137
Quadro 5 – Evolução hoteleira em Florianópolis, de 1932 a 1989.	152
Quadro 6 – Os hotéis em funcionamento no núcleo central de Florianópolis	164

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Chegada de turistas internacionais no mundo por região – 2000/2003	76
Tabela 2 – Mão-de-obra empregada em setores das atividades turísticas – 1994 / 2003	80
Tabela 3 - Evolução da população de Florianópolis, 1970/2000.	88
Tabela 4 - Principais cidades visitadas por turistas estrangeiros, 1994/2003.	90
Tabela 5 - Principais mercados emissores de turistas estrangeiros para Florianópolis	91
Tabela 6 – Movimento de turistas nacionais e estrangeiros para Florianópolis e a receita gerada em dólar	92
Tabela 7 – Principais mercados emissores nacionais para Florianópolis	93

SUMÁRIO

RESUMO	V
ABSTRACT	VI
LISTA DE FIGURAS	VII
LISTA DE QUADROS	VIII
LISTA DE TABELAS	IX
INTRODUÇÃO.....	13
1 A GÊNESE E A EVOLUÇÃO DE FLORIANÓPOLIS	26
1.1 As atividades comerciais e o porto como elementos formadores da cidade	36
1.2 As características geo-históricas da Ilha de Santa Catarina	45
1.3 As transformações do espaço urbano central de Florianópolis	48
1.4 Ordenamento urbano da cidade: resenha histórica dos Planos Diretores	60
2 O ESPAÇO E O TURISMO DE FLORIANÓPOLIS	65
2.1 Reflexões teóricas acerca do espaço e turismo	65
2.2 O desenvolvimento do turismo como atividade sócio-econômica	71
2.3 A expansão do turismo em Florianópolis	82
3 EVOLUÇÃO DA HOTELARIA NO BRASIL E A SUA ORIGEM NA CIDADE DE FLORIANÓPOLIS.....	96
3.1 Gênese e evolução da hospitalidade no Brasil	96
3.2 As origens da hotelaria em Nossa Senhora do Desterro / Florianópolis	106
4 O DESENVOLVIMENTO DA HOTELARIA NO NÚCLEO CENTRAL DE FLORIANÓPOLIS.....	117
4.1 Evolução da hotelaria até os anos de 1970	117
4.2 O quadro da hotelaria no núcleo central de Florianópolis de 1980 até 2005.	143

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	169
REFERÊNCIAS.....	167
APÊNDICE	173

INTRODUÇÃO

O presente trabalho buscou apreender as transformações geradas na área correspondente ao núcleo central de Florianópolis, decorrentes da expansão urbana e do crescimento da atividade turística e os seus reflexos sobre o desenvolvimento do setor hoteleiro local. No desenvolvimento do estudo, o espaço urbano foi interpretado como um produto de relações historicamente determinadas, em que o processo de produção é ao mesmo tempo histórico e social.

Na porção correspondente ao núcleo urbano central da capital do estado de Santa Catarina¹, a organização espacial é fruto de diferentes períodos históricos e vem sofrendo, na atualidade, um processo de transformação imposto pelo crescimento da própria cidade e das atividades ligadas ao setor terciário, destacando-se nos últimos anos, aquelas relacionadas ao turismo.

O desenvolvimento da temática levou à análise das origens e alterações ocorridas no traçado urbano de Florianópolis, bem como de sua evolução sócio-econômica, buscando definir as principais modificações introduzidas em sua organização sócio-espacial ao longo do tempo.

O foco principal da pesquisa, porém, está voltado para análise da atividade hoteleira localizada no núcleo central, sua expansão e as transformações decorrentes do crescimento urbano e dos fluxos turísticos, o que exigiu a identificação das iniciativas pioneiras, das principais características do setor em diferentes momentos da história de Florianópolis e sua relação com o desenvolvimento da cidade. A investigação concentrou-se nos empreendimentos da área central da cidade, situada no espaço insular a oeste do Morro da Cruz, delimitada pelas baías Norte e Sul e pela Avenida Mauro Ramos, tendo em um dos

¹ Esta porção corresponde a área delimitada pelas avenidas Rubens de Arruda Ramos, Paulo Fontes e Mauro Ramos, também conhecida como centro histórico de Florianópolis.

seus vértices a Ponte Hercílio Luz. Nesse espaço, encontram-se instalados atualmente 23 hotéis.

O andamento da pesquisa demonstrou que a evolução do setor hoteleiro de Florianópolis está intimamente relacionado às diferentes etapas do seu crescimento urbano, razão pela qual tornou-se necessário analisar as determinações sócio-econômicas que influenciaram a expansão da cidade.

Florianópolis possui, segundo a estimativa do IBGE (2004), 369.102 habitantes e sua configuração espacial foi alvo de alterações cumulativas com o passar do tempo, as quais promoveram modificações no sítio urbano original, bem como a incorporação de novas áreas para atender às crescentes necessidades decorrentes da própria expansão urbana. Para compreender as características atuais, foi preciso analisar a gênese de Florianópolis e os principais elementos relativos à evolução do seu espaço urbano, realizando-se um esforço no sentido de recuperar aspectos relativos a sua história, os quais caracterizaram as diferentes etapas do seu crescimento.

A partir dos grandes marcos da história nacional, foi definida uma periodização em que se procurou apreender as relações sócio-econômicas dominantes, identificando o papel destas na reorganização do espaço urbano. Assim sendo, o presente é entendido como resultante de várias fases de sua evolução sócio-espacial, dando-se ênfase às ocorrências mais marcantes da história da cidade.

A apreensão dos múltiplos aspectos definidores da configuração do núcleo central tornou necessário resgatar a trajetória do desenvolvimento urbano de Florianópolis, inserida no contexto nacional, levando-se em conta também os aspectos físicos, bem como os elementos humanos responsáveis por suas características espaciais, hoje em acelerado processo de mudança. Antes de tudo, é preciso lembrar que a organização do espaço urbano florianopolitano foi influenciada, desde as suas origens, por sua localização estratégica no

litoral Sul do Brasil e pelo fato de ter sido capital da antiga capitania de Santa Catarina. Nesse sentido, foram determinantes para a fixação do núcleo de povoamento original as características naturais da Ilha de Santa Catarina e a sua localização, ou seja, o sítio e a sua situação geográfica.

Desde a sua fundação, Florianópolis foi marcada pela função política e administrativa e ao longo de sua evolução histórica passou por três grandes estágios de desenvolvimento, conforme aponta Bastos (2000, p. 127-128):

A primeira urbanização está vinculada à ascensão da pequena produção mercantil açoriana que na virada do século XVIII para o século XIX tornara-se exportadora de gêneros alimentícios como a farinha de mandioca, óleo de peixe salgado, etc. Essa fase está relacionada também ao estabelecimento das milícias portuguesas do Brasil meridional e à função administrativa de capital Província. A segunda, iniciada a partir do último quartel do século XIX, quando então, Florianópolis é promovida a condição de praça comercial importadora que vai abastecer as emergentes colônias de alemães e italianos recém instalados nos vales atlânticos catarinenses. A última fase está relacionada ao processo de inserção da capital catarinense no contexto do capitalismo industrial brasileiro e catarinense que ocorre com mais vigor a partir da segunda metade dos anos 50 e transforma radicalmente a cidade.

O porto, ao lado da função político-administrativa, foi elemento fundamental na gênese da povoação, servindo de atracadouro das embarcações e de ponto de comércio. A expansão da atividade portuária resultou na demanda por infra-estrutura de apoio para atender os que chegavam à cidade, o desembarque de mercadorias para as negociações com o comércio local.

A necessidade de atender o fluxo crescente de pessoas e de mercadorias acabou estimulando a instalação de novos serviços urbanos. Assim, ao lado das edificações que começaram a surgir para o atendimento dessa demanda, espaços residenciais utilizados inicialmente apenas pela comunidade local foram paulatinamente sendo transformados em áreas para prestação de serviços, ligados às atividades comerciais e, ao mesmo tempo, dando origem à atividade hoteleira. Assim sendo, as edificações foram sendo gradativamente adaptadas para assumirem determinadas funções decorrentes das necessidades sócio-econômicas e políticas de cada época.

A própria organização do espaço correspondente ao núcleo urbano central de Florianópolis passava por transformações impostas pelas novas condições sócio-econômicas, respondendo às crescentes necessidades de sua população e daqueles que aqui chegavam e, mais recentemente, dos fluxos turísticos que acabaram estimulando a ampliação da rede hoteleira, muito embora alguns estabelecimentos tenham surgido para atender a uma demanda por hospedagem que inicialmente não era turística².

A tarefa de analisar as alterações geradas no núcleo central da cidade de Florianópolis, por sua vez, exigiu o aprofundamento do conhecimento acerca de um contexto maior, capaz de abarcar um quadro de relações que transcendessem o espaço urbano local. Foi preciso considerar os objetos e as ações como um todo, pois “a história da produção de um fato desencadeia um processo bem mais abrangente, que insere o fenômeno em contextos cada vez mais amplos”. (SANTOS, 1988, p. 58), o que implica a consideração de elementos explicativos situados em diferentes escalas: local, regional, nacional e internacional.

O desconhecimento inicial acerca da evolução histórica da área de estudo, dos processos locais responsáveis pela expansão urbana e turística, bem como do surgimento da hotelaria, levou à consulta, também, de obras capazes de favorecer o levantamento de dados preciosos sobre a realidade investigada. Dessa forma, o ponto de partida da pesquisa, no que concerne à gênese da hotelaria, foi definido pelos relatos do naturalista estrangeiro René Primevère Lesson³, o qual, em expedição pela ilha de Santa Catarina, declarava que “em 1822, Nossa Senhora do Desterro não oferecia aos estrangeiros nem hotel, nem restaurantes, nem café”. Dessa afirmação, depreende-se que até o primeiro quartel do século XIX não havia

² Esta questão é bastante polêmica, pois envolve a definição do que vem a ser turismo. Para a OMT (Organização Mundial do Turismo). Por Turismo entende-se “as atividades de deslocamento e permanência em locais fora de seu ambiente de residência, por período inferior a um ano consecutivo, por razões de lazer, negócios ou outros propósitos”. O turismo é uma atividade da sociedade do consumo, que exige planejamento e organização para o desenvolvimento social e econômico de uma localidade. São necessários grandes investimentos financeiros e tecnológicos na criação de bens serviços para atender às necessidades dos turistas.

³ In: Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. Organizado por Martin Afonso Palma de Haro. Florianópolis: UFSC, 1996.

estrutura de hospedagem comercial. Somente em meados daquele século é que começam a aparecer os primeiros hotéis, como se procurará demonstrar no decorrer do trabalho. Por outro lado, a investigação comprovou que a evolução hoteleira de Florianópolis acompanhou o crescimento da própria cidade, modificando-se ao longo do tempo para responder às necessidades de cada época.

Sobretudo nas últimas décadas, em Florianópolis, vêm ocorrendo crescentes transformações na configuração do espaço urbano, tanto no que se refere aos aspectos físicos como aos sócio-econômicos. O processo de produção e de apropriação do espaço urbano vem passando por mudanças ditadas pela lógica capitalista, que, além de alterarem os traços da paisagem natural, também reduzem as marcas de sua história.

Ao analisar a evolução urbana florianopolitana, percebe-se, em vários momentos da sua história, elementos impulsionadores do desenvolvimento da cidade. Como capital da província de Santa Catarina, tornou-se ponto estratégico do Brasil Meridional, juntando à função administrativa a função comercial e exportando produtos alimentícios, como o peixe salgado e a farinha de mandioca, que juntamente com outros produtos locais e regionais, eram escoados através do seu porto, meio de contato entre as regiões litorâneas produtoras e os mercados consumidores durante muito tempo. A construção da ponte Hercílio Luz, em 1926, facilitou a ligação da ilha com o continente.

Até 1930, Florianópolis foi o maior centro exportador do Estado. A Revolução de 30 sinalizou a necessidade de promoverem-se grandes mudanças na estrutura econômica e política brasileira, com a chegada ao poder de camadas sociais nacionalistas e a formação de um novo pacto político que uniu latifundiários, ligados ao mercado interno, e a burguesia industrial nascente, excluindo do poder os comerciantes de importação e exportação que, no caso de Florianópolis, representavam as camadas sociais mais abastadas. Tal ruptura, foi,

assim, responsável por uma estagnação econômica da cidade e, de um modo geral, da faixa litorânea catarinense.

Com o novo modelo de desenvolvimento implantado a partir de 1930, os centros econômicos mais dinâmicos de Santa Catarina passaram a ser os pólos industriais localizados nas áreas de colonização européia, implantadas na segunda metade do século XIX. Em contrapartida, os núcleos urbanos situados na faixa litorânea, entre os quais Florianópolis, permanecem praticamente estagnados até que as melhorias no sistema viário viabilizassem o contato dessa região costeira com as outras regiões do Estado e, até mesmo, com os estados vizinhos, o que imprimiu um novo dinamismo às localidades litorâneas.

Embora os balneários catarinenses começassem lentamente a ser freqüentados por veranistas, já no final da década de 1960, antes mesmo da inauguração BR 101, iniciou-se o fluxo de turistas provenientes do Paraná, do Rio Grande do Sul e do interior de Santa Catarina. Nesse mesmo período, a cidade de Florianópolis passou a oferecer uma gama de novos serviços, dentre os quais destaca-se a implantação da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, atraindo um contingente maior de pessoas, sobretudo, estudantes e professores com empregos e funções econômicas diretas e indiretas, juntamente com novas oportunidades ligadas às atividades governamentais. (PELUSO JR, 1991, p. 340).

Nos anos setenta, incentivos estaduais e federais revolucionavam a configuração urbana da cidade, atendendo as novas exigências estruturais viárias e urbanas, como é o caso da implantação do aterro da Baía Sul que, dentre outras funções, serviu como via de acesso à ponte Colombo Sales, inaugurada em 1975, e, posteriormente, ampliado com a inauguração da Ponte Pedro Ivo Campos, em 1991. Outras modificações no sistema viário, tais como: aterros, estradas, duplicações, viadutos e túneis foram igualmente planejados para atender à demanda da própria população residente e dos fluxos turísticos crescentes.

Por outro lado, as modificações introduzidas na cidade, com a participação do aparelho estatal, geraram uma nova demanda por trabalhadores qualificados, que se refletiu num aumento populacional significativo de pessoas de fora frente ao contingente de habitantes naturais. A análise dos dados levantados pelos censos demográficos realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE) demonstra um crescimento de 247% na população de Florianópolis no período compreendido entre 1970 a 2000. Paralelamente ao crescimento da população local, a cidade vem recebendo, nas últimas décadas, um número crescente de turistas, exigindo a ampliação dos serviços ligados à hospedagem. Apesar das freqüentes oscilações, os dados divulgados pela SANTUR (Santa Catarina Turismo S/A – Órgão oficial do turismo em Santa Catarina) acerca do número de turistas que chegam a capital de Santa Catarina na alta temporada demonstram que, se em 1986⁴ a cidade recebeu 199.500 turistas, nos meses de janeiro e fevereiro de 2004, chegaram 581.442 turistas, entre estrangeiros e nacionais, o que evidencia um crescimento expressivo da atividade turística.

Diante desse quadro, são visíveis hoje as transformações urbanas, sobretudo no núcleo central que guarda elementos luso-açorianos nos poucos casarios antigos ainda existentes. Entretanto, as características arquitetônicas que retratam as origens da sua formação vão dando lugar aos empreendimentos verticalizados que afetam a configuração do espaço urbano local. Nesse contexto, pergunta-se: qual a relação das transformações registradas no núcleo urbano central de Florianópolis com a evolução da atividade hoteleira?

Para responder este questionamento, foi definido como objetivo central da pesquisa analisar a expansão urbana e o crescimento da atividade turística em Florianópolis, estabelecendo relações entre o desenvolvimento do setor hoteleiro no núcleo urbano central e as diferentes etapas da evolução histórica da cidade. Para alcançar este objetivo geral, foram traçados alguns objetivos específicos, tais como: compreender a gênese da formação sócio-

⁴ Primeiro ano em que a SANTUR começou a realizar a pesquisa de demanda em Santa Catarina

espacial do litoral de Santa Catarina, nela inseridas as origens da cidade de Florianópolis; levantar as diferentes etapas da evolução urbana e da atividade turística, identificando-se os elementos responsáveis por essa expansão e as principais características dessa dinâmica; caracterizar o desenvolvimento da hotelaria no núcleo central, relacionando-o às diferentes etapas do desenvolvimento da cidade e, por último, caracterizar o setor hoteleiro no núcleo urbano central de Florianópolis na atualidade.

Como referencial teórico-metodológico para analisar a realidade sócio-espacial, objeto deste estudo, foram utilizados conceitos difundidos por Milton Santos, entre os quais destaca-se o paradigma da formação sócio-espacial que possibilita a realização de análise de caráter globalizante, por considerar as “múltiplas determinações” responsáveis por uma realidade concreta. A opção por essa perspectiva parte do entendimento de que as especificidades de um determinado local (no caso, Florianópolis) têm explicações de ordem natural e humana, ao mesmo tempo em que correspondem a uma conjugação de fatores endógenos e exógenos situados em diferentes etapas de sua história. Ao considerar as características físicas do espaço onde se constituiu a cidade e a história da sociedade que aí se implantou, o paradigma de formação sócio-espacial propicia um enfoque multidisciplinar em que o espaço geográfico e o tempo histórico constituem o ponto de partida para uma melhor compreensão de uma realidade em que, a cada nova fase de sua evolução, o espaço natural vai sendo modificado de forma mais profunda, respondendo às exigências sociais definidas a partir das imposições locais, regionais, nacionais ou internacionais, ditadas pelas relações de produção dominantes.

A interpretação da realidade florianopolitana, na qual a expansão turística pode ser entendida como um estímulo ao desenvolvimento da atividade hoteleira, encontra apoio ainda nas reflexões sugeridas por Santos (1997, p. 7) ao afirmar que “os elementos do espaço são determinados pelos homens, pelas firmas, pelas instituições, pelo suporte ecológico e pelas infra-estruturas”. Assim sendo, a atividade turística se expressa em todos os elementos da

oferta e da demanda, além de agir também sobre a população residente numa ação e interação recíprocas.

Para analisar os elementos do espaço quanto às suas interações, Santos (1997, p.7) aponta que:

[...] na medida em que função é ação, a interação supõe interdependência funcional entre os elementos . Através do estudo das interações, recuperamos a totalidade social, isto é, o espaço como um todo e, igualmente, a sociedade como um todo. Pois cada ação não constitui um dado independente, mas um resultado do próprio processo social.

A dinâmica do fenômeno turístico e seus reflexos sobre o espaço podem ser captados igualmente através do uso das categorias analíticas de forma, função, estrutura e processo, enquanto proposta metodológica que objetiva decompor e recompor a totalidade e a interpretação do espaço geográfico, conforme sugere Milton Santos.

Assim sendo, considerando a expansão urbana de Florianópolis e o crescimento dos fluxos turísticos, que acabaram por alavancar o desenvolvimento da atividade hoteleira, tornou-se necessário estudar a organização do espaço urbano florianopolitano, buscando apreender as distintas funções desempenhadas pela cidade em diferentes épocas, resgatando o processo que culmina com as características hoje apresentadas. A apreensão da evolução do espaço urbano faz-se necessária, porque toda a realidade precisa ser compreendida espacial e temporalmente, visto que toda e “qualquer sociedade só pode ser definida através do espaço, já que o espaço é o resultado da produção, uma decorrência de sua história, mais precisamente, da história dos processos produtivos impostos ao espaço pela sociedade”. (SANTOS, 1997, p. 49).

Ainda para Santos (1997, p. 1), o espaço se apresenta “como uma instância da sociedade como um fator da evolução social, não apenas uma condição”. Isso quer dizer que o espaço é essencialmente social, contendo em si mesmo uma gama de objetos físicos que constituem a paisagem para os olhos de quem a observa, mas que ganham vida e movimento

através dos processos sociais que representam a sociedade de uma época. Daí porque a compreensão da configuração do espaço urbano correspondente ao núcleo urbano central de Florianópolis precisa, de um lado considerar as características físicas (naturais) do lugar e, de outro, a sociedade que nele vive, pois, como já foi destacado, o espaço é uma construção social, ou seja, as relações que os homens estabelecem entre si ao longo do tempo são fundamentais para a compreensão da forma como espaço é organizado.

Assim sendo,

Todo e qualquer período histórico se afirma com um elenco correspondente de técnicas que o caracterizam e com uma família correspondente de objetos. Ao longo do tempo, um novo sistema de objetos responde ao surgimento de cada novo sistema de técnicas. Em cada período, há, também um novo arranjo de objetos. Em realidade, não há apenas novos objetos, novos padrões, mas igualmente, novas formas de ação. Como um lugar se define como um ponto onde se reúne feixe de relações, o novo padrão espacial pode dar-se sem que as coisas sejam outras ou mudem de lugar. É cada padrão espacial não é apenas morfológica, mas, também funcional. Em outras palavras, quando há mudança morfológica, junto aos novos objetos, criados para atender a novas funções, velhos objetos permanecem e mudam de função. (SANTOS, 1997, p. 77-78).

Ao longo da evolução histórica objetos característicos de épocas distintas assumiram determinada função, embora a forma permanecesse a mesma. É que, assim como as relações sociais vão se modificando ao longo do tempo, as formas ou objetos do passado podem vir a desempenhar novas funções. O antigo prédio da Alfândega, por exemplo, tinha um significado especial para a cidade enquanto dominava a atividade portuária. Hoje, o local funciona como um centro de artesanato bastante visitado pelos turistas que chegam à cidade.

A operacionalização da pesquisa exigiu a definição de alguns procedimentos e estratégias capazes de reunir as informações necessárias para investigar a origem da hotelaria localizada no núcleo urbano central de Florianópolis e sua evolução até os dias atuais.

A investigação foi desenvolvida através de estudo de caráter histórico e exploratório, que suscitou a realização de pesquisas bibliográficas e de campo. A realidade empírica investigada encontrou, por um lado, apoio em concepções teóricas, mas, por outro, exigiu também um levantamento de dados referentes a diferentes períodos históricos .

Como método básico, foi utilizado o materialismo histórico dialético para apreender a história do núcleo central de Florianópolis e de sua evolução, tendo como ponto de partida o entendimento de que as relações sociais dominantes em cada etapa histórica são responsáveis pela evolução de uma determinada formação sócio-espacial. Por entender que o cenário atual teve sua origem no passado, foi preciso pesquisar as iniciativas pioneiras para compreender as características do setor hoteleiro hoje.

Por se tratar de uma pesquisa com sustentação histórica, a etapa de coleta dos dados exigiu, de acordo com Richardson (1989, p.206):

- A responsabilidade do pesquisador em conhecer toda a informação disponível sobre o acontecimento estudado;

- E a busca de novas fontes, capazes de fornecer dados, até então desconhecidos, para melhor análise dos acontecimentos.

Quanto à pesquisa qualitativa nas ciências sociais, o trabalho de campo representa uma possibilidade de aproximação com aquilo que se deseja conhecer. Nesse caso, recorreu-se à identificação dos empreendimentos hoteleiros existentes na atualidade e à investigação acerca do surgimento dos primeiros hotéis localizados na área delimitada para o estudo, o núcleo central de Florianópolis.

Os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos. (RICHARDSON, 1989, p. 43)

Na fase exploratória da pesquisa, fez-se o levantamento de dados junto aos órgãos públicos (IPUF e IBGE), para a busca de informações históricas sobre a cidade. Foram igualmente consultados o acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, bem como o das Bibliotecas das Universidades e Faculdades, como: UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), ASSESC (Associação de Ensino de Santa Catarina) e UNIVALI

(Universidade do Vale do Itajaí). No desenvolvimento deste estudo, realizou-se, também, o levantamento das informações junto aos órgãos competentes ligados à hotelaria e ao turismo, como SANTUR, ABIH (Associação Brasileira da Indústria de Hotéis) e ao Sindicato de Hotéis, Bares e Similares.

Em relação ao trabalho de campo, para investigar a gênese e a evolução da hotelaria, recorreu-se à história oral. Para Moss (1974), “pela história oral é possível preencher as lacunas deixadas pelos documentos formais e, simultaneamente, preservar depoimentos que se perderiam, sem que se desse voz e vez ao cidadão comum, este sim o real protagonista da história humana”. Foi utilizado um roteiro de entrevistas semi-estruturadas, direcionadas aos proprietários e gestores dos hotéis localizados no centro de Florianópolis. Nessa fase também foram entrevistadas algumas pessoas as quais mantiveram relação de trabalho com os empreendimentos hoteleiros localizados na área estudo, indetificadas no decorrer da pesquisa. Visando ter mais informações, foram também realizadas visitas técnicas aos 23 hotéis em funcionamento na atualidade, no núcleo central de Florianópolis.

O esforço para coletar os dados levou também à consulta de dissertações, teses, revistas científicas, bem como de fotos antigas, artigos e anúncios dos jornais de época (XIX e XX) para uma análise das diferentes etapas na evolução do núcleo urbano central de Florianópolis.

A estrutura do presente trabalho é constituída por quatro capítulos, sendo que, no primeiro capítulo, apresenta-se uma análise geral da formação sócio-espacial do litoral catarinense e evolução do núcleo urbano de Florianópolis, resgatando suas características sócio-econômicas, com o intuito de compreender a organização sócio-espacial da área em estudo, bem como as transformações ocorridas ao longo do tempo nesse espaço. Discute-se, no segundo capítulo, a dinâmica do turismo em Florianópolis e as transformações espaciais decorrentes da atividade turística no seu espaço urbano. Já, no terceiro, é enfocada a

hospitalidade no Brasil e a gênese da hotelaria em Florianópolis, identificando as origens e as principais iniciativas do setor hoteleiro. O quarto e último capítulo aborda a evolução da hotelaria de Florianópolis circunscrita, como já foi enfatizado, ao núcleo central, mostrando as transformações pelas quais vêm passando os empreendimentos desse setor.

1 A GÊNESE E A EVOLUÇÃO DE FLORIANÓPOLIS

O território que hoje corresponde ao Brasil foi povoado por iniciativa da Coroa Portuguesa, e sua ocupação se fez a partir do litoral, obedecendo a uma política expansionista, sobretudo no que concerne às terras localizadas na porção Meridional da colônia portuguesa, a fim de garantir a posse da terra disputada pelos dois reinos ibéricos: Portugal e Espanha.

Como em todo o território brasileiro, antes da chegada dos europeus, a Ilha de Santa Catarina e o continente próximo eram habitados por índios Guaranis, denominados localmente pelos europeus que aqui chegaram no século XVI, de Carijós. Tanto os relatos dos viajantes quanto os vestígios arqueológicos atestam a existência desses povos que, entretanto, foram rapidamente exterminados pela presença do homem branco ou fugiram continente adentro, desaparecendo ao longo dos tempos⁵.

A estratégia da Coroa Portuguesa de povoamento do litoral Meridional da colônia luso-americana teve como ponto de partida a capitania de São Vicente de onde se irradiaram os excedentes populacionais que deram origem a três núcleos básicos do povoamento catarinense: Nossa Senhora do Rio São Francisco em 1645, fundada por Manoel Lourenço de Andrade, localizada ao norte do litoral catarinense, Nossa Senhora do Desterro em 1673, fundada por Francisco Dias Velho e Santo Antônio dos Anjos de Laguna em 1676, fundada por Domingos de Brito Peixoto, localizada ao sul. (CORRÊA, 2003, p. 37).

A partir das fundações de São Francisco, Desterro e Laguna, procesou-se uma intensa ocupação do litoral catarinense, com a concessão de sesmarias e a fixação dos sesmeiros, com seus estabelecimentos agrícolas e pastoris. (PIAZZA, 1992, p.39).

⁵ Os povoadores pré-históricos, de origem tupi-gurani, pertencem a denominada “fase jurerê”, com ampla produção de cerâmica (CORRÊA, 2003, p.21).

A Ilha de Santa Catarina, conhecida primeiramente pelos índios como Meiembipe, foi chamada de Ilha dos Patos, conforme aparece grafado pela primeira vez por Diego Ribeiro em um mapa datado de 1519. Já a denominação de Santa Catarina foi dada em 1526, pelo navegador veneziano Sebastião Caboto, quando aportou na ilha a serviço da Espanha. Em 1673, Francisco Dias Velho se estabeleceu na ilha, fundando o primeiro povoado que passou a se chamar de Nossa Senhora do Desterro ou simplesmente Desterro. Foi somente em 1894, após a Revolução Federalista, que a cidade recebeu sua atual denominação, Florianópolis, em homenagem a Floriano Peixoto. (PAULI, 1987, p. 26 -27).

Quando o vicentista Francisco Dias Velho fundou a póvoa de Nossa Senhora do Desterro, em 1673, a ilha apresentava-se em condições selvagens, sem nenhum marco de povoamento por parte dos descobridores ibéricos. Com a vinda da família de Dias Velho, a concentração inicial do povoado deu-se na Baía Sul próximo ao local onde hoje se situa a praça XV. Após a morte de Dias Velho, ocorrida em 1689 por saqueadores, a população da ilha diminuiu, pois parte dos habitantes abandonaram o povoado. (PAULI, 1987).

Em 1726, a povoação do Desterro foi elevada à categoria de Vila, denominação que equivale à freguesia ou município, apesar de seu desenvolvimento continuar muito lento (CORRÊA, 2003, p.47). Em 1738, com a criação da província de Santa Catarina, Desterro tornou-se sua capital político-administrativa, tendo sua forma urbana inicial sofrido a intervenção de uma política de fortificação e de edificações executada pelo Brigadeiro José da Silva Paes, seu primeiro governador. A criação da Capitania foi motivada mais por sua vantajosa posição geográfica e pelo seu excelente porto, do que por sua importância econômica. O porto era muito freqüentado pelos navios que iam da Europa para Rio da Prata para o Pacífico, o que motivou o rei de Portugal a desmembrar a ilha e a terra firme adjacente da capitania de São Paulo. Assim, a posição estratégica da Ilha de Santa Catarina levou

Portugal, dentro de seu entendimento geopolítico, a transformá-la em ponto de defesa do litoral Sul do Brasil, estimulando a sua ocupação territorial e demográfica.

O Brigadeiro José da Silva Paes foi responsável pelo projeto da reforma da Matriz de Nossa do Desterro e pelas construções militares correspondentes às fortalezas de Santa Cruz na Ilha de Anhatomirim (1738), de São José da Ponta Grossa (1740), de Santo Antônio da Ilha de Ratoes Grande (1740), e a de Nossa Senhora da Conceição da Barra do Sul (1742) que tinham como função garantir a posse da terra num período em que havia uma interna disputa entre Portugal e Espanha. A estrutura sócio-econômica da capitania foi reforçada com a vinda dos primeiros açorianos a partir de 1748 para o litoral catarinense. As fortificações contribuíram, também, para apoiar o desenvolvimento dos núcleos de ocupação, na medida em que os regimentos militares passaram a ser parte importante do contexto populacional. Elas estabeleceram as primeiras redes de comunicação por mar e por terra, interligando pontos prévia e posteriormente ocupados. (CORRÊA, 2003).

O século XVIII foi particularmente importante para Ilha de Santa Catarina, principalmente para o povoado fundado por Francisco Dias Velho. Se após a sua morte a população da Ilha sofreu uma drástica redução, voltando o local a ser habitado por poucos colonos, o período seguinte enriqueceu sua história com a criação de uma capitania real, consolidou uma pequena organização urbana na antiga povoação estabilizou-se militarmente com a construção de fortes e fortalezas, povoou-a com a chegada de casais açorianos para, finalmente, entregá-la aos inimigos espanhóis. Ao contrário do marasmo existente nos séculos XVI e XVII, nos quais o lugar servia somente de passagem a navegantes de bandeiras em direção ao sul, pouco se interessando pelos precários habitantes que insistentemente ficaram na ilha, a agitação política, social e militar na Ilha foi intensa em todo século XVIII. Afinal, a criação da capitania da Ilha de Santa Catarina significou a instituição da primeira unidade política no sul do Brasil. (CORRÊA, 2003, p. 45)

No século XVII, os franceses e ingleses conquistaram o norte temperado do continente americano com o excesso populacional das metrópoles, estruturando uma sociedade de pequenos produtores. No caso dos portugueses, nos séculos XVII e XVIII, no que se refere ao sul temperado, eles o fazem com contingentes populacionais coloniais, ou seja, com paulistas, ameríndios e africanos, responsáveis pela estruturação, nessa porção do território que

corresponde ao Brasil meridional, de uma sociedade de mera subsistência, na fachada Atlântica e logo latifundiária pastoril-extrativa, no planalto⁶.

Num país com tão grandes dimensões territoriais, a expansão da agricultura comercial e a exploração mineral, somadas à pecuária extensiva no extremo Sul e no sertão nordestino, foram à base do povoamento e a forma de criar riquezas, que redundou na ampliação da vida de relações e no surgimento de cidades no litoral e no interior. (SANTOS, 1993, p. 20).

O comércio colonial agro-exportador teve um significado especial na colonização de várias regiões do Brasil, porém, na formação sócio-espacial da porção meridional, a ocupação desenvolveu-se inicialmente em torno da faixa Atlântica, o que significou “o primeiro momento da colonização lusa e constituiu um passo fundamental na conquista de vastas áreas situadas além dos limites impostos pelo Tratado de Tordesilhas”. (PEREIRA, 2003, p. 103).

Na orla litorânea, os contatos iniciais foram facilitadores pelo mar, enquanto no interior a fisionomia e a flora do planalto meridional concorreram para a rápida expansão das bandeiras de colonização. Movidos inicialmente (século XVII) pela procura de índios para escraviza-los e vende-los, no século seguinte (XVIII), os paulistas passaram a arrebanhar o gado missioneiro para comercializar em Sorocaba, incorporando-o ao circuito econômico colonial e, ao longo desse caminho, foram sendo criadas sesmarias que se transformaram em estâncias. A exploração econômica das terras do planalto catarinense deu origem, nas suas manchas de campo ao latifúndio pastoril, associado ao extrativismo dos ervais nativos encontrados na mata araucária. (PEREIRA, 2003, p. 104).

A ocupação do território catarinense desde os seus primórdios acabou gerando duas realidades distintas: o planalto e o litoral, separados pelas Serras do Mar e Geral. A localização estratégica da costa catarinense, entretanto, permitiu que, no interior dessa formação sócio-espacial, fossem desencadeadas produções territoriais e cumulativas com o passar do tempo.

O litoral catarinense teve um papel fundamental na política expansionista de Portugal que visava garantir a posse da terra disputada com os espanhóis, utilizando os excedentes

⁶ VIEIRA;PEREIRA. Formações Sócio-Espaciais Catarinenses: Notas Preliminares. Anais do Congresso de História de Santa Catarina. Org. CORRÊA, Carlos Humberto Pederneiras; SOARES, Eliana Maria dos Santos Bahia. Florianópolis: CAPES/MEC, 1997.

populacionais da capitania de São Vicente e tirando proveito dos recursos naturais disponíveis na região. O povoamento associava, pois, interesses geo-políticos e geo-econômicos (MAMIGONIAN, 1998) e, nesse contexto, a ilha de Santa Catarina e o continente adjacente passaram a receber, em meados do século XVIII, um expressivo número de imigrantes açorianos, consolidando o modesto núcleo de Desterro, situado na ilha, como local para abastecimento de embarcações e rota obrigatória para atingir a bacia do Rio da Prata.

[...] em conseqüência da atrevida fundação da Colônia do Sacramento (1680), a demonstrar o deliberado propósito de governo luso de fixar definitivamente as raias meridionais de sua rica e próspera possessão à margem esquerda do estuário platino, a dita ilha apresentava-se como situação estratégica de primeira ordem no taboleiro de prováveis contendas e, como tal, seria logo aproveitada vantajosamente para ponto de apoio senão útil e necessária base de operações. (BOITEUX, 1953, p. 14).

A Corte de Lisboa tinha intenções de explorar o Rio da Prata, ao mesmo tempo em que desejava proteger o litoral brasileiro das incursões de estrangeiros sobre o território. Para tanto, fazia-se necessário estabelecer núcleos populacionais que garantissem a soberania sobre a terra, razão pela qual estimulou a realização de expedições para o reconhecimento do litoral Sul do Brasil.

O contato europeu com a paisagem local iria gerar modificações desde o começo do assentamento luso em nosso território. A faixa costeira passou inicialmente a ser povoada pelos vicentistas, que fundaram núcleos litorâneos, como é o caso de Paranaguá no Paraná, para, posteriormente, atingirem o litoral catarinense.

Como já foi enfatizado, a política administrativa instalada pela Corte Portuguesa promoveu, de um lado, o processo de reconhecimento geográfico do território colonial e, de outro, a construção de um sistema de fortificações a partir da criação da Capitania, bem como a colonização açoriana do Brasil meridional.

Para Pereira (2003, p.104-105):

O projeto de colonização do Brasil meridional, do qual fazia parte a ocupação do espaço litorâneo catarinense, se amplia e se consolida com a instalação de bases político-militares, o que levou a construção de um complexo de fortificações, principalmente na Ilha de Santa Catarina, e a edificação de armações baleeiras, financiado por capitais comerciais portugueses, para extração de óleo de baleia, utilizado nos séculos XVIII e XIX para vários fins.

Ainda, segundo Piazza (1994, p.40):

[...] a articulação do plano político-estratégico para essa ocupação tem um artífice no reinado de D. João V: é o brasileiro Alexandre de Gusmão, seu Secretário Ministro, que cuida do reconhecimento geográfico do Brasil Meridional. Articula a formulação de uma política de ocupação militar dessa área do território brasileiro, como a fundação do forte Jesus Maria José, origem da atual cidade do Rio Grande, e a criação da capitania da Ilha de Santa Catarina, como centro militar da base de operações para consolidação daquele princípio Jurídico, que se vai concretizar, aspecto humano, com o envio dos açorianos para essa fronteira e que culmina no campo político, com assinatura, em 1750, do tratado de Madri, cujos limites, são os do Brasil de hoje.

É dentro desse contexto que, provenientes do arquipélago dos Açores, emigraram para o Brasil nos anos de 1747 a 1756, voluntários açorianos para fortalecer a colonização da ilha de Santa Catarina. Esses imigrantes eram agricultores, alguns carpinteiros, vários comerciantes, outros oleiros, mas, pouquíssimos pescadores. Nas ilhas dos Açores, dedicavam-se também às atividades ligadas ao plantio e trato do trigo e do milho, ao cultivo da uva, do ananás, frutas cítricas, hortifrutigranjeiros e pecuária do leite. Ao chegar à ilha de Santa Catarina, deram início a essas atividades, porém experimentaram revezes pela inadaptação do clima para os cultivos, tanto do trigo como do linho. Além disso, encontraram outras práticas relacionadas ao cultivo do algodão e da mandioca, dando origem aos engenhos para a fabricação da farinha de mandioca⁷. (PEREIRA, 1993).

A política de ocupação de todo o litoral catarinense, principalmente nos espaços da ilha de Santa Catarina, seguia praticamente o mesmo ordenamento. Os açorianos eram

⁷ O açoriano, adaptado à ilha de Santa Catarina, muito provavelmente não só pela absorção da cultura da mandioca pré-existente à sua chegada, mas também por imposição da Provisão Régia de 9 de Agosto de 1747, de Dom João V, Rei de Portugal (1706-1750) a qual regulamentava a colonização açoriana no Brasil, a começar pela ilha de Santa Catarina, e tomava outras medidas necessárias, fixou um traço cultural indelével no “desterrense”, com reflexo nos hábitos alimentares: peixe frito com pirão de farinha de mandioca.

distribuídos em várias áreas, “recebiam propriedade de um quarto de légua em quadra (uma légua de sesmarias teria 3.000 braças em linha. Um quarto seria de 750 braças como perímetro da quadra). Essa era a porção de terra que teria para explorar agricolamente”.[...] “Construíam suas casas em alvenaria de pedras, ou os menos abastados, em estuque ou taipas e, com frente para o mar”. (PEREIRA, 1993, p.126).

A princípio, os grupos de açorianos que se instalaram na ilha de Santa Catarina se assentaram aos arredores do Largo da Matriz, expandindo-se primeiramente para o Leste e, posteriormente para o Oeste, conformando aglomerados de casas muito rudimentares (VEIGA, 1993, p. 37). Paralelamente, ocorre a expansão para outras localidades no interior da ilha, formando as freguesias. Os problemas encontrados na época para assentar as famílias de colonos decorriam da dificuldade de transporte e de locomoção por terra ou por mar.

As conseqüências do povoamento açoriano em terras catarinenses fizeram-se sentir em três esferas: político-administrativa, econômica e cultural. Primeiramente, no campo político-administrativo, registra-se o fortalecimento da posição portuguesa na parte meridional da América do Sul. Com o estabelecimento das freguesias, dinamiza-se a vida social e cultural, os sacerdotes passam a ser, ao lado dos oficiais de Ordenanças, os líderes das comunidades. Assim, as principais figuras da política catarinense, quer no Império (1822-1889), ou ainda nos princípios do período republicano (1889-1930) são predominantemente de raiz açoriana. (PIAZZA, 1994, p.69).

No período correspondente ao Brasil Colônia, a ocupação do solo catarinense se insere no contexto comum das sesmarias, isto é, desde o tempo da divisão do Brasil em capitâneas, adotou-se o sistema de apropriação do solo com a justificativa do seu uso para agricultura de subsistência.

O fato de se tornar de imediato grande proprietário constituía em chamariz para o colonizador. Se não estavam em jogo distinções à base da hierarquia social do sesmeiro, a obrigatoriedade de ocupar e povoar a terra implicava em discriminação de natureza capitalista, pois os meios para explorá-la, em última análise, iam condicionar a posse efetiva do solo. (PIAZZA, 1994, p. 81).

Diferentemente do restante do litoral brasileiro onde a atividade agrícola era monocultora utilizando-se da mão-de-obra escrava em grandes glebas de terra, no Sul se estabeleciam colônias de povoamento alicerçadas na pequena propriedade familiar. O colono tinha a liberdade de praticar a policultura de subsistência. Este, dentre outros fatores, foi fundamental para propiciar a precoce emergência do litoral catarinense à posição de destaque no cenário colonial da época como uma das áreas fornecedoras de gêneros alimentícios. (BASTOS, 2000, p.129).

Os excedentes da produção ampliaram as relações comerciais da antiga vila de Nossa Senhora do Desterro, transformada em capital com a criação da capitania de Santa Catarina em 1738, passando a exercer funções político-administrativas, somadas à condição de praça comercial. A sua localização geográfica, situada entre os principais mercados da época (Rio de Janeiro e Buenos Aires), favoreceu também o desenvolvimento portuário, acentuando os fluxos comerciais, embora seja importante ressaltar que a produção mercantil açoriana não desembocou em relações capitalistas de produção, muito embora existisse uma diferenciação social no interior dos processos produtivos, especialmente na pesca, já que se registrou, a partir do final do século XVIII, um empobrecimento dessa área que se aprofundou no decorrer do século XIX. A decadência deve-se a uma série de fatores de caráter endógeno e/ou exógeno, entre os quais cita-se o papel concentrador dos comerciantes e aristocratizante dos capitais mercantis, que contribuíram para a permanência das relações de produção pré-capitalistas⁸. (PEREIRA, 2003, p.104).

⁸ PEREIRA (2003), ainda destaca que os elementos característicos da formação sócio-espacial açoriana próprios das relações pré-capitalistas: a fragmentação excessiva dos pequenos lotes de herança, a redução da mão-de-obra produtiva provocada pelo recrutamento dos açorianos para as milícias, o esgotamento do solo arenoso, bem como o espírito de camaradagem existente entre agricultores, pescadores e artesãos, mentalidade tipicamente pré-capitalista.

Já no período Imperial (1822-1889) outros fluxos migratórios dinamizaram o espaço de Santa Catarina. Provenientes de outras áreas da Europa, chegaram os primeiros imigrantes que promoveram o desenvolvimento econômico de várias regiões do estado.

Os primeiros alemães chegaram a São Pedro de Alcântara em 1829. Um pouco mais tarde, no vale do Itajaí, fundaram Blumenau (1850) e no nordeste do Estado, Joinville (1851), seguindo novas frentes de ocupação que estabeleceram colônias menores, numa penetração no sentido oeste. Os colonos alemães iniciaram uma diversificada pequena produção mercantil rural (produtos alimentares, tais como manteiga, banha, leite, queijo) e urbana (atividades de artesãos, como ferreiros, marceneiros, tecelões, alfaiates, sapateiros). Ao comercializarem o excedente de sua produção adquiriam através do sistema colônia-venda outras mercadorias, imprimindo um dinamismo que, articulado às complexas relações econômicas, sociais e espaciais inter e extra-regionais decorrentes da evolução do capitalismo no Brasil e no mundo, propiciou o surgimento e a consolidação de um vigoroso parque industrial. (PEREIRA, 2003, p. 5).

A colonização estrangeira, em Santa Catarina, caracterizou-se pelo estabelecimento de imigrantes etnias germânicas, italianos e, em menor número outras racionalidades. O volume de ingressos de recursos humanos foi muito mais expressivo do que em relação à colonização açoriana, pois os alemães e italianos foram distribuídos em levadas durante 100 anos, até aproximadamente 1930. Por outro lado, revolucionária transformação do transporte marítimo facilitou os deslocamentos de grandes contingentes de carga e pessoas, fomentando a economia através dos produtos excedentes exportados, entre os quais cabe destacar: a banha de porco, a farinha de mandioca e fécula, embutidos de carne, essências medicinais e, mais tarde, produtos do extrativismo madeireiro. O surgimento das ferrovias e com elas, o aumento das transações comerciais intensificou o acúmulo do capital em Santa Catarina, promovendo a ampliação técnica, industrial e comercial dos produtos aqui produzidos. (LAGO, 2000, p. 78–81).

Ainda no final do século XIX, imigrantes italianos colonizaram as áreas periféricas coloniais do vale do Itajaí, primeiramente ocupadas por alemães, além de fundarem também núcleos coloniais no litoral Sul de Santa Catarina, ligados inicialmente à agricultura e posteriormente à mineração do carvão. Já na primeira década do século XX, iniciou-se a ocupação da porção oeste do planalto catarinense, a qual se deve ao processo de colonização

levado a efeito por companhias de colonização do Rio Grande do Sul, com imigrantes alemães e italianos, o que explica a influência da cultura riograndense nessa região.

Na última década do século XIX, teve início um processo de substituição industrial de importações que deu origem a numerosos estabelecimentos capitalistas.

A maioria deles era de proporções modestas e com toda probabilidade utilizavam processos artesanais de produção. Eram na realidade, manufaturas que aproveitavam a disponibilidade de artífices vindos da Europa para produzir para o consumo local artigos até então importados. No entanto, na mesma época também se constituíram as primeiras indústrias brasileiras, sobretudo no ramo têxtil. Estas indústrias operavam com equipamento importado e muitas vezes com matérias primas importadas. (SINGER, 1987, p.67).

Com o avanço da industrialização em Santa Catarina, no século XX, promovida pelos imigrantes alemães e italianos, as cidades do vale do Itajaí (Brusque e Blumenau) e do norte do estado (Joinville) passaram a ganhar destaque no cenário econômico nacional através da indústria têxtil, enquanto no Sul do estado (Criciúma) prosperava a indústria carbonífera. Como conseqüência, a cidade de Florianópolis acaba perdendo espaço econômico para outros núcleos e, gradativamente, sua importância no contexto regional e nacional, passando a exercer praticamente apenas a sua função administrativa de capital do Estado de Santa Catarina.

[...] o empobrecimento gradativo dos açorianos e as escassas oportunidades de emprego nas cidades litorâneas fizeram com que muitos migrassem para as áreas industriais alemãs, para zona carbonífera ou partissem à procura dos grandes centros pesqueiros, como o de Rio Grande e Santos, para trabalharem na pesca embarcada. Aproveitando as crescentes levadas de pescadores para os referidos centros surgiram alguns pequenos comerciantes locais que passaram a transportar, em caminhões, os imigrantes luso-brasileiros e neste ínterim alguns destes tornaram-se empresários da pesca. (MAMIGONIAN, 1966 *apud* BASTOS, 2000, p. 133).

A pequena produção mercantil desenvolvida na faixa litorânea catarinense não deu origem a iniciativas industriais expressivas. Já em áreas do planalto e nos vales catarinenses, a acumulação resultante do excedente comercializado favoreceu a instalações de pequenas indústrias, as quais proporcionaram a formação de núcleos industriais que se destacaram no cenário econômico nacional. A política capitalista desencadeou o processo de segmentação de mercado e as condições favoráveis para o processo de industrialização.

A pesca artesanal praticamente foi dizimada, substituída pela pesca industrial embarcada a qual, em função da sua capacidade de captura, faz escassear o pescado na costa catarinense, contribuindo ainda mais para a decadência da atividade pesqueira artesanal. O pescador, sem outra alternativa de subsistência, passou a vender suas terras para empresários oportunistas, migrando para outras localidades em busca de novas possibilidades de emprego.

Segundo Silva (1999, p.75),

Em termos sociais, a industrialização teve a seu lado, num primeiro momento, o preparo das condições subjetivas para que pescadores se apresentassem no mercado de trabalho, na condição de homens livres. Num segundo momento, parcela deste contingente de trabalhadores foram substituídos por máquinas, evidentemente, nas atribuições mais árduas do processo de trabalho. Além do mais, em localidades como Florianópolis, Garopaba, Laguna, Porto Belo, Bombas, Bombinhas e praticamente todo o litoral, o Estado viabilizou processo de urbanização das praias, provocando, desta forma, maior expressão, no que concerne ao processo de apropriação dos pequenos produtores.

Em suma, o pescador passou a desenvolver outras atividades autônomas, exercendo outras funções, perdendo a condição de proprietário e muitas vezes de dono da terra, para as grandes incorporações pesqueiras que abastecem os principais mercados do país, como São Paulo e Rio de Janeiro. No âmbito do setor pesqueiro, a modernização significou a ampliação do projeto de desenvolvimento do país, concentrando todas as iniciativas em bases industriais. Por outro lado, os pescadores acabaram também sendo vítimas de uma exploração imobiliária decorrente da valorização das terras da orla litorânea, com o desenvolvimento de atividades de veraneio e o aumento dos fluxos turísticos.

1.1 As atividades comerciais e o porto como elementos formadores da cidade

Partindo de sua fundação, podemos caracterizar Desterro (a futura Florianópolis) como cidade político-administrativa. Seu espaço urbano, no início no século XIX, estava limitado às proximidades do porto, expandindo-se posteriormente em direção aos morros colinosos e ao sopé das encostas.

Como aconteceu com outras cidades brasileiras, era estratégica a presença do porto para viabilizar a ligação por mar com a metrópole lusitana. As cidades que o possuíam tinham uma função importantíssima para as políticas expansionistas da Metrópole. A necessidade de defender a posse do território definiu a escolha de determinados acidentes geográficos como as ilhas e baías como locais estratégicos para fundação das primeiras vilas.

No caso da formação da povoação do Desterro, segundo aponta Veiga (1993, p.54):

O fundador escolheu o sítio para erguer o seu estabelecimento, e tal decisão, consolidada no governo de Silva Paes, condicionou o destino da nova fundação e, porque não dizer de toda a ilha e continente fronteiriço. [...] ao se desenvolver e expandir o povoado, ficou regulado também pelas peculiaridades do sítio original e dos seus arredores. Entre estas características exerceram papel dominante além da ligação marítima, a acomodação e limitação da topografia original, orientação com relação aos ventos e a presença dos rios e das fontes de água. [...] disposta sobre o modelo topográfico acidentado, é compreensível que Desterro não tenha primado por um traçado urbano regular e geométrico. Suas ruas cresceram a esmo, obedecendo preliminarmente a preocupações de ordem comercial.

O espaço urbano de Desterro, que em 1894 passou a se chamar Florianópolis, estava, até o começo do século XX, limitado à área circunvizinha ao porto, expandindo-se posteriormente até o sopé das encostas dos morros situados nas suas proximidades. (PELUSO JR., 1991). A evolução da cidade foi, pois, marcada originalmente pelas atividades portuárias e administrativas e, em conseqüência, o seu processo de urbanização ajustou-se de início às exigências dessas funções.

Segundo Hübner (1981, p. 18), Florianópolis possuía, no começo do século XIX, as mesmas características de outras cidades coloniais, com:

[...] uma praça central bem próxima ao mar, e, ao redor dela, as principais edificações. Do lado sul da praça, ou melhor, no Largo do Palácio, como era chamada, estava localizado o cais, onde fazia-se o embarque e desembarque dos produtos e passageiros. Do lado oposto estava a Igreja Matriz Nossa Senhora do Desterro: do lado leste, a sede do governo provincial e a sua frente, do outro lado da praça, situava-se a Câmara Municipal. [...] a zona comercial estava localizada, como era natural, próxima ao porto, ou melhor, próxima a Alfândega. Na rua do príncipe (atual Conselheiro Mafra) havia um comércio varejista, cujas casas comerciais eram chamadas de armazéns, lojas de fazenda ou de secos e molhados.

Junto à área portuária, encontrava-se também a atividade de construção naval.

Segundo Hübner (1981, p. 18), “por volta de 1847 já existiam quatro estaleiros na cidade do

Desterro. Em 1870, ainda existiam três estaleiros: um localizado na Prainha, outro na Praia de Fora e um terceiro, mais próximo do trapiche do Rita Maria”.

O porto foi, como se vê, um elemento importante tanto na origem como na evolução da povoação do Desterro. Dentre os elementos determinantes, encontrava-se a ligação marítima, entre Baía Sul, Ilha de Santa Catarina e o continente, a possibilidade de oferecer abrigo às embarcações; em função da sua condição de atracadouro e pela sua localização estratégica, tornou-se parada obrigatória para os viajantes que exploravam o litoral catarinense. (PELUSO JR, 1991).

Desterro obteve um lugar de destaque graças à sua posição geográfica privilegiada, que estava localizada entre as duas principais cidades da costa atlântica: o Rio de Janeiro e Buenos Aires. Associadas à função portuária, destacaram-se desde cedo as funções comercial e administrativa, que tiveram um papel importante na organização de serviços prestados à população local, bem como de estruturas criadas para atender aos viajantes.

As relações sociais estabelecidas com o comércio de outras possibilitaram o aprimoramento técnico e o crescimento da produção. A atividade mercantil se estabeleceu na Ilha graças ao óleo de baleia e ao pescado seco, produtos da época, que já eram então exportados para a parte Norte e Nordeste do Brasil e também para a Europa.

As relações com o mar foram se ampliando, da técnica de coleta e de rudimentares armadilhas para a captura de crustáceos e peixes, graças aos meios de locomoção como canoas e as mais resistentes baleeiras, as redes de fibras de algodão, anzóis e arpões inicialmente importados. A caça a mamíferos aquáticos, baleias, que eram abundantes nestas latitudes, tornou-se o primeiro grande negócio relacionado aos recursos marinhos, acionado por empresa que apenas utilizou o estoque açoriano e afro-brasileiro como mão de obra. O óleo, obtido em armações, teve importância na iluminação e como impermeabilizante em construções. (LAGO, 2000, p.77)



Figura 1- Atividade comercial na região do mercado no início do século XX

Fonte: Acervo do Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IPUF).

Vale ressaltar que, sem dúvida, os interesses portugueses na pesca da baleia devem-se ao fato de que, na época, o óleo extraído era uma espécie de petróleo utilizado para as construções das edificações, iluminação e diversas manufaturas lubrificantes⁹.

No século XVIII e início do século XIX, o porto exercia somente a função de ponto de apoio para embarcações. (HÜBNER, 1981, p. 19)

O crescimento da atividade portuária, apoiada na exportação e importação de produtos agrícolas, proporcionou um desenvolvimento econômico ao mesmo tempo em que se ampliava a função de capital da província de Santa Catarina. Nessa época, o governo Imperial iniciava um processo de organização administrativa para a cidade, aumentando o corpo de funcionários públicos.

O maior impulso ao porto registrou-se, porém, com a imigração européia em meados do século XIX, quando o mesmo passou a centralizar, então, a maior parte da exportação dos produtos da região. A estrutura urbana pouco se alterou nesse período, porém, as relações comerciais foram intensificadas através do porto. A economia crescia baseada no comércio da

⁹ Ao final do século XVIII prolongando-se pelos primeiros anos do século XIX, a situação econômica mantinha-se precária, sofrendo o comércio grandes oscilações no mercado. Ocorreu a decadência da pesca da baleia, cuja atividade exercida desde o início do século XVIII, era praticada através de contratantes que arrematavam o direito de explorá-la através de monopólios. (HÜBNER, 1981, p.19).

produção regional para o mercado nacional, somada, na segunda metade do século XIX, à produção proveniente das novas colônias de imigrantes alemães situadas no continente fronteiro à Ilha. (PELUSO JR, 1991, p.329).

A importância do porto do Desterro esteve relacionada com o desempenho de sua função de escoadouro da produção agrícola do litoral catarinense, tendo como principal produto de exportação da época a farinha de mandioca, distribuída por seus principais portos (Desterro, Laguna e São Francisco), sendo que a produção de Laguna permanecia na própria Província (Desterro), enquanto a do porto de São Francisco, pela sua posição geográfica ao Norte do estado, dirigia-se diretamente à capital do Império (Rio de Janeiro).

A farinha de mandioca foi um gênero produzido por quase todas as províncias da colônia portuguesa e constituiu-se no produto de maior expressão no comércio exportador da Província de Santa Catarina. Produzida em grande quantidade na própria Desterro e também nos arredores do litoral catarinense durante o século XIX, “foi constante a posição de vanguarda da farinha diante dos demais produtos, no que se refere à exportação”. (HÜBNER, 1981, p.81). O quadro a seguir apresenta dados comparativos da quantidade (em alqueires) dos produtos exportados via porto do Desterro no período de 1851 a 1860, o que permite constatar a força da exportação da farinha de mandioca frente aos outros gêneros.

Triênio	farinha	milho	feijão	favas	amendoim	arroz	goma	batata inglesa	farinha de trigo
Total	alqueires	alqueires	alqueires	alqueires	alqueires	alqueires	alqueires	alqueires	alqueires
1851-54	358.958	15.928	15.145	5.869	10.141	7.274	3.412	2.461	058
1854-57	430.035	27.064	23.106	10.785	10.628	8.147	7.669	474	060
1857-60	546.937	67.674	20.965	20.841	14.660	9.096	12.244	010	075

Quadro 1 - Principais produtos exportados na época (XIX).

Fonte: Adaptado de Hübner (1981).

Florianópolis é tipicamente uma cidade de enseada, figurando o porto como um elemento fundamental para a sua origem e evolução. O interesse comercial, representado pela possibilidade de transações com os navios que ancoravam na baía, fez da linha da praia a área de maior concentração de população. Segundo relato dos viajantes,¹⁰ em 1866, a população era de 6.474 indivíduos, e já na República, em 1890, o censo acusava 11.400 pessoas enquanto o censo de 1900 acusou uma população de 13.474 habitantes. (PELUSO JR, 1991, p.316).

A economia crescia baseada na comercialização de produtos regionais para o mercado nacional, enriquecida na segunda metade do século XIX com a criação das novas colônias de imigrantes italianas e alemães em territórios da província de Santa Catarina, que imprimiram um surto de progresso em que:

A praça de Florianópolis, relativamente boa, abasteceu estas crescentes populações durante a segunda metade do século, mas na medida em que o desenvolvimento das colônias atingiu novas etapas, tornando-se independentes, a capital não só perdeu freguesia como viu nascer novos concorrentes. (MAMIGONIAN, 1959, p. 24).

No final do século XIX e início do século XX, a cidade de Florianópolis passou a assumir posições importantes também como praça importadora de produtos provenientes de outras regiões do Brasil e da Europa, ocasião em que os comerciantes açorianos foram gradativamente substituídos por comerciantes de origem alemã, merecendo destaque a figura de Carl Hoepcke responsável pela construção do estaleiro Arataca (1895), da Fábrica de Pontas Rita Maria (1896), da Fábrica de Gelo (1897) e da Fábrica de Rendas e Bordados (1913)¹¹. O empresário Carl Hoepcke foi considerado o pioneiro da industrialização em Florianópolis, contribuindo, de maneira decisiva, para o desenvolvimento comercial da

¹⁰ Os viajantes eram cientistas europeus que em expedições exploravam o litoral brasileiro. Esses descrevem em seus relatos, a geografia do sul do país, a paisagem e o cotidiano da sociedade do século XVIII e XIX.

¹¹ A Fábrica de pregos foi uma das pioneiras no Brasil e encerrou sua produção na década de 1960 enquanto que a fábrica de bordados e rendas continua ainda a sua produção, sem a mesma expressão do passado, quando foi uma das importantes empresas do Estado de Santa Catarina.

cidade¹². Segundo aponta Bastos (2000), outros comerciantes, entre os quais Wendhausen, Mayer, Born e Muller, promoveram a modernização do porto e das relações mercantis com outros mercados, oferecendo uma variedade de artigos antes nunca comercializados. Percebe-se, pois, que o capital comercial florianopolitano foi aos poucos se concentrando nas mãos desses comerciantes descendentes de imigrantes europeus.

Assim, o incipiente desenvolvimento da atividade comercial, ocorrido no final do século XIX, motivado pelas transformações da cidade de base militar para centro administrativo e também pelo crescimento da atividade portuária, criou um novo panorama demográfico, fazendo surgir, então, uma elite formada por comerciantes, pequenos industriais da construção naval e funcionários do governo.

Representada por correntes de imigração que colonizaram a região da Grande Florianópolis, a contribuição italiana foi também importante para a cidade. Procedentes de Montividéu, primeiros italianos chegaram em 1893, inicialmente, por força de contrato de trabalho para construir uma residência na Praia de Fora¹³, onde mais tarde foi instalada a sede do Santa Catarina Country Clube. Dentre as principais famílias de origem italiana que contribuíram para o desenvolvimento da cidade, citam-se os Basadona, Bonetti, Bonfante, Demaria, Cantizano, Cavallazzi, Cuneo, D’Câmpora, D’Aslascio, Evangelista, Faraco, Grillo, Napoli, Pagani, Peluso, Rotolo, Selva, e outros. (CORRÊA, 2003, p.240).

¹² No comércio, Carl Hoepcke foi proprietário da firma Carl Hoepcke e Cia com filiais em várias cidades catarinenses (São Francisco do Sul, Laguna, Blumenau, Joinville, Joaçaba, Lages, e escritórios em Itajaí, Criciúma e São Miguel do Oeste) e em outros estados, como Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro; na área do transporte, criou a Empresa Nacional de Navegação Hoepcke, em 1895, que fazia o comércio de importação e exportação com o resto do país e com a Europa, através da navegação de cabotagem e do transporte de passageiros, com os vapores Max, Meta e Anna e o navio Carl Hoepcke, além do Estaleiro Arataca. Na indústria, fundou a Fábrica de Pontas de Paris Rita Maria, em 1896, a Fábrica de Gelo em 1897, e em 1913, a Fábrica de Rendas e Bordados. Foi inicialmente, representante dos veículos Ford, passando, depois, para os de marca Chevrolet. (CORRÊA, 2003, p. 238).

¹³ Região da atual Rua Bocaiúva e Almirante Lamego, área que se destacou por suas chácaras e também pelas praias.

Além dos imigrantes alemães e italianos, outros grupos de imigrantes destacaram-se no desenvolvimento sócio-econômico e político da cidade, como é o caso dos gregos e sírio-libaneses que chegaram entre o final do século XIX e início do século XX.

Os imigrantes gregos investiram diretamente na atividade comercial, como João Kotzias, que chegou em 1890 com os filhos Estefano e Anastácio, os quais se dedicaram ao comércio de secos e molhados, e tecidos, respectivamente. Os primeiros estabelecimentos comerciais de origem grega localizavam-se na rua Conselheiro Mafra. Aos imigrantes que se estabeleceram no comércio somaram-se outros, como os Atherinos, Garofallis, Pitsica, Savas, Mandalis, Spyrides, Lacerda, Katsips, Christakis, Corfu, Haviaras, Kalafatás e muitos outros. A participação dos descendentes gregos na sociedade, na economia e na política florianopolitana tem sido constante, quer como profissionais liberais, comerciantes ou políticos. Já os primeiros libaneses que chegaram a Florianópolis foram os membros da família Cherem, posteriormente, os membros da família Salim Mansur, em 1905, seguidos dos Mussi, Daux, Amim, Helou, Boabaid, Helias, Pinto, Salum, Mattar, Curi e outros tantos. Investiram fortemente no comércio local, principalmente em lojas de tecidos e armarinhos localizadas na rua Conselheiro Mafra. Além do comércio, deixaram a sua contribuição no setor hoteleiro, como é o caso dos Daux, que inauguraram o Hotel Majestic em 1930 e os Massad o Lux Hotel em 1950. Na política, os descendentes dos libaneses ocuparam altos cargos públicos desde os de governantes do Estado, deputados estaduais e federais, prefeitos e vereadores municipais. (CORRÊA, 2003, p.241-245).

Cabe destacar ainda que a construção da ponte Hercílio Luz, concluída em 1926, teve um significado especial para a cidade, abrindo uma nova era de construções à medida em que crescia a população. Logo após a sua inauguração, surgiram diversas linhas de ônibus, entre

as quais, a mais importante foi a do Estreito, substituindo as antigas viagens através do canal¹⁴.

A facilidade de acesso, decorrente da criação de linhas de ônibus em toda a região com destino à capital, resultou em procura mais freqüente de bens e serviços por parte da população, além de aproximar a capital de outras regiões do estado. O porto pouco sofreu em virtude da construção da ponte Hercílio Luz, já que a navegação continuava a percorrer a costa regularmente e a transportar as cargas que Florianópolis recebia e remetia para outros portos. (PELUSO JR., 1991, p. 331).

Até 1930, Florianópolis permanecia como o maior centro exportador do Estado. Diante da crise internacional, a revolução de 30, refletiu uma nova conjuntura que exigiu grandes mudanças na estrutura econômica e política brasileira, implementadas por camadas sociais nacionalistas e pela formação de um novo pacto político que une latifundiários, ligados ao mercado interno e a burguesia industrial nascente, excluindo do poder os comerciantes de importação e exportação que, em Florianópolis, representavam a elite. (PEREIRA, 2003, p. 7). Nesse momento, a política de integração do território nacional e de eliminação das fronteiras regionais, deu início ao mercado nacional, impulsionando o desenvolvimento de infra-estruturas de transportes e comunicações que atingissem todo o território nacional.

Embora Florianópolis ainda permanecesse com a antiga estratégia de utilização do transporte de mercadorias via cabotagem, para o restante do território brasileiro, essa nova realidade trouxe mudanças significativas para a capital e regiões circunvizinhas decorrentes da ampliação do sistema rodoviário, bem como da conjuntura sócio-econômica brasileira¹⁵.

¹⁴ A travessia do canal entre a ilha e o continente data dos primeiros tempos da fundação de Desterro. Até 1926, quem fazia a viagem por terra a Florianópolis encontrava, no Estreito, meios de chegar a capital.

¹⁵ Após a instauração do Estado Novo, em novembro de 1937, o governo suspendeu o pagamento da dívida externa, justificando a medida com a necessidade de preparar o país para eventualidade de uma nova conflagração mundial. A instauração da ditadura aumentou o peso político da cúpula militar, que se aliou à corrente industrializante dentro do governo. A partir desse momento o Estado passou a participar diretamente do

Ao lado da lenta integração da economia local à economia capitalista de mercado, deu-se a desestruturação da economia de auto-suficiência. Nesse contexto, a capital catarinense acabou permanecendo por muito tempo vinculada à estrutura econômica anterior à década de 1930, razão pela qual passou por um período de estagnação econômica.

A função portuária indutora das atividades comerciais em Florianópolis, não resistiu a essa nova conjuntura econômica e social, que culminou com a incapacidade de permitir o atracamento dos modernos navios a vapor, cujo calado foi incompatível com a baixa profundidade do canal de acesso, entrando em decadência na metade do século XX. Com o fechamento do porto em 1970, a cidade se consolidou na condição de centro político-administrativo, prevalecendo a atividade terciária e o crescente dinamismo como prestadora de serviços.

1.2 As características geo-históricas da Ilha de Santa Catarina

Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina, tem nas atividades administrativas e terciárias a base da sua economia. Seus 451 Km² são divididos em duas porções de terra: uma insular (438,9 Km) e outra continental (12,1 Km²). A ilha de Santa Catarina, situada entre as latitudes 27°22' e 27°50', está separada do continente pelas baías Norte e Sul, cuja profundidade máxima varia de 11 a 12m. As duas baías são separadas por um estreito de cerca de 500m de largura, no qual a profundidade pode chegar a 30m, sobre o qual foram construídas três pontes que ligam a Ilha ao continente nos dias de hoje. Essa configuração

processo de industrialização. [...] A hegemonia capitalista se instaura no Brasil a partir desta época, em que o fomento da industrialização – ou seja, da acumulação de capital industrial – passou a ser a prioridade máxima dos sucessivos governos. Os interesses de outros modos de produção presentes na formação social brasileira – produção agromanufatureira semi-servil, semicapitalista e a produção simples de mercadorias – foram, desde então, público e privado, nacional e multinacional e financeiro do Estado. No Estado Novo (1937-1945) a decidida ampliação do sistema de previdência social e da legislação do trabalho, inclusive com a concessão de algumas reivindicações do movimento operário, como a jornada de 8 horas e a instauração do salário mínimo. (SINGER, 1987, p.73).

permite classificá-la em Ilha-continental por possuir traços geológicos continentais, por seu relevo ser caracterizado pela associação e duas unidades geológicas maiores, com a elevação dos maciços rochosos e as áreas planas de sedimentação, delineando as denominadas serras litorâneas e planícies costeiras, unidades geomorfológicas que caracterizam a Ilha. (CECCA, 1997, p. 15).

O sítio original de Florianópolis é caracterizado por uma formação geomorfológica denominada “terraços”, situados numa altitude média de 25m, chegando a atingir 30 m na cabeceira da ponte Hercílio Luz. Esses terraços foram erodidos pelo mar e por córregos que formam pequenos vales entremeados por largos patamares. Essa formação facilitou a ocupação urbana cuja expansão, a partir do núcleo inicial, deparou-se com obstáculos de fácil transposição, no mar calmo das baías e nas encostas pouco íngremes do morro da Cruz, o que propiciou a construção verticalizada das edificações de grande porte, com exceção das áreas compostas por manguezais¹⁶.

Atualmente, a área reconhecida como núcleo urbano central de Florianópolis, objeto deste estudo, abrange o território de forma triangular situado no espaço insular a oeste do Morro da Cruz, delimitado pelas baías Norte e Sul e pela Avenida Mauro Ramos. Tal espaço tem em um dos seus vértices, a Ponte Hercílio Luz; no seu nascente, as encostas do morro da Cruz e as pontes que ligam a ilha ao continente no seu poente¹⁷.

¹⁶ Peluso JR (1981 *apud* VAZ, 1991, p.23).

¹⁷ O mar e o morro da Cruz, desde a formação da cidade constituíram-se como marcos visuais naturais. (VAZ, 1991, p.24)

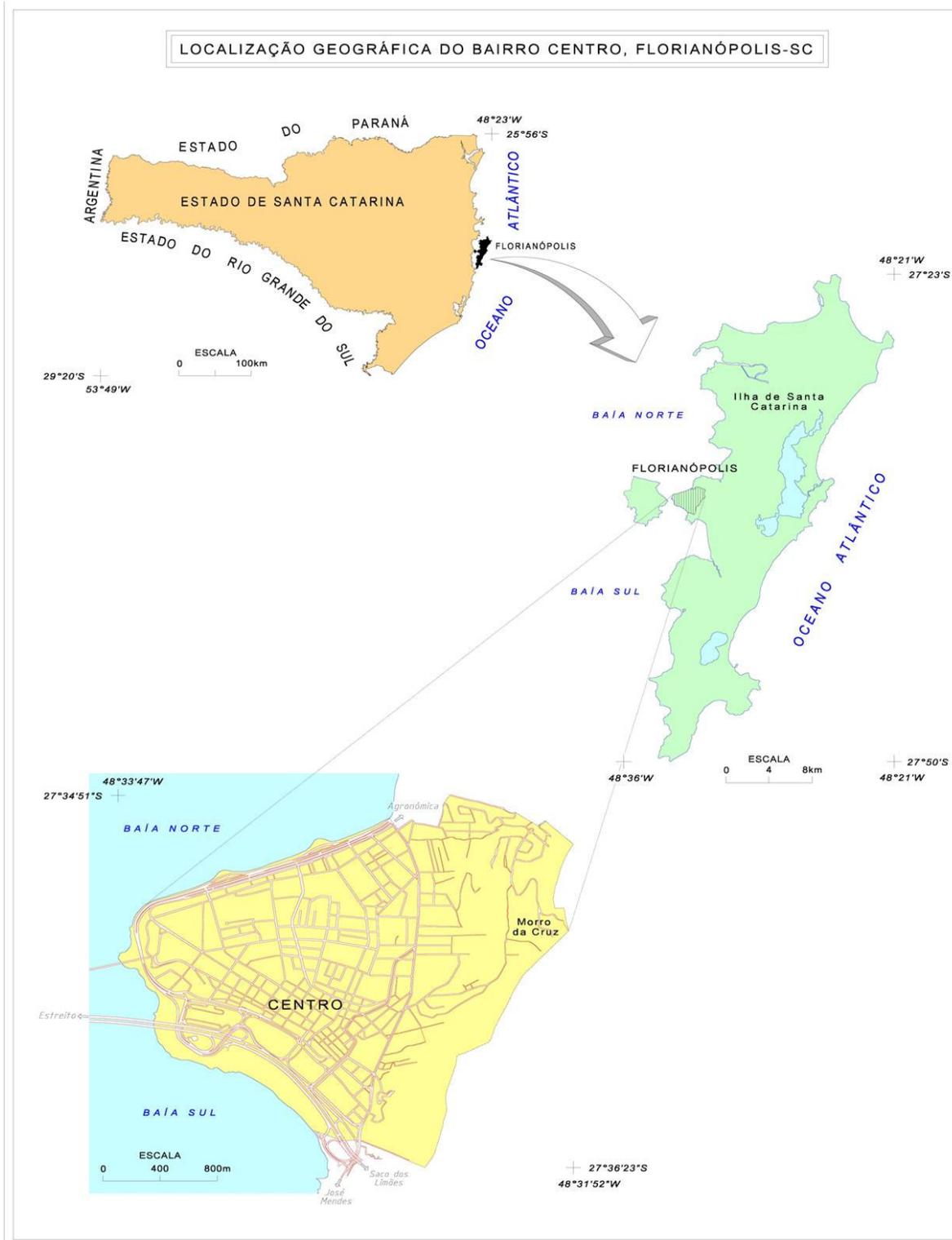


Figura 2 - Mapa de Florianópolis

Fontes: Levantamento Aerofotogramétrico do Aglomerado Urbano de Florianópolis Vetorização, digitação e edição: Geógrafo. José Henrique Vilela (out/2004)

Esc.1:10000, PMF/IPUF, 1979.

Ortofotocarta do Município de Florianópolis, Escala 1:5000, IPUF/Aeroconsult, 2002

1.3 As transformações do espaço urbano central de Florianópolis

O sítio original de Florianópolis passou por várias transformações decorrentes das diversas etapas de crescimento e adensamento da cidade.

Conforme descreve Vaz (1991, p. 24), no século XVII, período da sua fundação, a povoação do Desterro possuía as seguintes características:

A existência de uma praia abrigada e de fontes de água [...] a mata original e as águas claras e calmas das baías rodeadas de morros, muito semelhantes a inúmeras pequenas enseadas ainda despovoadas do litoral catarinense, compreendendo-se as razões que levaram à escolha do lugar para sediar a propriedade do seu fundador. [...] a localização da capela de Nossa Senhora do Desterro na pequena colina que domina a praça, voltada para o mar.

Já o modelo da praça seguia o padrão da ocupação portuguesa para as colônias:

A praça litorânea tornou-se centro principal da vila com a forma retangular medida a palmo, a igreja situada ao alto da colina e voltada para o mar, a localização lateral da casa da câmara e cadeia, da casa de governo e dos pontos de comércio fixos, o abastecimento na praia onde encostavam pequenas embarcações. (VAZ, 1991, p.27).

A meta dos governadores de formar um verdadeiro núcleo central na Ilha tomou corpo, esboçando-se um centro urbano fronteiro à praia, cujo núcleo principal gravitava em torno da ermida representada pela primeira capelinha construída por Dias Velho, que serviu de ponto de partida. (VEIGA, 1993, p.35).

Faziam parte do conjunto arquitetônico do largo da Matriz: a Catedral (reformada pelo Brigadeiro da Silva Paes entre 1753 e 1773, substituiu a antiga ermida de Dias Velho), o Palácio do Governo e a Casa da Câmara e a Cadeia. (VEIGA, 1993, p.189).

No mesmo período (1761 a 1771), foram erguidos também os Fortes de São Francisco Xavier, Sant'Ana, São Luís, São João e Santa Bárbara. Essas construções induziram a expansão do núcleo central às adjacências dos caminhos que lhes davam acesso, incentivando a ocupação das porções Norte e Sul do Triângulo Central. De acordo com o Mapa de 1819 (Figura 3), ao longo dessas trilhas, extensas e aprazíveis chácaras residenciais foram se

estabelecendo e os primeiros bairros começaram a se esboçar, Estreito, Tronqueira, Mato Grosso, Praia de Fora, Menino Deus, e Rita Maria.

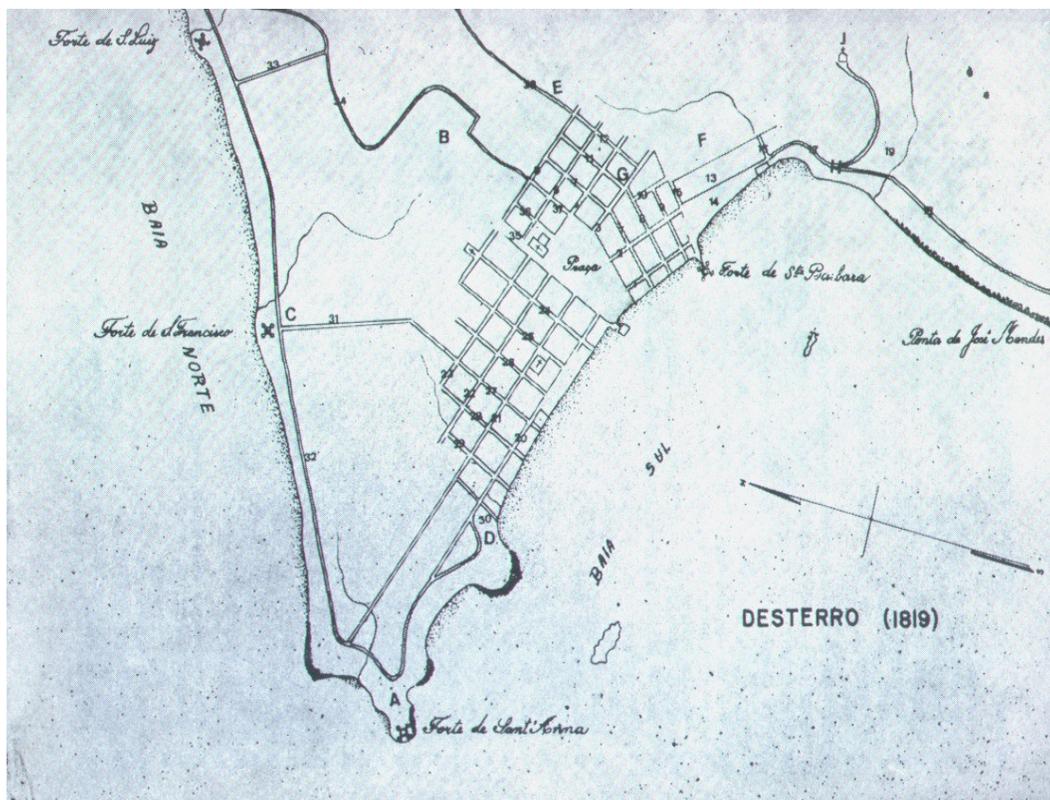


Figura 3 - Mapa do Desterro em 1819, localização dos principais bairros.
Fonte: CABRAL (1972).

Legenda:

A – Estreito

B – Mato Grosso

C – Praia de Fora

D – Figueira

E – Tronqueira

F – Campo do Manejo

G – Pedreira

H – Toca

I – Menino Deus.

É importante ressaltar que o mesmo espaço que nos dias de hoje corresponde núcleo urbano central (triângulo central) de Florianópolis, no século XIX representava áreas distantes, sendo algumas delas, na época consideradas extremidades, como é o caso dos bairros do Estreito e da Praia de Fora. A Praia de Fora era repleta de chácaras e o Estreito despontava como um aglomerado industrial mais compacto, enquanto que o chamado bairro Rita Maria já no final do século abrigava os empreendimentos de Carl Hoepcke, reforçando uma aparência industrial nessa área da cidade.

Nos séculos XVII e XVIII, as ruas e as praças não eram calçadas. Em função do crescimento urbano (apesar de lento), aos poucos, o arruamento foi apresentando problemas decorrentes da falta de conservação. De acordo com Veiga (1993, p. 142):

Em meados do século XVIII, as questões de calçamento e conservação passaram a ser uma das principais preocupações da Câmara e do Executivo Municipal. Somente a partir de 1898 com o código de posturas municipais foram estabelecidos parâmetros de largura para ruas, travessas e estradas, bem como outras leis de incentivo a construção civil, sujeitando os investidores a pagamento de impostos dos terrenos localizados no perímetro urbano.

Com a Proclamação da Independência do Brasil (1822), Desterro foi elevada à categoria de cidade pelo Decreto Imperial de 24 de fevereiro de 1823. A capital da agora Província de Santa Catarina expandia-se ao longo do litoral da Baía Sul e já se ligava à Praia de Fora no litoral Norte, e ao Saco dos Limões por caminhos mais apresentáveis. (CORRÊA, 2003, p. 149). Nesse período, já possuía o seu perímetro urbano definido, apresentando ruas retas com vinte e quatro pés de largura, além de já existir algum calçamento naquelas que dirigiam em declive à praia para que as enxurradas não as esburacassem. As casas, algumas de até dois andares, eram construídas de pedra (o granito, que compõe a soleira e o arco de abóbada das portas, empresta-lhes um certo luxo) e tijolo. Na praça central, estava fincado um patíbulo de madeira onde eram presos e castigados os escravos puníveis. Junto ao mar, funcionava, aos domingos, uma feira ou mercado. Não havia hotéis nem restaurantes na

cidade e as refeições eram feitas em tavernas onde todas as classes sociais se misturavam. O comércio era pequeno, mas encontrava-se o necessário, desde manufaturas de linho de algodão até licores feitos no local. Os artesãos eram em maior quantidade, como alfaiates, sapateiros, ferreiros, latoeiros e marceneiros. (CORRÊA, 2003, p. 149).

Peluso Jr. (1991, p.316), ao tratar o plano urbano de Desterro, coloca que, em 1823, o traçado básico da cidade era definido com uma praça central localizada no centro da costa da enseada, onde a curva da orla marítima é mais acentuada.

Por outro lado, a linha original da praia determinou o traçado das primeiras ruas de Desterro e influenciou decisivamente na forma da praça ou Largo da Igreja, tendo sido limitada, em suas laterais, por duas perpendiculares traçadas sobre a linha da praia. Como a praia fazia uma ligeira curvatura, justamente na parte fronteira ao alto da colina, as perpendiculares lançadas sobre a linha do mar se afastavam à medida em que ganhavam a encosta. (VEIGA, 1993, p.56). Daí o porquê da forma irregular da praça XV de Novembro, mais estreita na orla do mar e mais larga no topo da colina, forma que influenciou no traçado geral da cidade.

Na segunda metade do século XIX, a cidade exercia nitidamente a função praça centralizadora do comércio exportador local, o que deu origem a uma burguesia comercial, conforme registram Vaz (1991) e Veiga (1993), responsáveis por intervenções humanas na paisagem. Nesse momento, surgem os sobrados e as chácaras, bondes puxados a burros e a iluminação nas ruas.

Eliane Veiga, na obra Transporte Coletivo de Florianópolis, descreve a evolução do transporte público na cidade e quando se refere aos primeiros meios, destaca que, por volta de 1830, vários tipos de carros e carroças puxados por cavalos circulavam pelas ruas desterrenses. Transportavam pessoas, mercadorias, água potável, recolhida das fontes particulares e até os defuntos para os enterros. As carroças de ganho tinham, em 1883, ponto definido pela municipalidade: o Mercado Municipal. E os trajetos, a partir do Mercado,

alcançavam o Campo do Manejo (nas imediações do atual Instituto Estadual de Educação) e percorriam as ruas Formosas (atual Esteves Jr.), Menino Deus, Visconde de Ouro Preto, Ilhéus entre outras. Em 1860, havia tílburis na cidade, uma espécie de carro de duas rodas e dois assentos, sem boléia, com capota e puxado por um só animal. Eram comuns, por volta de 1870, empresas que alugavam os carrinhos puxados a cavalo. Em 1880, surgiram os bondes puxados a burro, que marcariam, até 1934, o ritmo da pacata capital de Santa Catarina por mais cinqüenta anos. Os bondes, em geral importados da Europa – puxados por burros, a vapor, ou elétricos – tornaram-se “um espaço de demonstração de civilidade e de lugar social” em todo o Brasil. (VEIGA, 2004, p.30-37).

O crescimento urbano foi operado a partir do Largo da Igreja e se projetou primeiramente em busca da água, verificando-se o adensamento ao longo das ruas que conduziam às cariocas e às fontes públicas, que se localizavam na parte leste, áreas em que hoje se situa a rua Anita Garibaldi (antiga rua do Desterro), que se encontrava, já naquele momento, densamente edificada. O mesmo se verificou quanto às ruas Conselheiro Mafra (antiga rua do Príncipe, denominada também de rua do Comércio e rua Altino Correia), General Bittencourt (antiga rua da Tronqueira), Vidal Ramos (antiga rua da Palhoça e também denominada de rua 28 de Setembro) e adjacentes que, por volta de 1840, apresentavam bastante densidade. A própria localização do atual Instituto Estadual de Educação (antigo campo do Manejo) também teria sido influenciada pela aguada fácil, tanto para suprir as tropas como para necessários serviços de higiene¹⁸. (SILVA, 1999; VEIGA, 1993). Nessa época, Desterro começou a sentir os problemas urbanos gerados pelo modo de vida dos seus habitantes apesar das inúmeras leis e proibições que impunham à população para a manutenção de um o ambiente salubre.

¹⁸ Embora a preocupação com a higiene ainda não fizesse parte do cotidiano da época, conforme foi relatado pelos historiadores Cabral (1971), Várzea e posteriormente por Veiga (1993), os problemas sofridos por Desterro em função da falta de saneamento urbano e do modo de vida de seus habitantes os quais jogavam o lixo e os despejos humanos nas praias, bem como nos quintais, fazendo das ruas igualmente locais de despejo de dejetos e águas servidas, facilitavam a propagação de doenças e epidemias.

Até o final do século XIX, todas as normativas referentes à saúde urbana, limitavam-se às precárias determinações de regras para funerais, determinações de locais próprios para instalação de hospitais, quarentenas a bordo dos navios, bem como campanhas de desinfecção e prevenção de epidemias. Somente no início do século XX, foram implementados serviços voltados para a área da saúde, atribuindo ao município a função de organizar e inspecionar, sob o ponto de vista higiênico, quaisquer habitações particulares ou coletivas. Competia ao Serviço de Higiene realizar uma série de melhoramentos urbanos, como: o enxugo do solo, drenagem dos terrenos úmidos e pantanosos, limpeza dos rios e valas, abastecimento de água potável, esgotos, iluminação pública, calçamento e arborização. (VEIGA, 1993, p. 143-147)

De acordo com Marcon (2000, p. 88),

A administração municipal demonstrava preocupação com a organização espacial da Capital, através da edição de 61 leis municipais, entre 1895 e 1898, que foram as primeiras iniciativas governamentais voltadas a transformar a cidade, fazendo com que a mesma adquirisse características mais modernas.

Assim sendo, somente no início do século XX a cidade passou a ter características mais aprazíveis e uma organização urbana com melhoramentos na infra-estrutura disponibilizada à população, tais como: abastecimento de água; saneamento; calçamento; limpeza e iluminação pública.

Veiga (1993, p. 148) assinala que, o final do século XIX e o início do século XX foram marcados pelas construções, reformas e melhorias na cidade, dentre as quais lembra a reforma do Palácio (1896), a ampliação do novo Mercado Público¹⁹ (1905), a instalação do serviço público de abastecimento de água (1906) e do esgoto sanitário (1906-1913), a construção da usina hidroelétrica para abastecimento da cidade em substituição do sistema de

¹⁹ Os primeiros aglomerados de mercados no Desterro concentravam-se desde fins do século XVIII, na praia em frente a praça principal. Eram vendedores de peixe e agricultores, que com o passar dos tempos construíram barraquinhas. Em função dos problemas sociais e pelas condições insalubres e das proliferações epidêmicas, sendo que ao mesmo tempo existia um movimento para limpar a área central da cidade em 1891 foi inaugurado o primeiro mercado edificado localizado também próximo a praça (esquina com a João Pinto), mas esse foi demolido em 1899. O novo mercado foi construído em outro terreno afastado da praça e inaugurado também em 1899 e a sua ampliação aconteceu já no século XX. (SILVA, 1999).

iluminação pública a gás (1910) e a montagem das linhas de bonde movidas a tração animal (1906-1910). A cidade tomou forma e traçado urbano definido, com a abertura das Avenidas Mauro Ramos, Hercílio Luz e Rio Branco. O ritmo da construção civil adquiriu um novo impulso, com a construção e/ou ampliação das seguintes instituições: o Colégio Coração de Jesus (1902), o Ginásio Catarinense (1906), a Maternidade Carlos Corrêa (1920) e o Ginásio Catarinense (1924). O período foi encerrado com a obra de maior investimento e importância da época: a construção da ponte Hercílio Luz (1924 – 1926). Inaugurada em 1926, representou os primeiros ares de modernidade da cidade, ligando a ilha ao continente e permitindo o fluxo e a integração com o litoral central, bem como com as outras regiões do estado.

A construção da ponte Hercílio Luz ligando a ilha e o continente, entre 1922 e 1926, foi realizada pela empresa norte-americana Byngton & Sundstron, num sistema pênsil estabilizado por duas torres metálicas que suportavam o vão central. Foi projetada para circulação de pedestres e o tráfego rodoferroviário, além de permitir a passagem de navios no canal, mobilizando 1000 operários de todo país. (SANTOS, 2000, p. 24)

A inauguração da ponte Hercílio Luz provocou mudanças de cunho viário na cidade de Florianópolis, com o realinhamento das ruas em direção à ponte, como foi o caso das atuais Conselheiro Mafra e Felipe Schmidt, responsáveis pelo tráfego até o centro e, posteriormente, do prolongamento das ruas Tenente Silveira, Padre Roma e Avenida Rio Branco, bem como a necessidade de realocização do antigo cemitério público,²⁰. “Até 1926, quando foi construída a ponte Hercílio Luz, o transporte oficial dos passageiros entre o continente e a Ilha era feito através de lanchas que faziam o trajeto da Passagem Valente, no continente, até o Trapiche Municipal, fronteiro à Praça XV de Novembro, na Ilha”. (VEIGA, 2004, p.38).

Cabe ressaltar, por outro lado, que, em 1920, antes, pois, da conclusão da ponte Hercílio Luz (1926), foi inaugurada a primeira linha de transporte motorizado, que saía da

²⁰ O antigo cemitério público era localizado na rua do Senado, atual Felipe Schmidt e foi transferido do antigo bairro Estreito para o bairro Três Pontas, atual bairro do Itacorubí em 1925, com a implantação dos eixos viários que deram acesso à Ponte Hercílio Luz. (VEIGA, 1993, p. 298).

Praça XV de Novembro até o bairro da Agrônômica. Desde o início, os serviços de transportes coletivos por ônibus já contavam com as dificuldades de tráfego pelas ruas da cidade. Naquele momento, as infra-estruturas urbanas e viárias eram precárias. Além da falta de calçamento, as ruas estreitas dificultavam o trânsito de veículos. A ponte Hercílio Luz, porém, gerou uma profunda modificação na estrutura da cidade, abrindo também uma nova era às comunicações ao possibilitar uma maior fluidez ao sistema viário da cidade. O transporte rodoviário vai aos poucos substituindo o marítimo, facilitando a chegada na ilha de pessoas e novos produtos advindos de outros estados²¹.

A capital do estado mereceu atenções dos programas “desenvolvimentistas” de governantes, nesse caso, do governador Hercílio Luz, responsável pelo primeiro sistema de esgotos do município, pela construção do aeroporto e de uma avenida que também levou o seu nome, o que contribuiu para a expansão urbana e para o crescimento econômico da cidade. (CAMPOS, 2004, p. 97).

A partir de 1930, o município passou a enfrentar um período de estagnação, causado por dois fatores determinantes. O primeiro representado pela grande crise do capitalismo de 1929 e o segundo, pela Revolução de 30²², quando o governo local fez parte da oposição à candidatura de Vargas. Apesar do avanço da industrialização do país, sobretudo depois de 1930, a cidade manteve-se, basicamente, com o crescimento do setor público, com uma pequena produção agrícola e pesqueira e apenas algumas iniciativas industriais de caráter local. Por isso, nos anos que sucederam a Revolução de 30, a cidade permaneceu sem grandes alterações, praticamente estagnada. Devido à ação estatal através da afirmação de políticas sociais, a economia florianopolitana se manteve ou, no mínimo, evitou a sua involução

²¹ Com o porto decadente e o incremento do transporte rodoviário, facilitou-se a entrada de diversos gêneros dos vales catarinenses e dos estados do Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo, regiões tecnicamente mais produtivas com as quais Florianópolis não podia competir. De porto intermediário, exportador e importador, a capital transformara-se em uma cidade apenas consumidora de produtos que chegavam cada vez mais por via terrestre. (CECCA, 1997, p. 58).

²² O desenvolvimento do capitalismo é marcado por ciclos ou ondas (ciclos de Kondratieff) em que os períodos de recessão atuam sobre a formação sócio-econômica brasileira exigindo ajustes para que o país possa alavancar um novo período de crescimento.

econômica. No período de 1940 a 1950, Florianópolis era uma cidade essencialmente administrativa, época em que se definia uma tendência à terceirização na economia, assinalando a sua vocação econômica nessa direção. (CECCA, 1997, p. 208 – 210).

Segundo Peluso Jr. (1991, p. 318), a população de Florianópolis, em 1900, era de 13.474 indivíduos e já atingira, em 1940, os 25.014 habitantes, aumento populacional que exigiu grande número de habitações. Em 1950 (Figura 4), a cidade, já com 48.264 habitantes, exercia essencialmente a função administrativa de capital do estado de Santa Catarina, apresentando um aspecto agradável, com praças e ruas arborizadas.



Figura 4 - Florianópolis de 1950
Fonte: SILVA (1999).

A partir de meados do século XX, o papel desempenhado pelo Estado, tanto na esfera federal como na estadual, foi decisivo para incrementar o desenvolvimento urbano de Florianópolis. Foram criadas empresas estatais que alavancaram o crescimento populacional e promoveram a expansão da mancha urbana, entre elas, as Centrais Elétricas de Santa Catarina (CELESC), a Telecomunicações de Santa Catarina S/A (TELESC), além da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC (1960).

O papel desempenhado pelo Estado, tanto na esfera federal como na esfera estadual, é de fundamental importância para a compreensão do processo de urbanização recente na região metropolitana de Florianópolis uma vez que a nova divisão territorial do trabalho estabelecida pelo desenvolvimento industrial brasileiro e catarinense imprimiu a capital dos catarinenses novas importantes funções administrativas compatíveis com a ordem econômica social vigente pelo menos desde a década de 1930. (BASTOS, 2000, p.135).

Uma das grandes obras na área urbana de Florianópolis foi a construção de aterro na Baía Norte para dar origem à Avenida Rubens de Arruda Ramos, em 1960. Toda a área que corresponde aos fundos das ruas Almirante Lamego, Bocaiúva e Frei Caneca foi logo utilizada pelas empresas do ramo da construção civil para construção de edifícios de 12 andares. Nesse local, passou a residir a elite florianopolitana.

A construção da BR 101, inaugurada em 1971, contribuiu, também, para a intensificação do crescimento urbano de Florianópolis ao facilitar a comunicação e o acesso aos diversos pontos do território catarinense e destes com a capital. A crescente classe média ganhou representatividade, loteando novos bairros residenciais, como os bairros da Trindade, Pantanal, Córrego Grande, entre outros. A ação do poder público estadual e federal transformou o perfil das atividades administrativas, dinamizando serviços e implantando novos empreendimentos através de investimentos que reforçaram o setor terciário superior. Em 1970, deu-se a transferência da sede da ELETROSUL (Centrais Elétricas do Sul do Brasil) do Rio de Janeiro para Florianópolis.

O Estado de Santa Catarina e, principalmente, Florianópolis, ganharam com a instalação na Ilha, dessa “massa crítica” de dois mil funcionários de nível superior da ELETROSUL, percebendo e investindo na cidade grande parte de seus salários, bem mais elevados do que aqueles pagos na Ilha. Além disso, uma parte do pessoal foi contratado em Florianópolis, o que ajudou a melhorar seu nível de vida e o patamar de suas expectativas. (CARNEIRO, 1987, p.203).

Os funcionários da ELETROSUL, recém chegados à Florianópolis, apresentavam com um poder aquisitivo maior, o que provocou um aquecimento no mercado imobiliário em função da demanda por terrenos, casas e apartamentos. Essa expansão do mercado

imobiliário, além de gerar transformações na organização espacial urbana, impulsionou também o ramo da construção civil. Conforme aponta Campos (2004, p.117),

Com o “boom imobiliário”, Florianópolis passou por um processo de transformação fisionômica, fruto do engajamento dos empresários da construção civil no setor e pelas condições favoráveis. O período da construção civil, deu-se, mais precisamente de 1971 a 1979, o espaço de tempo onde ocorreram os primeiros investimentos significativos e de elevada monta na construção de grandes edifícios residenciais e comerciais. A classe média, nessa época apresentava condições financeiras e renda compatível para adquirir imóveis.

Nota-se, portanto, que a construção civil teve grande importância na expansão urbana de Florianópolis, pois participou efetivamente no desenvolvimento econômico-social da cidade, proporcionando, ao lado da ascensão de empresários que se dedicaram ao ramo imobiliário, a melhoria do padrão da habitação local, bem como a geração de novos empregos e fonte de renda para população²³.

Segundo Marcon (2000, p.144), a administração estadual catarinense, especificamente “o governo de Ivo Silveira, através do PLAMEG (Plano de Metas do Governo), de 1966 a 1971, ampliou consideravelmente os órgãos estatais, principalmente os que atuavam no setor financeiro e de apoio à expansão industrial”. Também no período do PLAMEG foi elaborado o projeto de construção da segunda ponte, ligando a ilha ao continente, executado no governo de Colombo Machado Salles (1971 a 1975). Nesse contexto, surgiu o Banco de Desenvolvimento do Estado (BESC) e o Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul – BRDE. (PELUSO JR, 1991, p. 340).

²³ O desenvolvimento e o crescimento da construção de edifícios residenciais em Florianópolis, muito se deve ao Sistema Financeiro da Habitação e ao próprio Governo Federal, que incentivava essa indústria Segundo Campos (2004, p. 116), com o crescimento da economia brasileira no início da década de 70, e a explosão do chamado “milagre econômico, a construção civil foi um dos setores da indústria nacional que mais se destacou, sendo um dos grandes responsáveis pelo incremento do Produto Interno Bruto e das taxas de emprego no período. No que diz respeito ao setor habitacional, com impulso do Sistema Financeiro Habitacional, o brasileiro começou a ter o sonho da casa própria. Com o milagre econômico todas as indústrias se desenvolveram, propiciando a seus empregados melhores condições de vida e poder aquisitivo, e quanto a influência regional, no caso específico da Grande Florianópolis, os efeitos e benefícios à economia local foram logo sentidos, principalmente no tocante aos aspectos sociais.

A construção dos espaços físicos para abrigar essas instituições não estatais teve, a partir de 1960, um papel decisivo na expansão do espaço urbano da Capital, considerando-se que a Ilha centralizou a maioria dessas repartições públicas.

O crescimento urbano de Florianópolis acelerou a partir de então, e, com a construção da BR101, inaugurada em 1971, a comunicação e o acesso aos diversos pontos do território catarinense e destes com a capital foi facilitada. Posteriormente, desenvolveu-se também, no país, um moderno sistema de telecomunicações, difundindo o uso do telefone.

Nesse período, a cidade passou a atrair também um contingente maior de pessoas, estudantes e professores, estimulados pela criação e pela atuação de grandes empresas estatais estaduais e federais. (CECCA, 1997, p.59). Foi a partir de então que efetivamente se deram os grandes impactos sobre o espaço urbano de Florianópolis, com o adensamento do centro e a expansão de sua periferia de forma tentacular.

A criação de agências regionais das instituições prestadoras de serviços, das estatais e das grandes empresas sediadas na capital reforçou a integração da rede urbana catarinense, reafirmando o papel de Florianópolis como centro administrativo do estado de Santa Catarina. Por outro lado, as modificações provocadas na cidade devido à intervenção estatal geraram uma demanda por trabalhadores qualificados, que se refletiu num aumento populacional significativo em relação ao contingente de habitantes naturais. Essa situação fez surgir um novo mercado consumidor, que fomentou o desenvolvimento da construção civil, ao mesmo tempo em que a ampliação do sistema rodoviário e a melhoria das infra-estruturas urbanas fomentaram o desenvolvimento turístico a partir de 1970.

Em 1970, a cidade já possuía uma população de 115.547 habitantes e, para atender às exigências estruturais viárias e urbanas, novos incentivos estaduais e federais revolucionaram a configuração urbana, como foi o caso do aterro da Baía Sul, que, dentre outras funções,

facilitou o escoamento do fluxo do tráfego urbano em direção às pontes Colombo Sales (1975) e Pedro Ivo Campos (1991).

A partir de então, outras estruturas foram criadas, tais como novos aterros, estradas, duplicações, viadutos e túneis, planejados para atendimento da crescente demanda local.

1.4 Ordenamento urbano da cidade: resenha histórica dos Planos Diretores

A discussão sobre o ordenamento espacial foi levantada já na década de 1950, quando o estado elaborou planos, implantou equipamentos urbanos e realizou intervenções viárias que refletiam a sua ação sobre o papel do poder público no processo de produção do espaço urbano florianopolitano.

Foi na gestão do Prefeito Paulo Fontes (1951 a 1955), que foi desencadeado o processo de construção de um Plano Diretor para a capital catarinense. De acordo com Adams (2002, p.125), “o Plano Diretor de 1955 propunha a implantação do Campus Universitário na área Central, realizada posteriormente no bairro do Pantanal, bem como o remanejamento parcial do traçado viário”²⁴. A proposta privilegiava o desenvolvimento comercial e industrial de Florianópolis de modo que as funções da cidade universitária apresentavam-se como complementares, pois a mesma traria um incremento através da demanda gerada por profissionais qualificados. Previa, também, a construção de um eixo de circulação principal, um porto na região do continente (no bairro Estreito), a execução de um grande aterro entre a Ponta do Leal e a ponte Hercílio Luz, ao longo do qual estariam distribuídos os diferentes usos urbanos, como as atividades industriais, um centro comercial moderno com construções de até doze pavimentos, sendo que, ao redor desse complexo portuário-industrial-comercial, estariam as áreas residenciais e de expansão urbana.

²⁴ Foi elaborado inicialmente pelos arquitetos Evaldo P. Paiva, Demétrio Ribeiro e Edgar A. Graeff.

(MARCON, 2000, p.117). Previa, ainda, a construção, na orla norte, de uma avenida Beira-Mar com 30 metros de largura, que ocuparia, em parte, os fundos de lotes existentes e, em parte, áreas de aterramento, onde seria permitido um gabarito de até oito pavimentos²⁵.

No Centro, foi construído o cais da futura Avenida Beira Mar, à altura do Jardim Dias Velho, conforme previa o Plano Diretor. Já se imaginava, àquela época, uma grande avenida, contornando a orla da cidade pelas duas baías. Era um trabalho previsto para várias administrações. A avenida Rio Branco e a Rua Tenente Silveira foram prolongadas, sendo realizado o rebaixamento da rua Filipe Schmidt para permitir a fluidez do tráfego em direção à ponte Hercílio Luz. (VEIGA, 2004, p.142). Dessa forma, o perímetro urbano abrangeria apenas a região continental e o polígono central, excluindo o restante da ilha. (ROCHA, 2001, p.58). Não foram implementadas todas as propostas, a começar pelo porto, que nunca chegou a ser construído no continente. O esperado desenvolvimento econômico previsto no plano também não aconteceu e o panorama na cidade não se modificaria nesse período. Entretanto, a intenção do Plano representou um primeiro passo rumo ao ordenamento urbano e ao controle do uso e ocupação do solo.

O segundo Plano Diretor, conforme relata Campos (2004, p. 177), foi inspirado num planejamento integrado, instituído no país durante o Regime Militar de 1964. Por tratar-se de um Planejamento Tecnocrático, seguiu as orientações do “Planejamento Integrado”, preconizado pelo Serviço Federal de Habitação e Urbanismo (SERFHAU), no início da década de 1970, e buscava transformar Florianópolis em pólo integrador do Estado.

O Plano de Desenvolvimento Integrado da Região da Grande Florianópolis (1969) foi realizado na gestão do Prefeito Acácio Garibaldi, pelo ESPLAN (Escritório Catarinense de Planejamento), ficando a coordenação do projeto a cargo do arquiteto Luis Felipe Gama D’Eça. O Plano buscava a integração urbana entre os municípios de Florianópolis, São José,

²⁵ A avenida Beira Mar teve a sua construção iniciada na década de 1960, e foi concluída no início dos anos de 1970.

Palhoça e Biguaçu. Para tanto, eram previstos: uma rede viária hierarquizada em toda região conurbada; criação de um novo centro urbano para Florianópolis, através da urbanização de alta densidade e gabarito elevado no Aterro da Baía Sul, atual Parque Metropolitano Dias Velho; criação de um Setor Oceânico Turístico na costa leste da Ilha; estruturação de setores industriais ao longo da BR 101, na área continental nos municípios de São José, Palhoça e Biguaçu; declaração de interesse turístico de todos os balneários da costa leste da Ilha; incentivo a hotéis de alta categoria em pontos estratégicos da orla. O adensamento habitacional ficava condicionado à implantação de infra-estrutura de saneamento básico. Tais medidas, porém, não foram instituídas por Lei Municipal.

Em 1976, foi aprovado, na Câmara Municipal de Vereadores, através da Lei Municipal nº 1440/76, o Plano Diretor de Florianópolis, também elaborado pelo ESPLAN. Dentre as principais propostas, destacam-se a criação de um Órgão Municipal de Planejamento para implementar e gerir permanentemente o processo de planejamento no Município de Florianópolis, tendo como origem o IPUF; a estruturação urbana da capital como pólo da Região Metropolitana, sede da administração pública estadual e principal centro de negócios, serviços e turismo do Estado, através de um significativo adensamento habitacional da classe média e alta nas áreas centrais insular e continental, e da caracterização dos municípios continentais como centro de apoio à capital. O resultado mais acentuado pela proposta foi o incremento de edifícios comerciais e residenciais e de doze pavimentos, que levaram paulatina e progressivamente à descaracterização do centro histórico²⁶.

A administração do Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IPUF)²⁷, a partir de 1977, imprimiu uma nova ordem ao processo permanente de planejamento urbano da cidade. Através do convênio com o AUF (Aglomerado Urbano de Florianópolis), que

²⁶ Plano Diretor de Florianópolis Resenha Histórica. (IPUF, 2004).

²⁷ O Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IPUF) foi criado pela Lei Municipal nº 1.494, de março de 1977. Tem personalidade jurídica própria, natureza autárquica e seu objetivo principal é melhorar a qualidade de vida da população, através de planejamento junto ao poder municipal. (CAMPOS, 2004).

compreendia os municípios de São José, Palhoça, Biguaçu, Governador Celso Ramos, Antônio Carlos e Águas Mornas e Santo Amaro da Imperatriz, foram planejados, em 1980, os Planos Diretores de São José, Palhoça e Biguaçu. A partir desse período, foram elaborados o Plano de Desenvolvimento Turístico do Aglomerado Urbano de Florianópolis em 1981 e o Plano Diretor da Trindade em 1982. (IPUF, 2004).

O Plano Diretor dos Balneários e do Interior da Ilha foi elaborado em 1985 mediante convênio com a República Federal da Alemanha, visando estabelecer as diretrizes de zoneamento para expansão urbana em onze dos doze distritos que compõem o município de Florianópolis. Esse plano consolidou a nomenclatura de zoneamento, regras de estruturas da legislação de uso e ocupação do solo. (CAMPUS, 2004). Através dele, foram criadas as Áreas de Preservação Cultural (APC), para garantir a manutenção dos referenciais culturais, históricos e arqueológicos do Município, além de instituir Zonas de Urbanização Específica (QUE), Zonas Turísticas e de incentivo à Hotelaria (AIH), para fomentar o desenvolvimento dos meios de hospedagem como suporte ao receptivo turístico. (ROCHA, 2001, p. 76). De acordo com o zoneamento estabelecido pelo Plano dos Balneários, 42% da área do município foi considerada de preservação permanente (APP), e 21% de preservação com uso limitado (APL)²⁸.

O atual Plano Diretor do Distrito Sede do Município de Florianópolis teve a sua origem na necessidade de revisão do plano anterior. Aprovado em 1997 na gestão da Prefeita Ângela Regina Heizen Amin Helou, compreendia a descentralização das atividades econômicas do Centro Histórico para os Centros de Bairros, facilitando a acessibilidade dos moradores, reduzindo a demanda por transportes coletivos e diminuindo o congestionamento da área central, a fim de melhorar os níveis de funcionalidade e salubridade urbana da área mais adensada do plano anterior. (IPUF, 2004).

²⁸ IPUF (2004).

Outros planos foram elaborados para garantir o desenvolvimento da cidade, servindo de base técnica à ação do poder público e à coordenação das diversas iniciativas. No que se refere às iniciativas do setor privado, os Planos Diretores definiam as diretrizes a serem cumpridas nas construções, loteamentos e instalações de locais para as atividades comerciais e de outra natureza.

2 O ESPAÇO E O TURISMO DE FLORIANÓPOLIS

2.1 Reflexões teóricas acerca do espaço e turismo

As atividades do turismo são resultantes de diversas ações produtivas, derivadas de diferentes setores sociais, que recebem atenção dos gerenciadores econômicos e dos administradores políticos. Diante da expansão do turismo, a sua produção e o seu consumo conferem-lhe uma posição de destaque no panorama econômico atual. Por isso, o turismo é tema de discussões entre correntes que o defendem não somente como um sistema econômico dentro de uma cadeia produtiva, mas também como um fenômeno social de grande expressão na atualidade.

Rodrigues (1997, p.61), utilizando-se do aparato teórico sugerido por Milton Santos para a apreensão do espaço geográfico, destaca a possibilidade de se compreender o processo de produção do espaço e o fenômeno do turismo, “porque expressa de maneira clara a dinâmica espacial, tanto horizontal (processo direto de produção), quanto vertical (processo de circulação), especialmente quando acoplamos os dois conceitos, que embora não tenham o mesmo significado, se complementam”. De acordo com Santos (1988, p.26), “o espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento”. Para o mesmo autor, o espaço corresponde a “um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento”, sendo que as formas desempenham um papel na realização social. Ainda para Santos (1988, p. 77-79), o espaço é formado de fixos e de fluxos. Os fixos são representados pelos objetos constitutivos do espaço, sejam eles técnicos ou sociais, possuindo características próprias que podem variar

conforme os fluxos, que são o movimento. Cada tipologia de fixo depende de um tipo de fluxo. De forma dialética, os fixos e os fluxos interagem e se alteram mutuamente.

No turismo, os fixos, não estáticos, correspondem aos centros emissores da demanda, de onde partem os fluxos para os núcleos receptores. Nos territórios de traslados, constroem-se rodovias, portos, aeroportos, estações rodoviárias e um sistema de objetos que compõem o espaço. (RODRIGUES, 1997, p. 62).

Com a globalização, a análise dos fixos e fluxos impõe reflexões sobre as mudanças relativas à interpretação da realidade. Devido à internacionalização dos produtos, os fixos assumem, ao lado da circulação, uma importância maior, já que as fronteiras comerciais praticamente são rompidas pelo meio tecnológico, permitindo a distribuição dos produtos independentemente das distâncias. Segundo Beni (2003, p. 27), “a globalização provocou uma ampla disponibilização e acessibilidade em amplitude mundial dos produtos, das instalações e dos serviços turísticos”. Esse autor destaca ainda que o processo de globalização resulta principalmente dos seguintes fatores: aumento da liberação do comércio mundial, incorporação de novas tecnologias como informática e as telecomunicações, integração horizontal e vertical das empresas de turismo, difusão territorial do consumo e flexibilização do trabalho nos diversos setores produtivos, incluindo o próprio setor do turismo.

Para Santos (1994, p. 50), o processo da globalização acarreta a “mundialização do espaço”, cuja principal característica é a formação de um meio técnico, científico e informacional, que atribui a nova cara ao espaço e ao tempo. É aí que se instalam as atividades hegemônicas, aquelas que têm relações mais longínquas e participam do comércio internacional, fazendo com que determinados lugares se tornem mundiais. O turismo utiliza-se das ferramentas da informação e do marketing para formatar um produto, no caso, uma localidade ou uma cidade, para comercializá-la no mercado internacional, como é o caso das cidades de Paris e Nova York, principais pólos receptores de turistas no mundo.

É nos destinos dos fluxos que ocorre tanto a produção quanto o consumo dos espaços de turismo e onde novos sistemas de objetos interagem com outros sistemas de ações. (RODRIGUES, 1997, p. 62). O espaço é formado, pois, por um conjunto indissociável de sistemas de objetos²⁹ e de ações³⁰, que formam um quadro único sobre o qual a história se dá. Os objetos que, no início, são apenas naturais, acabam substituídos ao longo da história por objetos sociais, ou seja, fabricados pelo homem. Conforme destaca Santos (1997, p.51), “no começo, era a natureza selvagem, formada por objetos naturais, que, ao longo da história, vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados e depois cibernéticos”. Isso quer dizer que o espaço é marcado pela presença de objetos técnicos, como as estradas, os portos, as cidades, os hotéis, constituindo-se de uma artificialidade que se faz presente nos lugares.

Os objetos traduzem, de forma material, a intenção³¹ preexistente que lhe deu a origem. Para entender se um objeto é natural ou artificial, faz-se necessário compreender a sua gênese, pois, muitas vezes, o que imaginamos como natural, não o é, enquanto o artificial se torna natural quando se incorpora à natureza. (SANTOS, 1988, p. 75). Os sistemas de ações interagem, pois de um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes, evidenciando a existência de uma dinâmica espacial, responsável por transformações. O fenômeno turístico, na sua amplitude, responde por modificações urbanas, sociais e econômicas de diferentes localidades.

Milton Santos destaca ainda a importância de se considerar o espaço como uma totalidade, tal como a própria sociedade que lhe dá vida. Alerta, porém que,

²⁹ O objeto é toda a herança da história natural e todo o resultado da ação humana que se objetivou.

³⁰ A ação é um processo, mas um processo dotado de um propósito, como coloca Marx e Engels, quando o homem através do trabalho exerce ação sobre a natureza, isto é sobre o meio, ele modifica a natureza e a si mesmo.

³¹ A noção de intencionalidade não é apenas válida para rever a produção do conhecimento. Essa noção é igualmente eficaz na contemplação do processo de produção e de produção das coisas, considerados como um resultado da relação entre o homem e o mundo, entre o homem e o seu entorno. (SANTOS, 1997, p. 73)

[...] considera-lo assim é uma regra de método cuja prática exige que se encontre, paralelamente, através da análise, a possibilidade de dividi-lo em partes. Ora, a análise é uma forma de fragmentação do todo que permite, ao seu término, a reconstituição desse todo. Quanto ao espaço, sua divisão em partes deve poder ser operada segundo uma variedade de critérios, como os elementos do espaço. (SANTOS, 1997, p.5).

Para possibilitar o entendimento do espaço, Santos (1997) sugere, pois, a análise dos elementos que o integram: os homens, as firmas, as instituições, as infra-estruturas e o meio ecológico. Aplicando a proposta teórica de Milton Santos ao estudo do fenômeno turístico Rodrigues (1997), destaca:

- os *homens*, que correspondem no turismo, à demanda turística, à população residente e a todos os elementos responsáveis pelo funcionamento de outros elementos, tais como os representantes das firmas e das instituições;
- as *firmas*, associadas aos serviços de hospedagem, de alimentação, às agências e operadoras de viagem, às companhias aéreas e de outras modalidades de transporte, aos sistemas de promoção e comercialização de toda natureza e em diversas escalas;
- as *instituições*, relacionadas à supra-estrutura, das quais emanam ações racionais, pragmáticas, ditadas pelas forças da economia hegemônica e do Estado. Em nível global, sobressai a OMT ³², enquanto na esfera federal o Ministério do Turismo e a EMBRATUR³³. Já na esfera estadual, no caso de Santa Catarina, essas instituições estão representadas pela a SOL³⁴ e a SANTUR e, no plano municipal, estão representadas pelas secretarias de turismo;
- as *infra-estruturas*, representadas pelas redes de transportes e de comunicações, as infra-estruturas urbanas, tais como rede de água, de energia, de abastecimento, de saneamento básico, de coleta de lixo e de esgoto. Há também que se destacar os serviços de apoio turístico, como a segurança, a comunicação e a saúde;

³² OMT – Organização Mundial do Turismo

³³ EMBRATUR – Instituto Brasileiro de Turismo

³⁴ SOL – Secretaria da Organização do Lazer, responsável pelo estabelecimento das diretrizes e das ações públicas para o desenvolvimento do turismo em Santa Catarina.

- o *meio ecológico*, que pode ser compreendido como o ambiente natural, o construído e o ocupado superpostos, resultantes de processos naturais e históricos.

Captar a dinâmica do turismo, através da abordagem dos processos sociais que o originam, exige a definição de categorias analíticas. Nesse sentido, o método teórico-metodológico proposto por Milton Santos favorece a apreensão do fenômeno turístico na sua totalidade, ao permitir a compreensão do espaço enquanto reflexo de uma sociedade. Tal constatação leva à aceitação das categorias de forma, função, estrutura e processo como essenciais ao método de análise espacial e, neste estudo, busca-se interpretar a realidade sócio espacial do núcleo urbano central de Florianópolis (SC) e sua relação com o desenvolvimento do setor hoteleiro, pois sendo a totalidade um conceito abrangente, faz-se necessário, num processo analítico fragmentá-la em suas partes constituintes para um exame mais restrito e concreto. Tomadas isoladamente, elas vão proporcionar apenas uma visão parcial, razão pela qual sua integração torna-se imprescindível para assegurar uma abordagem globalizante. Daí porque as categorias analíticas constituem um recurso para uma melhor apreensão da realidade.

[...] as categorias analíticas que representam o verdadeiro movimento da totalidade, o que permitirá fragmentá-la para em seguida reconstituí-la. Em outras palavras precisamos descobrir as categorias apropriadas que nos capacitarão a apreender a marca da sociedade sobre a natureza e as relações existentes antes, durante e depois dessa metamorfose. (SANTOS, 1997, p.57).

Esse enfoque é indicado para o tratamento científico da temática na qual se entrelaçam elementos naturais e humanos responsáveis pela totalidade de uma realidade que é construída espacial temporalmente.

Diante disso, os conceitos de forma, função, estrutura e processo podem ser assim definidos:

- forma é o aspecto visível, exterior de um objeto ou o arranjo deles que passa a constituir um padrão espacial;

- função trata-se de uma tarefa, atividade ou papel a ser desempenhado pelo objeto criado;
- estrutura corresponde à natureza sócio-econômica de uma sociedade em um dado momento de tempo. É invisível, não constitui uma exterioridade imediata, pressupõe a inter-relação de todas as partes de um todo, sua construção ou organização;
- processo indica uma ação contínua, desenvolvendo-se em direção a um resultado qualquer, implicando conceitos de tempo (continuidade) e mudança.

Quando se estuda a organização espacial,

[...] esses conceitos são necessários para explicar como o espaço social que está estruturado, como os homens organizam sua sociedade no espaço e como a concepção e o uso que o homem faz do espaço sofrem mudanças. A acumulação do tempo histórico permite-nos compreender a atual organização espacial. (SANTOS, 1997, p. 53).

As relações sociais e a materialização territorial, que engendra o processo de produção do espaço, possibilitam o entendimento de que “nas diversas instâncias da sociedade, observa-se que as formas geográficas possuem conteúdos sociais e sempre estão mudando de significado por estarem em permanente movimento”. Ou seja: como graças ao movimento social, “a cada instante as frações da sociedade que lhe cabem não são as mesmas”, os movimentos sociais redefinem o significado dos lugares. (SANTOS, 1997, p. 2). Utilizando esse referencial, foi possível iniciar o estudo da organização sócio-espacial de Florianópolis, observando-se suas formas e entendendo que a organização espacial presente é testemunho de formas passadas que podem ou não persistir. Essas reflexões de caráter teórico-metodológico foram extremamente valiosas para analisar a evolução urbana de Florianópolis e, particularmente, do setor hoteleiro situado no núcleo central.

O estudo das formas, no turismo, pode ser entendido como analisar os objetos que estão fixos, os quais formam uma paisagem resultante da acumulação desigual de tempos.

Compreender as categorias de análise-espacial e relacioná-las com a atividade turística significa abordar a função dos elementos da oferta e da demanda.

A estrutura como outra categoria dá conta do dinamismo espacial expressando as redes de relações. [...] nos estudos do turismo só se logra um avanço em relação aos trabalhos meramente técnicos e operacionais quando a análise espacial capta a complexa engrenagem que expressa todos os elementos da oferta, da demanda e da população residente, em ação e interação recíprocas. (RODRIGUES, 1997, p.74).

Contempladas as categorias de forma, função e estrutura, como última categoria de análise, desponta a de processo, a qual dá conta das ações e das interações de todos os elementos.

Outro indicador importante a ser considerado no processo, o tempo, não o tempo linear, mas o tempo social, que é fundamental não só para atender aos objetos que se transmutam durante o processo histórico, mas também às ações que, de forma distinta, evoluem com o tempo, produzindo novas relações que se expressam em novas formas e assim, sucessivamente. (RODRIGUES, 1997, p.74-75).

O turismo é entendido como um fenômeno econômico, social, político e cultural, e o espaço do turismo pode ser decomposto em seus elementos fundamentais: a oferta e a demanda. As categorias de análise espacial, propostas por Milton Santos, permitem, pois, enfocar o espaço do turismo como resultante de processos sociais que o originam.

2.2 O desenvolvimento do turismo como atividade sócio-econômica

O turismo enquanto uma prática social constitui-se como um fenômeno de grande abrangência mundial, considerando-se as transformações que vêm ocorrendo em todos os níveis da sociedade contemporânea. Diante da sua complexidade, torna-se difícil apreender todas as dinâmicas que o envolvem com clareza e exatidão, fato que acaba estimulando a utilização de uma gama de conceitos, por vezes, sem sustentação científica, ancorados apenas

no senso comum. Como não se trata de uma ciência propriamente dita, a análise de aspectos relativos ao fenômeno do turismo precisa se valer de categorias analíticas tomadas das áreas afins.

O fato de o turismo encontrar-se ligado praticamente a todos os setores da atividade social humana é a principal causa da grande variedade de conceitos todos eles válidos enquanto se circunscrevem aos campos em que é estudado. Não se pode dizer que esse ou aquele conceito é errôneo ou inadequado quando se pretende conceituar o Turismo sob uma ótica diferente, já que isso levaria a discussões estéreis. Estas poriam justamente em evidência as limitações conceituais existentes sobre o fenômeno. (BENI, 1998, p. 40).

Para Cooper (2001, p.40), “o turismo pode ser pensado como sendo uma gama de indivíduos, empresas, organizações e lugares, que se combinam de alguma forma para proporcionar uma experiência de viagem. O turismo é uma atividade multidimensional e multifacetada”, sendo difícil defini-lo de uma única maneira significativa, que seja amplamente aceita, em função da sua interface com várias disciplinas acadêmicas e um grande número de setores econômicos.

Segundo De La Torre (1997, p. 16),

O turismo é um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupo de pessoas que fundamentalmente, por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem do seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural.

A OMT³⁵ modificou o conceito de turismo, indo além da imagem estereotipada do “sair de férias”, admitindo como turismo “as atividades de deslocamento e permanência em locais fora de seu ambiente de residência, por período inferior a um ano consecutivo, por razões de lazer, negócios ou outros propósitos”. O termo ambiente de residência tem como objetivo excluir viagens dentro da área de residência e viagens freqüentes e regulares entre o domicílio e o local de trabalho, como também outras viagens dentro da comunidade, de caráter rotineiro. (GOLDNER; RITCHIE; MC INTOSCH, 2002, p.24).

³⁵ Organização Mundial do Turismo

Apesar da dificuldade de se emitir uma única definição de turismo, pode-se afirmar que se trata de uma atividade sócio-econômica, pois também gera a produção de bens e serviços que visam a satisfação das necessidades do homem, sejam essas secundárias ou até mesmo primárias. De acordo com Krippendorf (2001, p.14),

[...] a necessidade de viajar é sobretudo criada pela sociedade e marcada pelo cotidiano. As pessoas viajam porque não se sentem mais à vontade onde se encontram, seja nos locais de trabalho, seja onde moram. Sentem necessidade urgente de se desfazer temporariamente da rotina massificante do dia-a-dia do trabalho, da moradia e do lazer, a fim de estar em condições de retoma-la ao regressarem.

E, tratando-se de uma atividade que envolve deslocamento de pessoas de forma voluntária e temporária, outros serviços são incrementados como suporte, surgindo assim componentes indispensáveis, tais como: transporte, alojamento, alimentação e entretenimento.

O turismo se desenvolveu ao longo da história, a partir de deslocamentos de diversas ordens, somente sendo reconhecido “enquanto atividade co-produtora do espaço geográfico” (MACHADO, 2000, p.160). No século XX, quando foi impulsionado pelo advento das revoluções tecnológicas e dos meios de transportes. O seu desenvolvimento está atrelado à melhoria dos meios de locomoção, à expansão urbana e à ascensão do capitalismo, principalmente a partir de meados do século XX. As transformações econômicas e sociais ocorridas com advento da Revolução Industrial (século XIX) e a consolidação do modo de produção capitalista é que promoveram a expansão do turismo³⁶. Nessa perspectiva, a expressão genuína do turismo pressupõe a moderna sociedade capitalista. Nesse contexto, somente após o período de 1950 (Pós-Segunda Guerra Mundial) é que se transformaria em atividade de massa expressiva, em termos sócio-econômicos e culturais. Pode-se afirmar que

³⁶ É importante ressaltar também, que para o desenvolvimento do turismo foi fundamental a definição da legislação trabalhista que regulamenta o direito a férias, no caso do Brasil, pelo Decreto Federal 4982 de 21 de dezembro de 1925, e ao descanso semanal remunerado, além da jornada diária de trabalho de oito horas. Ferreira (1998, p. 11), lembra que em Florianópolis, “o decreto custou a ser implantado, tanto que em 1931 o Jornal o Estado publicou um artigo que contava que os operários de Florianópolis haviam procurado o Dr. Henrique Fontes (Juiz Federal em exercício), para consulta-lo sobre a lei de férias, que já estava em vigor no Brasil, mas que aqui nunca tinha sido observada”. Dessa forma, percebe-se que no caso da cidade de Florianópolis o direito a férias só foi institucionalizado bem mais tarde.

a partir desse momento é que acontece a efetiva estruturação e organização da atividade turística, conforme ela se apresenta nos dias de hoje³⁷.

No período pós-guerra é que houve uma mudança importante para o turismo, marcada pela massificação, pela regulação do trabalho, na limitação de seu tempo, nas férias, na aposentadoria, na sociedade de massa de consumo, nos transportes desenvolvidos, como o avião, e, aí sim, o turismo, realmente, apresentou essa característica de massificação (BECKER, 1996, p.183).

No Brasil, de acordo com Santos (1993, p.36), após a Segunda Guerra Mundial, a integração do território se torna viável, integração esta que se iniciara com as estradas de ferro, que até então ligavam as áreas produtoras com os portos de exportação. Essas estradas, entretanto, eram em sua maior parte desconectadas. A interligação torna um novo impulso com a construção das estradas de rodagem, que põem em contato as diversas regiões entre si e, sobretudo, com o pólo mais dinâmico do país, eixo Rio – São Paulo, o que redundou na execução de um ousado programa de infra-estruturas. Esse período duraria até fins da década de 1970. O golpe do Estado de 1964 aparece como um marco, pois foi o ciclo militar que criou as condições de uma rápida integração do país a um movimento de internacionalização que aparecia como irreversível em escala mundial.

³⁷ A Primeira Guerra Mundial (1900-1918) e a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) foram períodos de grande recessão para atividade turística, porém no período entre guerras, ocorre uma curva ascendente no desenvolvimento do turismo até a crise econômica de Wall Street, em 1929, que assinala a depressão econômica dos EUA, que irá refletir na economia mundial e diretamente no turismo. A recuperação do pós-guerra durou aproximadamente cinco anos, por isso, período foi marcado pela construção e reconstrução do espaço, pelo estabelecimento da paz e da nova ordem internacional, a fundação da Organização Nações Unidas em 1945. É a partir de 1950, que começa de novo a curva ascendente do turismo, momento em que surgem as principais condições transporte para o desenvolvimento do turismo de massa, com incremento maciço da aviação comercial (MONTEJANO, 2001). É interessante observar que, conforme Mamigonian (1987, p.65-67), com base nos escritos de Ignácio Rangel, o Brasil acompanha os movimentos cíclicos da economia capitalista mundial, sendo o segundo pós-guerra caracterizado como um período de grande expansão econômica no qual o país se insere com grande dinamismo.

A população aumenta e a classe média é ampliada, o que traz reflexos sobre o turismo já que se amplia o número de pessoas ávidas para viajarem e consumirem³⁸.

O período Pós-Segunda Guerra Mundial pode ser caracterizado pela reconstrução e desenvolvimento urbano, pela prosperidade econômica e pela estabilidade social, embora fosse marcado também pela bipolaridade entre o mundo capitalista, liderado pelos Estados Unidos e o mundo socialista, liderado pela União Soviética. Os anos de 1950 a 1970 se caracterizaram pela ampliação da atividade turística, pela oferta de pacotes turísticos para os mais diversos destinos do planeta. Nos anos de 1980, a prosperidade econômica dos países desenvolvidos fez com que boa parte de suas populações direcionassem o seu tempo de férias para viagens turísticas, empreendidas individualmente ou em grupo.

Dessa forma, o turismo vai se tornando um termo universal, que descreve o movimento de pessoas que saem do local de sua residência permanente para uma estada temporária em outro local. As atividades dessa população que viaja e os gastos dispendidos nessa mudança de localidade, tais como transporte, acomodação, serviços, atividades no destino visitado e uma vasta gama de outros serviços necessários para tornar tal viagem possível formam juntos o negócio de turismo e passam a representar um impacto econômico sobre as localidades receptoras de turistas. (LICKORISH; JENKINS, 2000, p.49).

Os dados recentes acerca da movimentação turística internacional revelam explicitamente a concentração espacial do turismo no continente europeu e no continente americano, principalmente na América do Norte. Conforme a tabela abaixo, a Ásia Oriental / Pacífico também apresentaram um expressivo fluxo de turistas no período.

³⁸ É nesse período que surge no Brasil uma política nacional de turismo, orientada para o turismo como um vetor de desenvolvimento, incidindo com maior força na zona costeira. Ela se inicia nos anos de 1950, e, as primeiras regulações foram feitas em 1958, no governo de Juscelino Kubitschek e está relacionadas a ampliação da rede de energia, transporte, circulação de automóveis, estradas e à formação de uma classe média nacional. Um novo marco na evolução do turismo no Brasil foi a criação da Embratur em 1966, como uma autarquia, que caracterizava o turismo como uma indústria nacional e importante. (BECKER, 1996, p. 187).

Tabela 1 – Chegada de turistas internacionais no mundo por região – 2000/2003

Regiões	2000	2001	2002	2003
Europa	392,70	390,80	399,80	401,50
Américas	128,00	120,20	114,90	112,40
África	27,40	28,30	29,01	30,50
Ásia Oriental/ Pacífico	107,50	112,90	122,40	112,30
Ásia Meridional	7,70	8,30	8,80	6,80
Oriente Médio	24,00	23,60	27,60	30,50
Total	687,30	684,10	702,60	694,00

Fonte: OMT/ Embratur - Ministério do Turismo (2005).

Cabe destacar que entre os países receptores de turistas em 2003, a França lidera o ranking com 75 milhões, posteriormente, a Espanha com 52,5 milhões e, em seguida, o Estados Unidos com 40,4 milhões, a Itália com 39,6 milhões e a China com 33 milhões. O Brasil recebeu, em 2003, 4,10 milhões de turistas, o que lhe assegura uma posição no grupo dos vinte mais importantes países receptores. (EMBRATUR, 2005).

Como setor, o turismo é bastante dinâmico e amplo, considerando-se que tal atividade envolve programas, projetos e produtos de diversos segmentos econômicos e sociais, os quais devem ser tratados de forma integrada. Os atores do turismo são compostos por agentes emissores, nesse caso, as agências de viagem e operadoras de turismo, que comercializam os produtos turísticos para diversas localidades e por agentes receptivos, que correspondem à comunidade receptora, às agências de receptivos, às empresas transportadoras, ao comércio local, aos restaurantes, às empresas de entretenimento e outras empresas que proporcionam serviços aos turistas no destino procurado, bem como aos órgãos públicos e privados, às associações de classe que atuam e exercem influência sobre a atividade turística.

Hoje, o quadro institucional brasileiro, regulador da atividade turística, é o Ministério do Turismo, como formulador das políticas públicas para o setor; a Embratur, como órgão executor das políticas públicas e da promoção da atividade turística; as secretarias, como

departamentos de turismo de governos estaduais e municipais, responsáveis por ações específicas para as suas respectivas regiões. Por muito tempo, sucessivos planos e programas foram elaborados, visando o fomento e o desenvolvimento da atividade turística na esfera municipal, estadual e nacional, entre os quais pode-se destacar: o Plano Nacional de Turismo (PLANTUR) de 1992, que previa o desenvolvimento de pólos de turismo integrado, em novas áreas, associados à expansão de infra-estrutura, estradas e aeroportos, bem como todo aparato técnico necessário para o desenvolvimento nacional das estruturas no âmbito estadual e municipal. Foi também criado, em 1999, o Programa de Ação para o Desenvolvimento do Turismo no Nordeste Brasileiro (Prodetur-Nordeste) o Programa Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT), com a intenção de fomentar e desenvolver a atividade turística a partir dos municípios. Atualmente, está em vigor o Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil, com diretrizes operacionais para promoverem o desenvolvimento do turismo amparado nas premissas da sustentabilidade ambiental, econômica e sócio-cultural. Com esse programa, o Ministério do Turismo pretende ampliar a oferta dos produtos turísticos e atrair mais turistas. Uma das ações para promoção das regiões brasileiras foi realizada em São Paulo, de primeiro a cinco de junho de 2005, o Salão do Turismo – Roteiros do Brasil, durante o qual, segundo o Ministério de Turismo, foram divulgados 451 produtos de 134 roteiros turísticos em vários segmentos³⁹.

O turismo, na atualidade, pode ser visto como um dos segmentos mais importantes da economia, razão pela qual faz-se necessário considerar não somente os agentes econômicos, como também as implicações éticas e comportamentais que concorrem diretamente para a obtenção de bons resultados no mercado.

³⁹ O Salão do Turismo movimentou 108 mil pessoas durante o período. Havia um expressivo número de expositores (3, 9 mil), sendo que as rodadas de negócios tiveram a participação de 348 agências de viagem e 111 operadoras de turismo. Foram vendidas 24 mil peças de artesanato exposto por 270 associações de artesãos de todos os roteiros. A Região Sul foi representada pelos estados de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande Sul. (BOLETIM DO MINISTÉRIO DO TURISMO, 2005).

Com o advento das novas tecnologias e da globalização, o mundo está em plena transformação, o turismo se destaca como uma forma de produção e de distribuição de produtos para satisfazer o bem estar das populações.

O uso de conhecimentos científicos entre as tecnologias de informação foi de grande importância para o turismo. A necessidade de informação é enfatizada por certas características do produto turístico, como a intangibilidade que o diferencia dos demais produtos manufaturados. O poder da tecnologia da informação permite que a informação seja gerenciada de forma mais efetiva e transportada pelo mundo todo quase imediatamente. Hoje, através da informática, se tornou possível realizar reservas nos meios de transporte e de hospedagem, estabelecendo-se contato direto com a administração e controle de processos burocráticos e financeiros, além do recurso das redes de telecomunicações.

As redes foram interligando uma série de serviços e operações e, posteriormente, as próprias redes se interligaram. Isso tornou possível graças a algumas conquistas científicas reunidas: digitalização de dados, interfaces entre computadores e redes telefônicas, fibras óticas, centrais telefônicas digitais para codificação e decodificação de dados, rede de computadores ligada a redes telefônicas para processar a massa de dados e programas capazes de gerenciar operações. (TRIGO, 2000, p. 67)

As companhias aéreas adotam, atualmente, as tecnologias para ajudar a gerenciar e aperfeiçoar suas operações ganhando vantagens estratégicas. Os sistemas de reservas por computador, como o GDS (*global distribution system*), tornaram-se quase essenciais para a distribuição da informação para as agências de viagens e hotéis, além de proporcionarem muitas vantagens em termos de custo e de operação. (O'CONNOR, 2001).

Ao incorporar o acesso à tecnologia da Internet pela população, as companhias aéreas aumentaram o seu canal de distribuição, chegando às casas dos clientes e incentivando as reservas via sistema. Ainda encontramos algumas resistências quanto ao uso dessas tecnologias. A partir do momento em que as pessoas se acostumarem a viver nesse ambiente, o uso dessa ferramenta tornará tão invisível quanto a outros agentes tecnológicos da história.

Segundo afirma Castells (1999, p.87),

A emergência de um novo paradigma tecnológico organizado em torno de novas tecnologias de informação se tornou um produto do processo produtivo [...] a informação e o conhecimento sempre foram elementos cruciais no crescimento da economia, e a evolução da tecnologia determinou em grande parte a capacidade produtiva da sociedade e os padrões de vida, bem como formas sociais de organização econômica.

Santos (1993, p.35) chama de meio técnico-científico-informacional o momento histórico contemporâneo no qual “a construção ou reconstrução do espaço se dará com um crescente conteúdo da ciência, de técnicas e de informação”. Ainda destaca que “a informação, em todas as suas formas, é o motor fundamental do processo social e o território é, também, equipado para facilitar a sua circulação”.

A evolução tecnológica nas empresas turísticas apresenta estágios de desenvolvimento bastante diversos. Ao mesmo tempo em que identificamos empresas com tecnologia de ponta, altamente competitivas no mercado, como as redes hoteleiras internacionais, nos deparamos com empreendimentos que apresentam modelos de gestão e de produtos obsoletos, fadados à exclusão, como é o caso de alguns hotéis independentes de gestão familiar. O que diferencia uma das outras é a capacidade de inovação, investimento em novas tecnologias, qualificação do quadro funcional e a visão do futuro.

De acordo com a OMT (Organização Mundial do Turismo), o turismo é, hoje, a maior atividade econômica do mundo, representando cerca de 11% do PIB (Produto Interno Bruto) mundial. (EMBRATUR, 2005).

Tabela 2 – Mão-de-obra empregada em setores das atividades turísticas – 1994 / 2003

Atividades	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003
Alojamento	149.404	175.511	181.073	187.010	191.028	190.742	197.309	208.455	204.696	204.206
Alimentação	360.748	450.258	473.345	512.438	532.287	542.077	580.495	622.426	669.584	692.101
Agência de Viagens	27.894	46.439	44.202	44.044	30.966	32.165	33.749	34.203	4.745	37.167
Transporte Rodoviário	113.291	94.851	40.409	139.608	137.319	133.272	133.986	138.966	140.335	137.451
Transporte aéreo regular	47.235	41.134	39.965	40.321	41.804	29.124	32.822	37.425	34.749	31.461
Transporte aéreo não regular	4.857	3.161	3.221	3.312	3.421	3.846	4.802	4.602	4.606	5.173
Atividades Recreativas	*	*	*	*	*	241.063	245.965	252.425	261.232	271.056
Locação de Automóveis	*	*	*	*	*	16.751	12.580	14.460	16.379	18.601
TOTAL	703.429	911.354	882.215	926.693	936.825	1.189.040	1.241.708	1.312.962	1.366.326	1.397.216

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego / Ministério do Turismo (2005)⁴⁰

* No período de 1994 a 1998 não foram organizados os dados pela EMBRATUR referentes às atividades recreativas e locação de automóveis.

Trata-se, como pode ser observado através dos dados constantes do quadro acima, de um segmento da economia em constante e progressivo crescimento. No Brasil, esse setor responde por 5% do PIB nacional. Em 2004, o país recebeu cerca de 4,7 milhões turistas internacionais, sendo que a meta do Governo Federal projetada no Plano Nacional de Turismo, divulgado pelo Ministério do Turismo, é chegar a 9 milhões de estrangeiros em 2007. (EMBRATUR, 2005).

No Brasil, o turismo impacta 52 segmentos diferentes da economia, empregando, em sua cadeia, desde mão-de-obra mais qualificada em áreas que se utilizam de alta tecnologia,

⁴⁰ Os dados sobre empregos gerados pelas as atividades relacionadas não podem ser considerados todos turísticos, por exemplo: um restaurante tanto pode atender a população local como pode atender ao turista. Pode-se observar através do quadro que alguns dados, como é o caso da locação de automóveis apenas recentemente passaram a ser organizados pelo Ministério do Turismo, através da EMBRATUR.

até as de menor qualificação, tanto no que diz respeito ao emprego formal quanto ao informal. Entre as vantagens do turismo como fonte geradora de empregos, podem ser destacados o seu forte grau de impacto em toda economia; a facilidade com que promoções e novos investimentos podem ampliar a oferta de empregos; o maior potencial de criação de empregos em relação a outros setores econômicos; a diversidade qualitativa de empregos gerados; a geração de primeiros empregos de meio expediente e/ ou sazonais; a possibilidade de criarem-se empregos em regiões determinadas, tanto por meio de ações promocionais quanto pela construção de infra-estrutura⁴¹. (BENI, 2003, p.106).

Atualmente, as oscilações de demanda internacional, bem como da nacional, são altamente influenciadas pela conjuntura política, social e econômica mundial. Segundo Ruschmann (2001, p.15), o ambiente mundial sinaliza novos enfoques sociais, culturais, tecnológicos e institucionais para a atividade turística, que surgem em consequência da difusão de sistemas de informatização, da desregulamentação das tarifas aéreas, do financiamento das viagens turísticas, dos impactos negativos do turismo nas comunidades receptoras, do câmbio dos fluxos turísticos, de pressões ambientais, da competição tecnológica, de mudanças nas preferências dos turistas, de alterações na distribuição do tempo livre dos turistas, bem como dos padrões laborais e nos rendimentos das pessoas.

O turismo é uma atividade própria da moderna sociedade de consumo, visto que exige grandes investimentos financeiros e tecnológicos para o fornecimento de bens e serviços. Para isso, faz-se necessário um planejamento que envolva tanto o poder público como o privado

⁴¹ É importante lembrar que apesar do otimismo que se abordam os aspectos econômico-sociais positivos do turismo, os custos da atividade não podem ser desconsiderados, como os efeitos negativos sobre a localidade receptora de turistas, dos quais pode-se relacionar a dependência excessiva do turismo tem levado alguns países ao colapso econômico quando por diversos motivos, como uma catástrofe natural (Tsunami), o número de turistas diminui; a inflação e a especulação imobiliária se caracterizam pelo aumento dos preços dos produtos comercializados nas destinações, bem como pela valorização excessiva de terrenos, como é o caso de Jurerê Internacional (Florianópolis); a sazonalidade da demanda turística, que se caracteriza pela concentração de turistas em determinadas épocas do ano e por sua ausência ou quase total em outras, provoca transtornos e efeitos econômicos negativos nas comunidades receptores, fato que muitos hotéis chegam a fechar no período caracterizado com de baixa temporada, esta realidade acontece em alguns estabelecimentos hoteleiros localizados ao Norte da Ilha de Santa Catarina. (RUSCHMANN, 2001).

em ações conjuntas, visando resultados que permitam o desenvolvimento econômico, social e político das localidades envolvidas.

O mercado turístico (*trade*) corresponde a um composto de atividades e de serviços relativos a interação da demanda e da oferta de produtos relacionados à produção de bens e serviços aos turistas. Como qualquer negócio da sociedade capitalista, a atividade turística visa lucro e rentabilidade. Os produtos produzidos distinguem-se de outros por representarem um tipo de produção que determina o deslocamento do consumidor para o seu consumo. Isso significa dizer que na atividade turística não se remetem mercadorias como objetos dispostos numa prateleira de supermercado, mas como bens e serviços que são consumidos no momento em que são produzidos e ainda no local da produção.

Para a sociedade atual, o ato de viajar é incorporado como um novo valor sócio cultural, que representa a possibilidade de conhecer e desfrutar da natureza, do convívio e do conhecimento de outras culturas. Ressalta-se que, além dos valores culturais e naturais participarem como mercadorias, constituem-se como matéria-prima necessária para a produção de bens e serviços. Contudo, a atividade turística deve ser orientada e planejada de modo a não comprometer ou descaracterizar os recursos naturais e culturais⁴².

2.3 A expansão do turismo em Florianópolis

As primeiras manifestações de entretenimento e lazer em Florianópolis, posteriormente associadas ao turismo, vêm através do banho de mar, praticado primeiramente como uma atividade desportiva realizada próxima à área central e, posteriormente, com as segundas residências de florianopolitanos, localizadas inicialmente nas praias próximas do continente e, um pouco mais tarde, na parte interior balneária da ilha. Diante dessa nova

⁴² Embora seja praticamente impossível eliminar os efeitos negativos do turismo sobre determinados espaços, cresce a preocupação com os impactos sobre o meio ambiente e o patrimônio histórico cultural, pois a não fiscalização e regulamentação desses espaços impossibilitará o seu usufruto pelas gerações futuras.

realidade, surgiram as primeiras infra-estruturas turísticas, e iniciou-se o processo de urbanização dessas áreas, consideradas privilegiadas pelas elites para o posterior consumo e exploração do espaço, que ocorre a partir da intensificação do turismo de massa.

Até as décadas de 1950 e 1960, os moradores da região central freqüentavam as praias do continente: a praia do Balneário, localizada no bairro do Estreito; as praias da Saudade, Bom Abrigo, Praia do Meio e Itaguaçu localizadas no bairro de Coqueiros. Inicialmente, esses espaços eram utilizados pelos habitantes locais para o lazer, entretanto, com o passar do tempo, se urbanizaram, tornando-se áreas de residências permanentes e impróprias para banho, em decorrência do acelerado crescimento urbano.

De acordo com Ferreira (1998, p. 84), os interesses imobiliários foram

[...] aos poucos concentrando suas atenções no continente. Na praia de Coqueiros, a partir da década de 1930, alugavam-se e vendiam-se casas para temporada, bem como eram abertos muitos loteamentos para casas de veraneio. Até mesmo quando se anunciava a venda de sítios, falava-se da proximidade de uma praia de banhos, entre os seus confortos. Antes mencionava-se a excelência do porto, agora praia para banhos.

Para o mesmo autor,

A Ponta do Leal, localizada no distrito do Estreito, também começou a ser maciçamente ocupada na década de 1930. Já em 1933 se organiza um banho de mar à fantasia no Balneário [...] a área que compreende a Ponta do Leal, chamava-se Pasto do Gado e foi adquirida pelo Sr. Fúlvio Coriolano Aducci, para investir em negócios imobiliários. Muitas das famílias abastadas de Florianópolis fizeram ali suas casas de veraneio, como o Sr. Aderbal Ramos da Silva que foi governador de Santa Catarina em 1947. (FERREIRA, 1998, p.85).

Já na década de 1910, o poder público de Santa Catarina demonstrava o intuito de controlar e possibilitar a exploração das riquezas da Ilha para fins turísticos, tendo sido publicado no jornal Terra Livre um artigo que descrevia as intenções do governador Hercílio Luz de construir um bonde elétrico, que passando por Santo Antônio de Lisboa, Canasvieiras, Ingleses, Lagoa da Conceição e Morro da Cruz, transformaria as comunidades de Canasvieiras e Ingleses em estações balneárias para receber argentinos, uruguaios e riograndenses (FERREIRA, 1998, p. 96).

Apesar dessas manifestações por parte do poder público, que almejava a exploração das potencialidades turísticas da Ilha, o fato é que, na época, essas comunidades eram praticamente desprovidas de infra-estrutura urbana. Em relação aos argentinos, os uruguaios e os riograndenses, esses tornaram-se parte do principal mercado emissor de Florianópolis apenas a partir da década de 1980⁴³.

Em Florianópolis, antes do turismo constituir-se numa atividade econômica, praticava-se o “veranismo”. As praias eram freqüentadas para o lazer e entretenimento nos finais de semana, nos períodos de férias e feriados prolongados. Dos freqüentadores dos balneários (do continente), muitos deles possuíam “casa de praia” ou faziam uma lotação com amigos ou familiares para passarem o dia. Esse fenômeno registrou-se nas décadas de 1950 e 1960 (SCHMEIL, 1994).

No final da década de 1960, começaram a circular pela capital os primeiros turistas provenientes do Rio Grande do Sul, Paraná e interior do estado de Santa Catarina. Nesse momento, foi iniciada a discussão acerca da necessidade de se planejar o turismo com uma estrutura administrativa capaz de promover a atividade. É criado, então, no governo Ivo Silveira (1966 a 1971), o Departamento Autônomo de Turismo – DEATUR, que iniciou suas atividades por volta de 1968, sendo ampliado e reestruturado durante a gestão do Governador Colombo Salles (1971 a 1975). Paralelamente ao DEATUR, o estado mantinha um setor de apoio ao turismo junto ao Banco do Estado de Santa Catarina – BESC, denominado BESC Empreendimentos e Turismo S/A.

Em 1974, a estrutura foi modificada, com a fusão do DEATUR com o BESC Empreendimentos e Turismo, que resultou na criação da TURESC – Empresa de Turismo e Empreendimentos do Estado de Santa Catarina S/A, em 1975. Em 1977, a TURESC e o Centro de Promoções e Informações Turísticas S/A estabeleceram um protocolo de fusão,

⁴³ Embora já se pudesse observar esta tendência nas décadas anteriores, como o fez o professor Carlos Augusto Figueredo Monteiro em trabalho que integra um volume publicado pelo IBGE em 1963 sobre a grande Região Sul.

assim passando a denominar-se CITUR – Companhia de Turismo e Empreendimentos de Santa Catarina S/A. Nesse período, através da gestão de Orlando Bertoli, vários projetos hoteleiros, ainda em construção no estado, foram refinanciados, utilizando-se do Sistema BNH- Recor, para a liquidar os débitos de modo mais abrangente e atrativo através do FISET-TURISMO e do FUNGETUR⁴⁴.

Em 1987, a CITUR passou a se chamar Santa Catarina Turismo S/A – SANTUR, objetivando maior identificação com “nome” do estado. Desde a sua instituição, em 1975, como órgão oficial que representa o turismo em Santa Catarina, tem por finalidade fomentar a atividade turística, desenvolvendo ações para estimular o turismo integrado no estado, fazendo a ponte entre o governo estadual e o federal através do Ministério do Turismo e a Embratur.

Os administradores municipais de Florianópolis, sentiram a necessidade de um órgão capaz de promover e planejar a atividade turística. Foi criado, então, o primeiro órgão público ligado ao turismo, a DIRETUR – Diretoria de Turismo e Cultura, em 1969, pelo prefeito Acássio Garibaldi Santiago, que, em 1978, passou a se chamar SETUR – Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes. Ainda em 1969, foi criado o primeiro órgão privado ligado ao turismo, a Agência de Viagens Ilhatur, e, posteriormente, a Turismo Holzmann, primeiras empresas a tratarem o turismo como um negócio. (SCHMEIL, 1994).

A partir do momento em que os planos governamentais passaram a contemplar a perspectiva de exploração da atividade turística, surgiram políticas de desenvolvimento turístico, que o estado e o município assumem em maior ou menor escala, a implantação de infra-estruturas urbanas necessárias para a realização de um turismo organizado em Florianópolis.

⁴⁴ Dados fornecidos pelo Arquiteto Leandro Bertoli, Gerente Técnico do Setor de Planejamento Projetos Turísticos (SANTUR).

Até início dos anos 70, devido à distância do núcleo central e também às deficiências do sistema viário, as áreas balneárias compostas por comunidades pesqueiras e rurais se mantinham sem grandes alterações, prevalecendo as casas de veraneio cuja propriedade pertencia à elite florianopolitana. A cultura urbana do lazer e da busca por balneários, aliada à melhoria do acesso, especialmente com a construção da SC 401, desencadeou o processo de crescimento urbano de forma tentacular para a parte Norte da Ilha, em função da intensificação do fluxo turístico. Um conjunto de obras de infra-estrutura promovidas por investimentos públicos se fez necessário para viabilizar essa nova atividade. As ocupações desenfreadas constatadas nesse período driblaram qualquer intuito de planejamento para ordenar a ocupação do solo, passando os loteamentos e as construções a ocupar irregularmente áreas de restinga e mangue, além de não respeitar a faixa de marinha. Os interesses econômicos e políticos prevaleceram frente aos interesses sociais e ambientais.

A proposta da vocação turística de Florianópolis passou a ganhar credibilidade, sensibilizando ainda mais a esfera política quanto à necessidade de investimentos públicos em infra-estruturas, atraindo setores empresariais internos e externos. Prevalecendo-se da oportunidade de compra dos terrenos fora do centro, principalmente nas praias, a apropriação privada ocorreu sobre terras públicas de marinha e estaduais ou sobre terras comunais tradicionais. Assim, desponta em Florianópolis um tipo de atividade econômica na qual se confundem os interesses privados com os públicos (CECCA, 1997, p. 117-118).

Segundo Campos (1991, p.38),

As áreas de usos comunais até recentemente predominantes em quase toda ilha, e que refletiam relações sócio-culturais identificadas com condições ecológicas do lugar, são aquelas que, primeiramente, dão sinais da trajetória e da força de um capitalismo modernizante, elo condutor para almejamento futuro que já não está distante. Através da seletiva substituição de atividades tradicionais ou convivendo até quando for possível, o turismo e a especulação imobiliária, por exemplo, vão ocupando e produzindo espaços.

Nesse contexto, o turismo como um elemento influenciador de mudanças, aparece como uma atividade de risco, em que grupos econômicos acabam privilegiando seus próprios interesses, sem qualquer comprometimento com o desenvolvimento sustentável, agindo sobre a natureza e a cultura local.

O expressivo crescimento urbano da cidade desencadeou problemas estruturais, sentidos principalmente nos últimos 10 anos, nos quais a especulação imobiliária, as construções ilegais e a falta de fiscalização dos órgãos públicos municipais trouxeram à cidade problemas ambientais e sociais os quais podem ser constatados pelas condições de balneabilidade das praias, poluição, desmatamento e o uso inadequado do solo.

Existem, em Florianópolis, uma infinidade de atrativos turísticos e condições estruturas favoráveis para o desenvolvimento da atividade, principalmente no que se refere aos balneários, sobretudo naqueles localizados nas porções norte e leste da ilha. Nessas regiões, atuam grupos empresariais com grande poder econômico e com interesses voltados à apropriação privada dos espaços, como é o caso do grupo HABITASUL em Jurerê Internacional, com loteamento Jurerê Internacional, CEISA, na Praia Brava e de Marcondes de Matos, com o empreendimento “Costão do Santinho Resort”, localizado na Praia do Santinho .

Os movimentos empresariais que se estabeleceram na Ilha foram beneficiados pelo processo de especulação imobiliária e pela valorização dos imóveis de aluguel na temporada. Possuir um imóvel na praia passou a ser sinônimo de rentabilidade do capital, mesmo para os pequenos investidores. Quanto às formas de receptividade em Florianópolis, há diferentes meios de acomodação representados pelos meios de hospedagem (hotéis, pousadas e camping), casas de aluguel e hospedagem em casa de amigos.

O aumento dos fluxos migratórios de turistas, de certa forma, contribuiu para o processo de urbanização, conforme aponta Lago (1996, p.269):

[...] a grandeza de fluxos turísticos, se refere ao número de edificações anualmente licenciadas, não apenas nos balneários, como hotéis, condomínios, pousadas e, casas e apartamentos com função de segunda residência, para os proprietários ou destinados a alugueis. É claro que a disponibilidade de formas de acomodação para turistas apenas indica a extensão da oferta e, não necessariamente, a extensão da procura. Mas o ritmo e a grandeza edificatória implicam em atividades que traduzem o fenômeno urbanizador.

A realidade de Florianópolis não difere daquela existente na maioria das cidades turísticas, nas quais registra-se um aumento dos fluxos migratórios de mão-de-obra relacionada especialmente à construção civil, que emerge na localidade, muito embora a própria atividade turística demande mão de obra o que contribui para intensificar esses fluxos.

Embora a cidade turística possa ter como característica a produção específica de determinados bens de consumo (confeção, artesanato, produtos alimentícios, etc), o custo de vida para a população local é geralmente mais alto nas temporadas. Esse fato, entre outros, impulsiona a organização dos moradores (sociedades de amigos de bairros, associações de moradores, etc), traço muito forte que reflete as expectativas e necessidades locais frente aos interesses de turistas e a de grupos que atuam no setor turístico. (LUCHIARI, 2001, p.126).

A cidade apresenta considerável crescimento do índice de pessoas provenientes de outros estados e municípios de Santa Catarina, que migravam para a capital estimulados pela oferta de emprego, em atividade de serviços, comerciais e/ou públicas. Esse processo migratório, incentivado também pelo incremento estatal, resultou num crescimento populacional nas três últimas décadas.

Tabela 3 - Evolução da população de Florianópolis, 1970/2000.

Ano	1970	1980	1991	2000	2004
Nº de habitantes	138.337	187.871	254.941	341.781	369.102

Fonte: IBGE (2004)

Outro fato de destaque que permite constatar o incremento da atividade turística foi a inauguração em 1976, do aeroporto Hercílio Luz e, posteriormente, a sua ampliação, em 1988, para receber aviões de grande porte. Em 1995, foi elevado à categoria de Aeroporto Internacional. A fluidez do espaço aéreo dinamizou o turismo de lazer e posteriormente de negócios na capital⁴⁵. Em 2002, o aeroporto recebeu 1.176.054 passageiros, em 2003 recebeu 1.282.994 e em 2004, 1.382.577 usuários, o que evidencia o crescimento do número de passageiros recebidos, além de revelar a urgência da ampliação e modernização do Aeroporto, pois a sua capacidade de atendimento a 1.200.000 usuários/ano já foi ultrapassada. (INFRAERO, 2005).

Em 1980, ocorre o “boom” da atividade turística na ilha, em consequência da chegada de turistas provenientes dos países vizinhos (Argentina, Paraguai e Uruguai), que passaram a freqüentar mais intensamente o verão de Florianópolis, motivados pela atratividade paisagística local e também pelas vantagens monetárias que a política cambial propiciava na época. Além disso, nesse período, foram realizadas campanhas publicitárias que vendiam Florianópolis como “Capital Turística do Mercosul”, como “Ilha da Magia”, além de “Ilha dos Sonhos”, campanhas essas promovidas com o apoio da iniciativa privada (*trade* turístico) e do poder público. (CECCA, 1997, p.214).

Conforme os dados relacionados abaixo, Florianópolis é um dos principais destinos visitados por estrangeiros no Brasil.

⁴⁵ A História do Aeroporto Internacional de Florianópolis – Hercílio Luz retrata os primórdios da aviação na América do Sul. Em 1922, a Ilha de Santa Catarina foi escolhida para abrigar as instalações do Sistema de Defesa Aérea do litoral do Brasil. Neste período, começaram as obras no campo da Ressacada que abrigaria o Centro de Aviação Naval de Santa Catarina. Na época, o céu era de exclusividade dos hidroaviões em Florianópolis. Em 1927, o Centro de Aviação já dispunha de uma pista de pouso para aeronaves terrestres. O Ministério da Aeronáutica inaugurou, em 1955, o terminal de passageiros sob administração do Departamento de Aviação Civil. No período de 1974, a Infraero recebeu a jurisdição do Aeroporto de Florianópolis, tendo sido inaugurados o terminal de cargas e o novo terminal de passageiros, para posteriormente a abertura ao tráfego público. Na década de 1980 foi realizada uma série de melhorias no Aeroporto, entre as quais a ampliação do terminal de passageiros e um novo pátio de manobras para as aeronaves. Em 1995, o Aeroporto de Hercílio Luz foi elevado à categoria Internacional. Hoje o atual aeroporto ficou modesto em função do crescimento do fluxo aéreo e da cidade de Florianópolis, por isso a Infraero já cogita a sua ampliação e modernização dando condições para atender 2,7 milhões de passageiros ao ano. É importante ressaltar que o aeroporto possui capacidade para atender 1,2 milhões de pessoas, tendo recebido em 2003, 1,28 milhões de usuários. (INFRAERO, 2005).

Tabela 4 - Principais cidades visitadas por turistas estrangeiros, 1994/2003.

Cidades	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003
Rio de Janeiro	39,50	41,80	30,50	37,40	30,20	32,50	34,10	28,80	38,58	36,90
São Paulo	21,30	19,90	22,40	23,50	18,40	13,70	19,70	17,00	20,84	18,53
Salvador	9,30	8,80	7,70	12,20	10,90	12,70	13,50	11,10	12,76	15,76
Fortaleza	2,30	4,10	3,20	3,40	4,60	4,70	5,39	5,61	7,16	8,50
Recife	4,80	5,70	4,70	5,70	7,20	6,40	5,80	7,30	8,24	7,51
Foz de Iguaçu	12,70	16,00	16,60	11,80	8,90	11,80	12,90	11,50	9,28	7,40
Búzios	3,50	3,40	2,70	2,80	5,40	4,56	4,00	3,87	3,56	6,00
Porto Alegre	7,80	9,70	10,10	7,90	7,90	6,01	5,90	7,10	7,93	5,87
Florianópolis	15,30	11,40	17,00	13,90	14,00	17,70	18,70	15,80	6,42	5,28
Belo Horizonte	2,60	2,80	1,70	3,00	*	2,35	6,60	4,90	3,70	5,10
Balneário Camboriú	6,60	6,20	5,40	3,70	5,10	4,90	6,60	4,90	4,90	3,37

Fonte: EMBRATUR (2005).

* No período de 1998 não foram compilados os dados da cidade de Belo Horizonte pela EMBRATUR.

Os apelos e as pressões impostas atualmente pelo *trade* turístico aos órgãos competentes do estado e do município, para que os recursos públicos sejam também direcionados para a atividade turística, parecem indicar novas perspectivas para o turismo em Florianópolis, enquanto alternativa preferencial de desenvolvimento econômico e social para a cidade.

Percebe-se, então, através da pesquisa mercadológica promovida pela SANTUR, a importância do turismo para movimentar e expandir a economia local.

Tabela 5 - Principais mercados emissores de turistas estrangeiros para Florianópolis

Ano	Argentina	Uruguai	Chile	EUA	França	Paraguai
1986	88,64	4,20	1,87	---	---	---
1987	89,95	6,90	---	---	---	---
1988	72,99	10,43	1,90	3,32	2,84	1,90
1989	*	*	*	*	*	*
1990	61,88	20,00	2,50	1,25	1,88	3,75
1991	71,53	9,49	---	5,84	---	2,92
1992	81,88	6,52	4,35	---	---	1,45
1993	93,62	3,83	2,13	---	---	---
1994	92,16	3,19	---	---	---	1,96
1995	84,23	5,09	4,70	---	---	3,02
1996	84,32	6,72	1,49	---	1,49	3,73
1997	84,60	6,70	3,13	---	---	2,46
1998	77,91	9,30	1,55	---	---	6,98
1999	83,04	4,78	2,17	---	---	4,78
2000	86,34	7,01	2,80	---	---	0,88
2001	87,38	6,78	0,95			4,26
2002	68,60	19,45	1,37			6,83
2003	70,38	8,71	4,88			8,01
2004	72,12	6,06	4,85			5,45
2005	76,99	7,96	3,10			3,54

Fonte: SANTUR – dados em %

* No período de 1989 a SANTUR não realizou a pesquisa de demanda.

Os dados acima apresentados indicam que o principal mercado emissor de turistas estrangeiros para Florianópolis é representado pela Argentina, embora se constate também a potencialidade de outros mercados. Vale ressaltar que os dados informados pela SANTUR tratam da realidade no período correspondente à alta temporada, sendo que, dos estrangeiros que freqüentam a capital, os uruguaios destacam-se por preferirem visitar a cidade em períodos fora da alta estação, quando no seu país de origem acontecem semanas de feriados que coincidem, por exemplo, com a Semana Santa no Brasil. Nesse período, aumenta significativamente o contingente de uruguaios que ocupam preferencialmente os balneários do Norte da Ilha.

A prolongada instabilidade econômica da Argentina, principal mercado emissor de estrangeiros que chegam a Florianópolis, diminuiu consideravelmente o fluxo nas temporadas de 2002 e 2003. Observa-se, ainda, como consequência das oscilações da moeda e

da instabilidade econômica, uma queda da receita em dólar apresentada no decorrer dos anos. Esse fato deve-se à alta cotação que a moeda experimentava em alguns períodos. Em 2004 e 2005, já se percebia um crescimento proveniente principalmente do mercado argentino, conforme se observa na tabela abaixo.

Tabela 6 – Movimento de turistas nacionais e estrangeiros para Florianópolis e a receita gerada em dólar

Ano	Nacionais	Estrangeiros	Total	Receita em US\$
1986	131.790	67.710	199.500	35.578.516,09
1987	126.811	82.034	208.845	129.962.213,00
1988	180.786	39.015	219.801	46.089.083,10
1989	*	*	*	152.051.181,19
1990	243.820	58.837	302.657	138.715.090,77
1991	269.133	61.456	330.589	84.920.325,01
1992	201.901	149.797	351.698	84.462.434,18
1993	238.282	178.332	416.614	176.091.054,78
1994	170.679	186.196	356.875	164.771.909,66
1995	172.623	83.105	255.728	109.863.451,84
1996	215.835	84.815	300.650	120.961.916,81
1997	270.189	154.591	424.780	215.508.608,92
1998	272.643	85.815	358.458	138.901.218,73
1999	287.859	147.631	435.490	129.520.526,02
2000	335.132	171.109	506.241	144.917.799,97
2001	319.901	232.987	552.888	163.149.590,98
2002	295.464	75.163	370.627	84.634.776,20
2003	233.425	74.769	308.194	56.000.054,43
2004	492.114	89.328	581.442	113.323.983,55
2005	453.516	120.582	574.098	169.090.856,43

Fonte: SANTUR

* No período de 1989 a SANTUR não realizou a pesquisa de demanda.

Os dados acima permitem constatar que o número de turistas nacionais foi superior ao número de estrangeiros em praticamente todos os períodos, com exceção de 1994. Ano a ano, o índice de estrangeiros aumentou, principalmente a partir de 1992, chegando ao seu ápice em 2001. Nas duas temporadas seguintes (2002 e 2003), houve um decréscimo no movimento de turistas, reflexo da crise econômica na Argentina. Diante da queda do número de estrangeiros

no mercado local, registrou-se um expressivo crescimento no número de turistas nacionais que, nos anos de 2004 e 2005, contribuiu consideravelmente para o aumento da receita.

Tabela 7 – Principais mercados emissores nacionais para Florianópolis

Ano	Santa Catarina	Rio Grande do Sul	São Paulo	Paraná	Rio de Janeiro
1986	24,11	22,30	20,95	12,48	10,17
1987	16,91	20,63	23,23	10,78	12,27
1988	25,46	15,24	24,34	14,52	7,26
1989	*	*	*	*	*
1990	10,72	26,09	22,32	15,38	6,03
1991	14,17	21,00	28,33	12,66	9,50
1992	5,91	33,87	29,57	7,53	5,91
1993	11,15	31,53	18,15	15,29	8,60
1994	13,10	34,49	20,86	16,84	6,68
1995	18,09	57,03	10,66	8,24	3,23
1996	17,60	44,27	12,61	14,08	3,81
1997	7,28	43,04	20,31	14,81	7,41
1998	13,19	25,89	26,62	16,44	6,02
1999	7,05	43,34	20,27	11,98	4,70
2000	9,27	37,08	21,03	17,83	4,63
2001	12,56	35,37	20,05	18,78	3,46
2002	11,09	38,86	20,79	16,51	4,28
2003	7,70	40,96	19,31	13,17	5,92
2004	4,51	34,97	24,45	18,44	5,31
2005	13,76	42,71	14,82	11,76	5,88

Fonte: SANTUR – dados em %

* No período de 1989 a SANTUR não realizou a pesquisa de demanda.

Segundo os dados coletados, é expressiva a movimentação de turistas nacionais. Apesar da concorrência com outros destinos, como Balneário Camboriú e a região de Porto Belo, a capital ainda é a porta de entrada do turismo nacional catarinense. Verifica-se também que o estado do Rio Grande do Sul foi o principal mercado emissor de turistas domésticos para Florianópolis, com exceção do estado de São Paulo que, em 1998, se sobrepôs a todos os outros mercados.

No período de 2004, observa-se uma significativa expansão no mercado de São Paulo, porém, em 2005, registra-se uma queda de demanda nesse mesmo mercado. Provavelmente, o destino Florianópolis perdeu espaço para outros destinos estaduais e nacionais.

O estado de São Paulo é o principal mercado emissor de turistas no território nacional. Diante da sua potencialidade, a SANTUR instalou, em 2003, a “Casa Santa Catarina”, localizada na Av. 9 de Julho, uma das principais avenidas da cidade de São Paulo, que tem como objetivo promover todas as regiões do estado de Santa Catarina através da participação dos principais eventos e feiras de negócios em São Paulo. O espaço, mantido pelo governo do Estado de Santa Catarina, pode ser utilizado também pelo *trade* turístico estadual para divulgação dos seus produtos turísticos.

A análise de dados da pesquisa de demanda mercadológica permite mensurar o crescimento do turismo em Florianópolis. No entanto, como os dados são fornecidos anualmente pela SANTUR, e referem-se apenas à realidade de alta temporada, a pesquisa fica comprometida já que não permite uma análise do perfil de demanda anual. Em outros meses do ano (março a dezembro), a Ilha recebe também turistas de negócios e eventos.

Somente em 1998, quando surgiu o primeiro centro de eventos localizado na área central de Florianópolis, é que a cidade passou a ser reconhecida como um destino para realização de convenções e feiras de negócios.

Ano	1998*	1999	2000	2001	2002	2003
Nº Eventos	26	73	122	177	150	136
Público	59.600	165.133	248.750	419.515	513.900	451.258

Quadro 2 - Balanço do número de eventos/ público no Centro de Eventos de Florianópolis

Fonte: Assessoria de imprensa do Centro de Convenções de Florianópolis

* O Centro Sul foi inaugurado em junho de 1998

De acordo com os dados acima, fornecidos pelo centro de eventos, em 2003, mais de 451.258 mil pessoas (mais que toda a população da cidade) participaram de 136 eventos

realizados no Centro de Convenções de Florianópolis. Em relação ao primeiro ano de funcionamento do referido centro de eventos (1999), isso representa um aumento de 86,3% no número de eventos e 173,26% no de público.

A economia da cidade é altamente beneficiada por esse novo cenário, já que o turista de negócios gasta em média R\$ 240,00/dia (com táxi, hotel, refeições, lembranças etc), enquanto um turista de temporada, o de verão, gasta em média R\$ 60,00/dia, buscando alternativas mais baratas de alimentação, transporte e hospedagem, conforme os dados colhidos junto ao *Conventions & Visitors Bureau* de Florianópolis, em 2004.

Os números expressam uma perspectiva de crescimento do turismo de eventos em Florianópolis e, conseqüentemente, a expansão da rede hoteleira voltada para esse segmento.

3 EVOLUÇÃO DA HOTELARIA NO BRASIL E A SUA ORIGEM NA CIDADE DE FLORIANÓPOLIS

3.1 Gênese e evolução da hospitalidade no Brasil

O Brasil possui a tradição de ser um país hospitaleiro, porém, essa hospitalidade pode ser traduzida por um certo grau de “intimidade”, que acaba surpreendendo de forma positiva ou negativa o visitante.

Os viajantes estrangeiros no século XIX surpreenderam-se com a hospitalidade brasileira. Embora esta, mais generosidade e a afabilidade no trato, represente um traço definido do caráter brasileiro. A cordialidade brasileira não abrange apenas sentimentos positivos. Pode ser cordial, igualmente na inimizade, posto que todos esses sentimentos nascem do coração e se expressam a partir de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante. (PIRES, 2001, p.127).

A idéia de hospitalidade parece ser tão antiga quanto a própria civilização. Segundo aponta Walker (2002, p.4), a palavra hospitalidade deriva de *hospice* (asilo, albergue), uma antiga palavra francesa que significa “dar ajuda/abrigo aos viajantes”. O *hospice* mais famoso é o de Beaune, na região francesa da Borgonha, também conhecido como Hotel Dieu, ou Casa de Deus.

A noção de hospitalidade provém da palavra latina *hospitalitas-atis* e traduz-se no ato de acolher, hospedar, a qualidade do hospitaleiro, da boa acolhida, da recepção, do tratamento afável, cortês, amável, gentil. Já a palavra *hospes-itus* se traduz por hóspede, forasteiro, estrangeiro, aquele que é acolhido com hospitalidade, o indivíduo que se acomoda ou se acolhe provisoriamente em casa alheia, hotel ou outro meio de hospedagem, estranho. (DIAS, 2002, p.98).

Com as viagens e o incremento do comércio, surgem como consequência os primeiros meios de hospedagem que se caracterizavam como estabelecimentos de passagem, para um único pernoite, devido às longas distâncias e à necessidade absoluta de descanso. Alguns

viajantes somente contavam com a hospitalidade dos habitantes da região, pela inexistência de local apropriado.

Nas sociedades tradicionais, há uma ênfase na hospitalidade e na boa recepção ao estrangeiro. Suas origens estão relacionadas ao antigo hábito das famílias receberem pessoas em viagem em suas residências. (DIAS, 2002, p.100).

Através dos tempos, a hospitalidade tem envolvido os atos de acolher estranhos ou estrangeiros, oferecendo, de acordo com as necessidades do viajante e as posses do anfitrião, ora leito, ora pão, ora alimento ou bebida, ou então o conjunto de todos esses elementos. A hospitalidade, vista muitas vezes como uma atividade graciosa, como um costume de receber as pessoas ou ainda como troca de favores, torna-se também uma atividade comercial, com o surgimento dos primeiros meios de hospedagem. Em várias passagens da história a hospitalidade está implícita nas viagens, e, através dos tempos, ocorre um aprimoramento dos estabelecimentos voltados para a prática de hospedagem. O desenvolvimento desses locais acompanhou as transformações da sociedade. É uma sociedade capitalista em que os serviços relacionados à hospitalidade vão ganhar um novo impulso enquanto atividade econômica, visto que nela tudo se transforma em mercadoria.

Como em outros lugares, no Brasil de acordo com (2001, p. 129), uma maneira muito comum de acolhimento era a hospedagem daqueles que se encontravam em posições de mando. Nesse caso, o desejo de intimidade ia muito além daquilo que poderíamos chamar de cordialidade, pois a aceitação do convite quase sempre pressupunha a concessão de favores pessoais, ou, na pior das hipóteses, representava o prestígio do hospedeiro perante seus pares.

Pires (2001, p.132), no entanto, alerta que

[...] não se pode dizer, porém, que toda hospitalidade baseava-se exclusivamente em interesses materiais, políticos ou mesmo no desejo de ver aumentado seu prestígio. No caso dos viajantes estrangeiros parece que havia um certo orgulho de recebe-los, ou por serem homens da ciência, ou por talvez serem simplesmente estrangeiros, todos em grande consideração por terem vindo de famosas e prestigiadas nações do globo.

Sobre a hospitalidade, no Brasil, encontra-se também o costume de receber parentes e pessoas recomendadas por estes. Coloca-se em questão o regime de conduta que o hóspede tem que seguir para não ir contra os hábitos da família.

No período colonial, os viajantes se hospedavam nas casas-grandes dos engenhos e fazendas, nos casarões das cidades, nos conventos e, principalmente, nos ranchos que existiam à beira das estradas, erguidos, em geral, pelos proprietários das terras marginais. Aos ranchos e pousadas ao longo das estradas foram se agregando outras atividades comerciais e de prestação de serviços que deram origem aos povoados e, oportunamente, às cidades. Nessa época era comum, também, as famílias receberem hóspedes em suas casas, havendo, em muitas, o quarto de hóspedes. (ANDRADE; BRITO; JORGE, 2000, p. 20).

É possível citar como um dos primeiros alojamentos a Casa Anchieta, em São Paulo, no século XVI, que servia de abrigo aos religiosos da Companhia de Jesus. (SERSON, 1999). Em 1703, um anônimo viajante francês, de passagem pelo Rio de Janeiro, deixou o seguinte relato: “foi obrigado a dormir a bordo do navio porque não havia, como na França, hospedarias nem quartos mobiliados para alugar”. Outros estrangeiros, ao aportar em terras brasileiras, como foi o caso do cirurgião inglês John White, cansado de percorrer com outros passageiros as ruas estreitas do Rio de Janeiro, “não encontrou cafés ou hotéis em que pudessem passar uma ou duas noites em terra”. (TRIGO, 2000, p.154).

Nas chamadas hospedarias brasileiras, segundo aponta Pires (2001, p.142), existe uma nítida diferença entre a excelência da hospitalidade espontânea e aquela oferecida mediante pagamento. Os visitantes, por viajarem nas mais diferentes condições, muitas vezes seguindo tropas de mulas, souberam registrar tal diferença: “pode-se dizer que as hospedarias primavam pela improvisação, pelos péssimos serviços e, principalmente, pelos preços exagerados”, a escala de preço não dependia da variedade de comidas, mas do tratamento dispensado ao hóspede e do asseio da toalha. Pires acrescenta, ainda, que o tratamento

dispensado pelas hospedarias pertencentes a estrangeiros caracterizava-se por um serviço de melhor qualidade, se comparada a outras cujos proprietários eram brasileiros.

Outro elemento muito utilizado para hospedagem pelos tropeiros era o rancho. Construídos por particulares, donos das terras onde passavam as tropas, mas também às expensas do Tesouro Real e, por isso, chamados de “rancho real”, por não tirarem do proprietário a posse da terra apesar de manterem a administração por parte da Coroa que arcava com as despesas da construção e o privilégio de explorá-lo, no entanto, permanecia com o proprietário, que vendia produtos e serviços aos tropeiros. (PIRES, 2001, p.158).

Entre os serviços colocados à disposição dos tropeiros, além da acomodação e alimentação, estavam o serviço de guia, escravo ou aluguel de mulas.

A acomodação era sinônimo de precariedade e desleixo, como a falta de asseio e despreparo no atendimento. Situações relatadas por Saint-Hilaire (1972, p.133-134) sobre a viagem pela Província de São Paulo, Goiás e a caminho do sul do Brasil, também relatadas por Pires, expressam as condições destas hospedarias.

Era extremamente amplo e capaz de comportar uma enorme quantidade de mercadorias, mas estava coberto de pó e de sujeira, e o seu chão pulava de pulgas e bichos-de-pé. Censurei o proprietário por não mandar varrer o rancho, que lhe dava proveito, permitindo que os viajantes fossem devorados pelos insetos que o infestavam (PIRES, 2001, 158-159).

Saint Hilaire, em passagem pela capital paulista, em 29 de outubro de 1819, também registra a realidade da época.

Indicaram-me a hospedaria de um indivíduo conhecido como Bexiga. Fizeram entrar num terreiro lamacento, cercado de um lado por um fosso e dos outros dois lados por pequenas construções, cujas numerosas portas davam para o referido terreiro. Essas construções eram os quartos ou aposentos destinados aos viajantes. Bexiga dava a estes permissão para levarem seus burros para seus pastos, mediante o pagamento de um vintém por noite e por cabeça, e ao viajante não era cobrado nada. Entretanto, não pude deixar de sentir um arrepio quando vi o cubículo úmido, infecto, de uma sujeira revoltante, sem forro, sem janela, e tão apertado que, embora nossas malas tivessem sido empilhadas uma sobre as outras, pouco espaço sobrava para nos mexermos (SAINT HILAIRE, 1972, p. 146).

Saint Hilaire relata ainda que, além dos ranchos, alguns viajantes utilizavam o próprio meio de transporte, carregado de mercadorias e puxado por bois, como uma forma de alojamento. “Os proprietários desses veículos servem-se dos mesmos como tendas ou ranchos, abrigando-se sob eles para dormir e livrar-se da chuva, exemplo que eu próprio segui, mais tarde, quando viajei num grande carretão” (1972, p. 140).

No século XIX, surgiram, no Brasil, as primeiras hospedarias, as quais não se pode definir precisamente se eram hospedarias ou hotéis. Tais estabelecimentos apresentavam algum serviço diferenciado em 1830, já que, segundo Pires (2001, p.161),

[...] no final da próxima década verifica-se que a Corte possuía onze hotéis, relacionados pelo Almanaque na mesma coluna das chamadas “casas de pasto”. Alguns como Pharoux, o Ravot e o Universo não apresentam qualquer informação quanto ao tipo de serviço prestado, mas o Hotel dos Estrangeiros alugava aposentos e quartos ricamente mobiliados e incumbia-se de jantares de encomenda.

Durante o século XIX, a atividade hoteleira era sempre exercida conjuntamente com outros ofícios como barbeiros, sapateiros, alfaiates, que eram, ao mesmo tempo, artífices, vendeiros e estalajadeiros. Todos aí eram considerados vendedores de alimentos e hospedagem, sem maiores distinções. (DUARTE, 1996, p. 16).

Em 1858, o Almanaque Laemmert relaciona, no Rio de Janeiro, hotéis e casas de pasto (restaurantes da época). Entre estalagens, hospedarias e hotéis, havia 195 estabelecimentos, dos quais 78 pertencentes a brasileiros (TRIGO, 2000, p.153).

O movimento econômico experimentado durante a melhor fase do Segundo Império brasileiro, aliado às mudanças políticas que vinham se processando desde a época da Independência, às crescentes pressões em favor da abolição da escravatura e à transformação do regime de governo em República, foram fatores decisivos para o início da atividade hoteleira em São Paulo. A substituição de mão-de-obra escrava pela de imigrantes na agricultura impulsionou sobremaneira a cafeicultura e, por outro lado, trouxe consigo um

grande incentivo ao surgimento de outros tipos de atividades comerciais e industriais. (DUARTE, 1996, p. 17).

Os primeiros grandes hotéis brasileiros foram erguidos por imigrantes, que viam na nova terra boas possibilidades de sucesso. No começo, quase toda a estrutura desses hotéis era importada, pois o Brasil, por ser um país ainda não industrializado, importava os materiais que ainda não fabricava: telhas, azulejos, cerâmicas, móveis e roupas de cama e mesa, entre outros. (ANDRADE; BRITO; JORGE, 2000).

Vários estabelecimentos comerciais, no século XIX, transformaram suas estruturas para atender a demanda por hospedagem, mas, somente no início do século XX, foi construído o primeiro edifício do país para abrigar um estabelecimento hoteleiro. Era o hotel Avenida, localizado no Rio de Janeiro, inaugurado em 1908 com 220 apartamentos. Até então, todos os hotéis funcionavam em prédios adaptados⁴⁶.

A hotelaria brasileira, entretanto, começou a crescer a partir de meados do século XX, quando muitas das capitais e principais cidades do país ganharam grandes e elegantes hotéis. No entanto, a expansão da atividade hoteleira só foi intensificada depois da II Guerra Mundial, e hoje está em níveis bem próximos dos vigentes na hotelaria internacional. (ANDRADE; BRITO; JORGE, 2000).

Em 1936, a hotelaria já dava sinais de organização, quando, por ocasião do I Congresso Nacional Hoteleiro, foi fundada a Associação Brasileira da Indústria de Hotéis, com sede no Rio de Janeiro, para atuar como órgão técnico consultivo no estudo e solução dos problemas do setor, tendo como principal objetivo representar e defender os interesses da classe dos hoteleiros do Brasil.

No início dos anos 40, a proliferação de cassinos no país motivou a diversificação do setor, através da construção dos hotéis-cassino. Entretanto, a proibição do jogo, em 1946,

⁴⁶ Análise setorial da Indústria Hoteleira (GAZETA MERCANTI, 1999).

acabou provocando a desativação de vários empreendimentos. Esse foi um dos motivos pelos quais o setor não apresentou uma evolução significativa no período, dadas também as limitações das atividades de turismo no país.

Já na década de 50, o país passou por modificações significativas no seu sistema rodoviário e no transporte aéreo. A implementação de investimentos na infra-estrutura dos principais aeroportos e a construção de estradas interestaduais provocou um incremento nas viagens domésticas, impulsionadas pela instalação da indústria automobilística no Brasil.

Em 1966, foi criada a Embratur e, junto com ela, o FUNGETUR (Fundo Geral de Turismo), que atua através de incentivos fiscais na implantação de hotéis, promovendo uma nova fase na hotelaria brasileira, principalmente no segmento de hotéis de luxo, os chamados cinco estrelas. Esse novo surto hoteleiro promoveu mudanças nas leis de zoneamento das grandes capitais, tornando a legislação mais flexível e favorável à construção de hotéis (ANDRADE; BRITO; JORGE, 2000)

A expansão do setor hoteleiro na década de 70 foi estimulada pelo crescimento do número de viagens, decorrente do desenvolvimento da infra-estrutura dos transportes aéreo e rodoviário. Segundo IBGE, o número de hóspedes, no Brasil aumentou de 19,38 milhões em 1969 para 26,51 milhões em 1973, um incremento de 36,8% em menos de 5 anos⁴⁷. Contribuíram para esse desenvolvimento os incentivos do governo federal para a expansão das redes hoteleiras locais, bem como a entrada das grandes cadeias internacionais. Nesse período, surgiram vários hotéis de luxo, como é o caso do Maksoud Plaza em São Paulo; o Internacional Foz, no Paraná; Laguna Tourist, em Santa Catarina.

⁴⁷ Análise setorial da Indústria Hoteleira (GAZETA MERCANTIL, 1999)

Ano	Categoria dos hotéis				Outros estabelecimentos		Total
	Luxo	1 ^a	2 ^a	3 ^a	Pensões	Motéis	Meios de Hospedagem
1968	28	136	517	7.889	4.052	38	12.660
1969	43	244	811	7.226	4.090	183	12.597
1971	22	154	621	8.277	4.055	204	13.333
1972	18	168	673	8.720	3.929	256	13.764
1973	30	208	729	9.315	4.058	293	14.633
1974	70	333	801	9.495	3.575	507	15.356
1976	94	384	902	9.434	3.603	654	16.345
1977	105	468	949	9.572	3.462	787	16.807
1978	111	482	1.088	9.978	3.585	901	17.751
1979	112	497	1.176	9.618	3.341	1.023	17.683

Quadro 3 - Evolução dos meios de hospedagem no Brasil de 1968 a 1979

Fonte: Panorama Setorial da Indústria Hoteleira (1999).

Os hotéis de luxo e 1^o categoria, todos continham aposentos com banheiros privativos, já os de segunda categoria, 40% possuíam banheiros e de terceira categoria, menos de 40% contavam com esse tipo de equipamento⁴⁸.

No início da década de 70, não existia nenhuma exigência quanto à estrutura física e de serviços para determinar o padrão referente à categoria hoteleira, pois somente em 1978 é que o sistema de classificação hoteleiro foi instituído pelo Conselho Nacional de Turismo (CNTur). Nesse momento, eram classificados como hotéis aqueles que possuíam os apartamentos privativos, com banheiros ou salas. Os hotéis que possuíam apartamentos com cozinha e sala passaram a ser chamados de hotéis-residência, enquanto as instalações com valor histórico foram denominadas pousadas e os estabelecimentos simples com banheiros

⁴⁸ Análise setorial da Indústria Hoteleira (GAZETA MERCANTIL, 1999, p.13)

coletivos foram classificados como hospedaria de turismo. Os hotéis de lazer deveriam possuir equipamentos de lazer, tais como piscina e atividades de recreação.

A entrada das cadeias internacionais de hotéis, em meados da década de 70, foi estimulada pelo acirramento da concorrência entre essas companhias em nível internacional e pela transformação do país em um importante pólo de viagens de negócios com o crescimento da economia e a entrada das multinacionais. Contudo, a estratégia utilizada pelas redes internacionais foi a de associarem-se a grupos nacionais que, na maioria dos casos, assumiam a responsabilidade do investimento imobiliário enquanto a administração do empreendimento era realizada através de contrato de gestão ou sistemas de franquias⁴⁹.

Uma rede de hotéis foi constituída por um grupo de três ou mais hotéis operados sob um nome comum, podendo os mesmos serem de propriedade da rede ou simplesmente administrados por ela. (RUSHMORE, 1985 *apud* BELLI, 1998, p.66).

Ainda no que se referente às vantagens para os proprietários que operam em rede, sob o regime de franquia, Rushmore destaca:

- Identificação imediata, reconhecimento e imagem: cada rede tem sua própria imagem, com indicação de preços e mercado-alvo (familiar, férias, negócios, convenções);
- Central de reservas: as redes possuem central de reservas que permitem aos futuros hóspedes efetuarem suas reservas através de ligações grátis;
- Canal de divulgação e de vendas: ocorre maior divulgação e maior ação de vendas, em termos nacional e regional, que não poderiam ser arcados por um hotel independente;
- Procedimentos padronizados: as redes padronizam os procedimentos e periodicamente efetuam inspeções;

⁴⁹ A vinda das cadeias hoteleiras para o Brasil no início da década de 70, coincidiu com uma fase de disponibilidade de financiamento de longo prazo através da EMBRATUR e de incentivos fiscais para construção de hotéis (HIA – Hotel Investment Advisors, 2005).

- Apoio gerencial: muitas redes oferecem assistência específica em vários aspectos do desenvolvimento do hotel e de administração, tais como na fase de projeto, de administração e de marketing;
- Compra de materiais em grupo: as redes, por exigirem padronização também nos móveis, nos utensílios, nos uniformes dos funcionários, nos materiais de higiene e de asseio oferecidos aos hóspedes, efetuam as compras em grupo, o que reduz o custo da aquisição, gerando ganhos aos participantes

Diante das vantagens decorrentes das estruturas padronizadas e globalizadas das redes hoteleiras, a hotelaria independente sente-se ameaçada e forçada a uma maior profissionalização.

Nos anos de 1980, o desenvolvimento de projetos hoteleiros foi bastante prejudicado pela instabilidade econômica e pelo crescimento acelerado da inflação⁵⁰. Esse período foi marcado pelo surgimento dos empreendimentos denominados *Flat* no Brasil, principalmente na capital de São Paulo⁵¹. A partir de 1991, as fontes de financiamento influenciaram o surgimento de novos projetos hoteleiros em pólos turísticos de referência, com destaque para o papel do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico Social). Em 1994, com o Plano Real, ocorre a estabilização da economia, que marcou o início da fase de expansão da demanda do setor hoteleiro, motivada pelo crescimento do turismo de negócios e pelo incremento das viagens domésticas⁵². A performance dos hotéis gerou um grande interesse

⁵⁰ Com a crise econômica do início dos anos de 1980, a indústria hoteleira certificou-se que seria difícil manter o ritmo de crescimento da oferta de novos hotéis, como ocorrera na década de 1970, em função do fim dos financiamentos de longo prazo e dos incentivos fiscais (HIA, 2005).

⁵¹ Os flats e os apart-hotéis, como imóvel comercial para fins de locação, têm um custo relativamente baixo de investimento, já que podem ser viabilizado através de comercializações individuais. Os usuários encontram a mesma condição de serviços e de hospedagem que em um hotel

⁵² Os anos de 1990, o setor hoteleiro no Brasil passou a vislumbrar uma nova fase de desenvolvimento. Em 1991, o BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) começou a oferecer uma linha de crédito especial para a construção de hotéis, apesar de apresentar condições (prazo e juros) mais desfavoráveis do que o modelo aplicado no exterior.

dos investidores institucionais, principalmente dos Fundos de Pensão⁵³, bem como de outros investidores internacionais atraídos pela possibilidade de bons retornos do capital aplicado na construção de novos hotéis. O setor hoteleiro brasileiro atrai a atenção do capital estrangeiro, que começa a investir em hotéis no Brasil, primeiramente através das próprias cadeias hoteleiras. Como exemplo de investimentos, pode-se citar a compra da rede Caesar Park pelo grupo Mexicano Posadas e a construção do Grand Hyatt, em São Paulo, com investimento da própria Hyatt e do grupo argentino Libermann⁵⁴.

A expansão da hotelaria, no Brasil, é estimulada pelo crescimento do turismo de negócios e lazer e pela estabilização da economia, apesar do inexpressivo desempenho do setor produtivo no país.

3.2 As origens da hotelaria em Nossa Senhora do Desterro / Florianópolis⁵⁵

Com as viagens e o incremento do comércio, surgiram os primeiros meios de hospedagem que se caracterizavam como estabelecimentos de passagem, para um único pernoite, já que, em função das longas distâncias, colocava-se a necessidade de locais para descanso. Alguns viajantes contavam somente com a hospitalidade dos habitantes da região, pela inexistência de locais destinados ao acolhimento das pessoas que chegavam à cidade.

⁵³ Os fundos institucionais ou fundos de pensão passaram a atuar no setor hoteleiro no início dos anos de 1990, com o crescimento dos recursos administrados por essas instituições e as oportunidades associadas aos empreendimentos no setor de turismo no país. A entrada dos investidores institucionais no setor foi acompanhada pela expansão das operadoras hoteleiras internacionais, que ofereciam aos fundos e aos proprietários dos empreendimentos imobiliários, o gerenciamento profissional e o acesso aos mercados turísticos internacionais, através das cadeias hoteleiras. A PREVI (Previdência Privada dos Funcionários do Banco do Brasil) realizou importantes investimentos no setor hoteleiro, com o Complexo Turístico da Costa do Sauípe, localizado na Costa do Coqueiro na Bahia, inaugurado em 2000. Outro investidor institucional, o FUNCEF (Fundo de Pensão dos Funcionários da Caixa Econômica Federal), também realizou investimentos importantes, o empreendimento hoteleiro Renaissance de São Paulo, em 1997, o Resort de luxo Cabo de Santo Agostinho administrado pela rede Blue Tree e entre outros (ANÁLISE SETORIAL DA INDÚSTRIA HOTELEIRA, 1999)

⁵⁴ Análise Setorial da Indústria Hoteleira (1999) e Hotel Investmente Advisors, (2005).

⁵⁵ A partir de 01 de outubro de 1894 Nossa Senhora do Desterro passa a se chamar Florianópolis em homenagem ao presidente Marechal Floriano Peixoto, vitorioso na Revolução Federalista.

De acordo com Pires (2001, p.127), os viajantes estrangeiros, no século XIX, surpreenderam-se com a hospitalidade brasileira, que somada à generosidade e à afabilidade no trato, representavam um traço definido do caráter brasileiro.

Durante as expedições pelo litoral brasileiro, em passagem pela Ilha de Santa Catarina, alguns desses viajantes estrangeiros descreveram o cotidiano, a paisagem e a hospitalidade dos moradores da época. O francês Antoine Pernetty (1763), comentou que “obtiveram do governo permissão geral de fazer o que conviesse, seja na caça ou na pesca, e que dispuséssemos da melhor água e madeira” e também “passear por todo lugar que quiséssemos”. Integrante da mesma expedição, Bougainville, expressou a hospitalidade recebida na casa do governador com jantar e baile.

Não bastasse, James George Semple Lisle⁵⁶ também confirmara a mesma acolhida recebida no palácio, onde os quartos foram oferecidos durante a sua estada de três semanas na Ilha. Destacara ainda que foram “tratados com a maior cortesia por parte do governador e pelos principais habitantes da Ilha”. Outro viajante, Jean-François Galaup de La Pérouse (1785), descreveria os “costumes delicados” da população, ao mesmo tempo em que salientava que os habitantes “são polidos, serviçais, mas supersticiosos e ciumentos de suas mulheres”. Em 1803, em expedição pelo litoral catarinense, o russo Krusebstern, comentou que o governador “mandou um sargento para bordo de ambos os navios, o qual foi colocado inteiramente à disposição, mandando fazer uma lista das provisões de que necessitávamos, e ordenou a um oficial a maior rapidez em procurá-las e comprá-las no interior da ilha e no continente”. (HARO, 1996).

Segundo Cabral (1979, p.249), até 1811, não havia, em Desterro, hotéis e nem hospedarias. Ele também salienta o fato de que freqüentemente o Palácio era utilizado para hospedagem e para realização de bailes, destacando, entretanto, que apenas “depois da

⁵⁶ Viajante estrangeiro em expedição pelo litoral brasileiro aportou na Ilha de Santa Catarina em 1797.

Independência, os jantares e almoços, além dos bailes, foram bem mais frequentes. O Imperador hospedou-se no palácio em 1845, e mais tarde, outros hóspedes ilustres ali se agasalharam”. (Idem, p.53).

Segundo relato do viajante René Primevère Lesson, em 1822, Nossa Senhora do Desterro, não oferecia aos estrangeiros nem hotel, nem restaurantes, nem café. Como em todas as colônias portuguesas, encontravam-se várias tendas de revendedores, espécies de tavernas onde se davam de beber e comer e “onde a “ralé” e os negros vem se regalar com peixe seco e araque. Sua população é de mais ou menos seis mil almas. Distingue-se três classes de habitantes: os brancos, os mulatos e os negros. A última é quase que inteiramente composta de escravos”⁵⁷.

Cabral (1979, p. 156) confirma a existência de tabernas freqüentadas por negros escravos, quando “um concessionário chamado José Monteiro foi advertido pela Câmara, por fazer da sua taberna alojamento para pernoitarem os escravos, destinados ao serviço da iluminação da cidade”. As tabernas eram chamadas de “taberna de molhados”, pois vendiam todo tipo de gêneros alimentícios.

Não teriam sido muitas, nessa época as grandes e boas residências, às quais eram levados hóspedes ilustres, não só porque pertenciam elas à gente bem da Vila, como porque todos desejavam que saíssem eles daqui fazendo elogios e propaganda da terra. A maioria dos proprietários era, entretanto, a já vista maioria dos pequenos vendeiros, principalmente de gêneros alimentícios, a cujas casas se denominava de taberna de molhados, que puderam ir amealhando os seus pés de meia, escondidos debaixo dos colchões ou no fundo da arca das roupas, todos eles mais ou menos açambarcadores de gêneros, cobrando já naquele tempo, o dobro do que lhes custavam e lesando o fisco [...] (CABRAL, 1979, p. 232).

Vê-se, então, que, na Desterro da primeira metade do século XIX, não havia estabelecimentos adequados para acomodação dos viajantes que chegavam à Ilha de Santa Catarina, fato comprovado pelos relatos acima, os quais atestam também que as

⁵⁷ Lesson, era naturalista e integrava uma expedição que aportou em Santa Catarina em 1822. **Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX**. Organizado por Martins Afonso Palma de Haro. Florianópolis: UFSC, 1996.

personalidades ilustres eram recebidas no próprio Palácio, enquanto aos demais restava como abrigo a própria embarcação ou dependiam do acolhimento dos moradores locais.

Foi na região do porto e do largo do palácio, além do comércio varejista, que surgiram os primeiros estabelecimentos hoteleiros a partir de meados do século XIX, identificados no decorrer da pesquisa na obra do historiador Osvaldo Cabral (1979) e nos jornais de época. Entre as primeiras iniciativas do período, estão: Hotel do Commercio (1850); Hotel Brasil (1856); Hotel Café (1856); Hotel da Praça (1857); Hotel do Vapor (1857); Hotel Universo (1859); Hotel dos Paquetes (1864); Hotel Papini (1871); Hotel Trajano (1876); Grande Hotel (1884). Para Cabral (1979, p. 405), os hotéis ficavam, em geral, “na Praça e no começo das ruas principais”, conforme se observa no mapa abaixo.

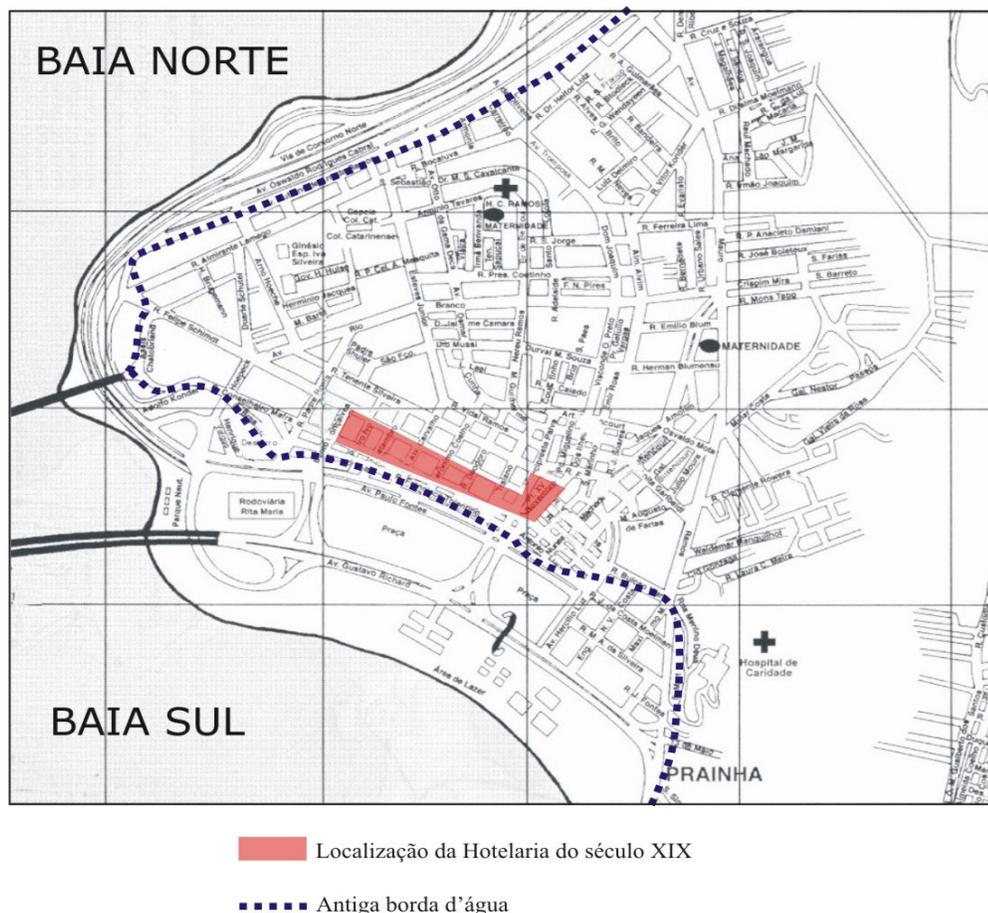


Figura 5 - Mapa de localização da hotelaria no século XIX.
Fonte: Elaborado pela autora.

Os investimentos na construção civil foram incentivados, num primeiro momento, pela presença do Mercado, da Alfândega e do cais de desembarque. Posteriormente, foram reforçados pelas linhas de bondes e pelos pontos de carros de aluguel, cuja implantação teve origem naquela área, devido à aparição do calçamento. A presença do porto e dos navios centralizou as atividades de serviços, fazendo proliferar os hotéis, já que ali era ponto de chegada dos passageiros dos navios. (VEIGA, 1993, p. 301).

Em relação aos proprietários dos hotéis, na obra *Nossa Senhora do Desterro*, Cabral (1979) destaca que:

- José Maria do Vale, comendador e importante personagem da Ilha, em 1857 era proprietário do Hotel do Vapor;
- Em 1867, o Hotel Brasil situado no Largo do Palácio, era propriedade de José de Vasconcelos Cabral. No ano seguinte, foi vendido, apesar de não haver informações sobre a pessoa que o adquiriu, tendo o antigo proprietário publicado um anúncio agradecendo a preferência dos seus clientes. Em 1870, era propriedade de Alexandre José da Silva Faria e ainda existia nos fins do século XIX, certamente em mãos de outro proprietário. Ficava localizado na Praça, no número 24;
- Em 1861, Jules Mèssire de Brier adquiriu de Eduardo Sales, o Hotel do Universo, já existente. Obteve do antigo proprietário o compromisso de que continuasse a dirigi-lo por mais alguns meses, a fim de que ele, de Brier, pudesse conhecer melhor os amigos e fregueses da casa. O novo proprietário anunciava ter trazido da Europa (talvez fosse apenas do Rio de Janeiro) “um excelente cozinheiro”, habilitado não só em servir os hóspedes como em atender encomendas para jantares e ceias particulares;

- No ano de 1867, o Hotel dos Paquetes, também situado no Largo do Palácio, foi adquirido por José de Oliveira Bastos e seu genro, tendo sido comemorada a inauguração da nova direção;
- O Dr. Luís Carlos Augusto da Silva, médico militar, licenciado por doença, vindo do Paraguai e com exercício no Hospital Militar do Desterro, também adquiriu em 1868, um Hotel situado na rua Augusta, nº 32;

Em 1884, havia o Grande Hotel (Figura 6), também localizado no Largo do Palácio. Tratava-se de um edifício de dois pavimentos, com platibanda, que apresentava nove aberturas moduladas, tanto no térreo, quanto no andar superior. Em cima, ainda havia sacadas de ferro. Foi demolido entre 1915 e 1916, dando lugar aos dois prédios onde estão localizados atualmente a padaria Brasília e as lojas Marisa. Um novo prédio foi construído por Iconomos Agapito Iconomos e herdado por seu filho Agapito Iconomos, para abrigar as instalações do Hotel e Restaurante Estrela, inaugurado em 1918. Apresentava a mesma configuração de outros edifícios da época, considerado por alguns como o melhor do Sul do Brasil. Seu proprietário era o italiano Paulo Posito. Essa edificação também foi sede das Lojas Alfred e do Banco Habitasul. (SILVA, 1999, p. 38).



Figura 6 - Grande Hotel, 1894
Fonte: ABREU (2004).

Os hotéis do século XIX ofereciam serviços e produtos diferenciados, além da hospedagem. Em alguns deles, funcionava, no piso térreo, numa espécie de armazém onde também se podia encontrar uma diversidade de produtos alimentícios, produtos homeopáticos, bebidas, cigarros, cafés, velas de carnaúba, papéis, além de outros objetos colocados à venda, conforme pode-se observar através dos seguintes anúncios:

- No Hotel do Commercio, rua do Príncipe, nº 29 vendem-se lombilhos muito superiores chegados ultimamente da Colônia de S. Leopoldo, por preço cômodo. (NOVO IRÍS , 05/07/1850);
- Na nova reforma de secos e molhados debaixo do Hotel da Praça, vende-se os seguintes gêneros: Velas de sebo, vinho da companhia do Alto-Douro, resma de papel, biscoitos finos e araruta. (CORREIO CATHARINENSE, 02/11/1853);
- VAMOS ao Armazém, debaixo do Hotel da Praça, comprar açúcar branco de Pernambuco, bom a 120 reis a libra; dito fino, claro a 140 reis; dito mascaviacho refinado a 149 reis; dito refinado finíssimo a 200 reis; velas de sebo superior a 520

reis a dúzia; azeitonas d'Elva; amêndoas do reino, casca mole; queijo do reino; latas de goiabada e de marmelada, finíssima; cerveja Inglesa em garrafas e meias garrafas; champagne em garrafas e meias garrafas; genebra Holandesa; bolachinhas; doces; araruta; dita americana muito superior; vinho tinto e branco Lisboa, muito superior (O CONSERVADOR, 07/08/1855).

- BAIXOU O PREÇO! Óleo Kerosene superior a 2:400 rs. A medida e 640 rs. A garrafa em casa de Gomes & Cia debaixo do Hotel dos Paquetes. (DESPERTADOR 17/05/1864);

A maioria dos estabelecimentos fornecia refeição completa: café, almoço e jantar, conforme descreve Cabral (1979, p.406):

Todos eles, pelo menos os de maior expressão, esmeravam-se no conforto e tratamento oferecido aos hóspedes. Cômodos excelentes para a época (hoje seriam inadmissíveis em um estabelecimento de classe); roupas limpas, mesa farta e boa, principalmente isto. E nota-se que, naquele tempo, não havia história de prato único. Não se comia apenas um prato ou dois...Eram muitos...Entradas, sopas, frituras, assados e outras iguarias de resistência, em doses fartas, regadas com bom vinho ou cerveja inglesa. Ninguém saía da mesa com fome. As sobremesas eram variadas – frutas, compotas, cremes – terminado todo o repasto por um bom café e um licor forte, para estimular o suco gástrico. E havia necessidade. Para digerir tudo aquilo, havia mister de bom estímulo...de muito estímulo e de muitas horas.

Os Hotéis utilizavam os jornais de circulação para divulgar os seus serviços aos viajantes que chegavam ao porto do Desterro, destacando inclusive a facilidade de acesso e a localização, conforme o anúncio do jornal “O CONSERVADOR”, de 27 de abril de 1855, “este hotel inteiramente mobiliado e arranjado de novo ao pé do desembarque no Largo da Praça n.20 torna-se recomendável a todos os passageiros ou viajantes pela qualidade dos objetos de gasto, excelente serviço e modicidade dos preços”.

Alguns elogios sobre os hotéis, feitos pelos viajantes, eram destacados por Cabral (1979), como o que se refere ao Hotel Brasil: “a boa ordem deste estabelecimento, o asseio, a profusão da comida e sua variedade, nada deixa a desejar aos hotéis da Corte”. E ainda

acrescenta: “a todos os senhores passageiros recomendo-lhe o hotel do Sr. José de Vaconcelos Cabral”.

O público freqüentador dessa hotelaria era dos mais variados, desde artistas e políticos até viajantes. O Hotel Papini e o dos Paquetes eram freqüentados pelos políticos da época, como evidenciam as seguintes colocações: “A 4 de novembro, o Visconde passou de volta, regressando do Rio Grande do Sul. Hospedou-se no Hotel dos Paquetes. Não houve homenagens, bailes, nem outras puxadas. Corrêa da Câmara não deixara de ser Visconde. Mas deixara de ser Ministro” (CABRAL, 1979, p. 38). Em 1871, “havia na Praça, um Hotel chamado Papini. Deveria ser recém instalado e era freqüentado por políticos” (A PROVÍNCIA, 8/11/1871). “A 5 de novembro, de volta, desembarcou João Caetano, no Desterro, fez um breve ensaio com o grupo e, às 7 da noite, foi levado do Hotel do Vapor, onde se hospedara, para o Teatro, com acompanhamento nunca visto, puxado pela banda de Música da Guarda Nacional”. (CABRAL, 1979, p. 195-196).

Os serviços implementados pela hotelaria do século XIX atendiam também a eventos sociais, com destaque para o hotel do Vapor, que era conhecido pela sua diversidade gastronômica e pelo jogo, razão pela qual tornou-se o principal ponto de encontro da sociedade desterrense da época.

Hotel do Vapor era o centro de reuniões sociais, era, ao mesmo tempo que uma hospedaria de primeira ordem, servida de um excelente restaurante, uma casa de diversões. Não tardou que, ou por ter o pessoal cansado das atrações lúdicas que oferecia, ou para mais servir e atrair a freguesia, comprou em um Hotel, no Rio de Janeiro, um bilhar, com mesa de mármore de Escócia. (O ARGOS, 1859 *apud* CABRAL, 1979, p. 198).

No que diz respeito ao jogo, anunciava-se que: “nas reuniões familiares ou nos hotéis, onde os hóspedes e viajantes, à noite, não tinham o que fazer, nem para onde ir, eram permitidos o voltarete, o solo, a manilha, a bisca e algumas outras modalidades. Mas, se houvesse jogo de víspera, deveria ser paga a licença”. (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS, 1857 *apud* CABRAL, 1979, p. 227),

Há, também, um registro interessante apontado por Cabral (1979, p. 224-225), relacionado ao grupo de Flautas que se reunia no Hotel do Vapor. Esse Hotel foi a sede de encontros de vários grupos sociais, fossem eles “esportivos ou não, enquanto não providenciavam um pouso ou enquanto não desapareciam”.

Assim como a hotelaria de hoje divulga, nos anúncios de classificados as oportunidades de emprego, o Hotel do Vapor, no século XIX, já o fazia, conforme atesta um anúncio do jornal O CONSERVADOR, de 20/11/1855: “no Hotel do Vapor, Largo do Palácio, necessita-se de um bom cozinheiro; quem se achar nessas circunstâncias, queira dirigir-se ao mesmo Hotel para tratar”.

Parece, entretanto, que o proprietário não obteve sucesso com o anúncio, porque, segundo o relato de Cabral (1979, p. 406-407), teve que buscar na Corte um profissional à altura do seu Hotel:

Em 1859, apareceu por aqui um artista culinário, Mr. Alexandre Bourgoûin, trazido da Corte pelo proprietário do Hotel do Vapor, com o cartaz de haver exercido a sua arte em Paris, Inglaterra e Rio de Janeiro. No ano seguinte, o mesmo Hotel oferecia-se para o fornecimento de doces de fantasia para soirées, chás e bailes, por preços módicos, confeccionados por um confeitiro francês.

Constata-se que os hoteleiros dessa época também passavam por problemas referente ao andamento dos seus negócios, conforme destaca o seguinte anúncio:

Mêssire de Brier sacrificava a sua biblioteca, sabe Deus a que duras penas reunida, para livrar-se das dívidas, contraídas pelos maus negócios que fizera com a aquisição do Hotel do Universo. Estavam à venda, obras de Thiers, Lamartine, Walter Scott, Capefigue, Dumas, Sue, Montepin, Foudras, Sand, Alfonse Karr, clássicos ingleses e alemães, por preços que iam de 400 réis a 24 mil réis o volume. (ESTRELA, 1861, *apud* CABRAL, 1979, p.108).

Diante do exposto, conclui-se que os hotéis do século XIX tinham características estruturais diferenciadas dos estabelecimentos hoteleiros da atualidade, embora alguns problemas fossem comuns aos com que se depara o setor hoteleiro na atualidade. Em alguns hotéis, funcionava, no piso térreo, uma espécie de armazém onde também se podia encontrar uma diversidade de produtos e de objetos colocados à venda. Os hotéis eram caracterizados como edificações de partido arquitetônico horizontal, nas quais, no primeiro piso, funcionava

um comércio de secos e molhados e, no segundo, dormitórios para hospedagem, sem banheiros privativos, porém com quarto para banho. Constatase, também, que a maioria dos estabelecimentos oferecia refeição completa, incluindo desde o café da manhã até o jantar. O público dos primeiros hotéis era dos mais diversificados, com destaque para artistas, militares, políticos e viajantes. Quanto aos serviços ofertados aos hóspedes, atendiam a hospedagem, o lazer e eventos sociais promovidos pela sociedade da época, como, por exemplo, o caso do Hotel do Vapor, conhecido pelos seus serviços de gastronomia e pelo jogo.

4 O DESENVOLVIMENTO DA HOTELARIA NO NÚCLEO CENTRAL DE FLORIANÓPOLIS

4.1 Evolução da hotelaria até os anos de 1970

Assim como a cidade, o setor hoteleiro, no início do século XX, começava a apresentar os primeiros indícios de modernidade, estimulada pela construção da ponte Hercílio Luz, inaugurada em 1926, que permitiu a fluidez do transporte rodoviário, facilitando a chegada à ilha de novos produtos e pessoas advindos de outros estados. A figura abaixo apresenta os prédios localizados em meados do século XX, no centro de Florianópolis, cujas fachadas estavam voltadas para a Praça XV de novembro.



Figura 7 – Vista do centro da cidade em meados do século XX.
Fonte: ABREU (2004).

No dia-a-dia, a população da capital do Estado, tanto na Ilha quanto no continente, dependeu, durante muito tempo, inteiramente das lanchas que permitiam o acesso à porção insular e vice-versa. O atual bairro do Estreito tornou-se ponto de convergência de viajantes,

pessoas que transitavam a pé, a cavalo ou em carroças e que antes da construção da Ponte Hercílio Luz, ficavam à mercê do bom tempo para fazer a travessia do Continente para a Ilha. Isso propiciou as construções de pequenos hotéis e casas de pensão, que alojavam os forasteiros, até que houvesse condições seguras para a travessia do canal. É o caso, por exemplo, do Hotel Neves, que existiu no Estreito, por volta de 1915, um hotel popular, com grande movimento de hóspedes. Ao lado do prédio, ficavam o pasto e os galpões onde os viajantes guardavam as carroças e abrigavam os animais. (VEIGA, 2004, p. 43).

Através das fotos antigas de Florianópolis, apresentadas por Adolfo Nicolich da Silva, (1999) na obra “Rua de Florianópolis: resenha histórica”, é possível identificar também o Hotel Taranto, localizado na Praça XV de Novembro, o qual foi construído entre as décadas de 1910 e 1920. Segundo o mesmo autor, o seu prédio, após o fechamento do hotel, passou a abrigar os Correios, sendo demolido em 1935, para a construção da Agência do Banco do Brasil. “A demolição do Hotel Taranto foi muito comentada na cidade, tendo o novo prédio sido classificado como um caixão pela população, que, de uma forma geral, rejeitava o estilo moderno da época e valorizava a decoração eclética” (SILVA, 1999, p.38). Na figura abaixo, pode-se visualizar o Hotel Taranto na década de 1930:



Figura 8 - Hotel Taranto, 1930

Fonte: SILVA (1999).

Os hotéis do início do século XX apresentavam as mesmas características da hotelaria do final do século XIX. Muitos deles com partido arquitetônico horizontal em cujo primeiro piso funcionava um comércio varejista e, no segundo, uma estrutura de dormitórios para hospedagem, sem banheiros privativos. Esse é o caso do Hotel Majestic, localizado na rua Trajano, esquina com a Conselheiro Mafra, do Hotel Metropol, que ficava na rua Conselheiro Mafra, bem como do Hotel Cruzeiro, ainda em atividade, também na rua Conselheiro Mafra. Ressalta-se que os prédios em que funcionavam esses hotéis estão preservados no centro histórico de Florianópolis.

No início do século XX, mais precisamente em 1932, inaugurou-se na primeira quadra da rua Conselheiro Mafra, defronte à Praça XV de Novembro, o Hotel La Porta, uma construção de cimento armado com quatro andares, o primeiro da cidade a dispor de elevador. Seu proprietário, Ângelo M. La Porta, era concessionário e diretor da loteria de Santa Catarina, tendo adquirido o prédio onde estivera instalada a firma de André Wendhausen, no qual fez as adaptações necessárias para transformá-lo em um hotel com 180 apartamentos. Antes da firma de André Wendhausen, funcionara, nesse mesmo local, a primeira Alfândega da cidade, que passou por um incêndio no século XIX⁵⁸.

O projeto do Hotel La Porta foi realizado pelos irmãos Corsini, engenheiros que chegaram a Florianópolis em novembro de 1922, para supervisionar a construção da Ponte Hercílio Luz. Os mesmos foram também autores do projeto do Miramar⁵⁹ e da ampliação do Mercado Público. A construção foi realizada sob a orientação do arquiteto Augusto Hubel. (VEIGA, 2004, p. 42).

⁵⁸ Maiores informações sobre hotel podem ser encontradas na obra **Florianópolis Memória Urbana** da Eliane Veras Veiga (1993) e na obra *Ruas de Florianópolis: resenha histórica* do autor Adolfo Nicolich da Silva (1999).

⁵⁹ O pitoresco e elegante Bar Miramar foi inaugurado em 28 de setembro de 1928, substituindo o antigo Trápiche Municipal de cobertura de zinco. No segundo piso do Miramar funcionava um restaurante com orquestra, e garçons que, com modos elegantes, serviam as mesas, cujos pés tinham a forma de golfinhos. O estabelecimento foi demolido em 24 de outubro de 1974, quando estavam em andamento as obras do aterro da Baía Sul e no seu local hoje existe um Memorial (VEIGA, 2004, p.43).

Veiga (2004) assinala que, defronte ao Hotel La Porta, ficava o ponto final da linha de ônibus Agrônômica. Percebe-se, portanto, que a localização do empreendimento era privilegiada, pois estava próxima à Praça XV, da Praça Fernando Machado e do Bar Miramar, local de fluxo constate da população local e de viajantes que chegavam à cidade.



Figura 9 - Vista do Hotel La Porta em 1960
Fonte: ABREU (2004).

O Hotel La Porta foi desativado na década de 1960, quando a Caixa Econômica Federal adquiriu e reestruturou a edificação, modificando a sua fachada. Foi acrescentado mais um pavimento, embora tivesse sido conservada a estrutura do prédio. No local, passou a funcionar, então, a Agência Miramar da Caixa Econômica Federal.



Figura 10 - Agência Miramar Caixa Econômica Federal.
Fonte: ABREU (2004).

Em 5 de outubro de 1990, o prédio que, na época, abrigava a Agência da Caixa Econômica Federal foi demolido, ocasião em que pela primeira vez foi utilizado o método de implosão em Florianópolis. (VEIGA, 1993, p. 212).



Figura 11 - Implosão do Prédio onde funcionou a Agência Miramar da Caixa Econômica Federal (05/08/1990).
Fonte: AN Capital (2004).

Atualmente, encontra-se, no local, um terreno baldio, onde já funcionou um estacionamento administrado pela Promenor, entidade que atende menores carentes de Florianópolis.



Figura 12 -Terreno onde se localizaram sucessivamente o Hotel La Porta e a Agência Miramar da Caixa Econômica Federal.

Fonte: Arquivo pessoal da autora (2004)

Entre os anos de 1940 e 1960, a rede hoteleira, localizada na área central, ainda era bastante incipiente e a cidade contava com os seguintes estabelecimentos: Hotel Majestic, (1930), Hotel Metropol (1940), Hotel Central (1948) que, em 1965, passou a chamar-se Mário Hotel, Lux Hotel (1950), Hotel Querência (1958), Hotel Royal (1960), Oscar Hotel (1960), City Hotel (1968) e Hotel Cruzeiro (1968).

O Hotel Majestic foi construído em concreto armado, por iniciativa do imigrante libanês José Daux, que chegara no Brasil por volta de 1890. Como imigrante, encontrou as mesmas dificuldades sentidas por outros em permanecer na cidade, tendo, inicialmente, exercido as atividades de sapateiro e de mascate. Já estabelecido, investiu no comércio de tecidos e na construção civil. Em 1926, com o acesso à Ilha facilitado pela construção da Ponte Hercílio Luz, percebeu a necessidade de um estabelecimento hoteleiro para hospedar os negociantes que cada vez mais visitavam a cidade. Dessa forma, surgiu o primeiro Hotel

Majestic, inaugurando a tradição da família Daux⁶⁰ no ramo hoteleiro de Florianópolis. Posteriormente outras famílias administraram o empreendimento, como as famílias Pessi (1950) e Cordioli (1960), até ser o mesmo desativado em 1988. Na figura abaixo, pode-se perceber a estrutura do Hotel Majestic, localizado na rua Conselheiro Mafra, esquina com a rua Trajano, em 1935.



Figura 13 - Hotel Majestic, 1935.
Fonte: SILVA (1999).

Na década de 1930, Hugo Pessi⁶¹ iniciou as suas atividades no ramo hoteleiro, com uma pensão localizada na rua General Bittencourt, próxima ao local onde se situa, atualmente, o Clube Doze de Agosto. Em 1940, ampliou seu negócio no setor hoteleiro, arrendando o hotel Metropol, localizado na rua Conselheiro Mafra, entre as ruas Sete de Setembro e Álvaro

⁶⁰ A família Daux investiu fortemente em empreendimentos hoteleiros localizados no Balneário de Canasvieiras no Norte da Ilha de Santa Catarina. O fenômeno do veraneio e a produção do espaço no Litoral Norte da Ilha podem ser divididos primeiramente, em função do uso e da ocupação das praias pelos florianopolitanos, que construíram residências com intuito de veraneio, e a partir de 1970 registra-se uma mudança de comportamento, com a construção da SC 403 (Rodovia Estadual ligando Canasvieiras ao centro de Florianópolis via SC 401), a melhoria de alguns serviços de infra-estrutura e um fluxo crescente de turistas, que contribuíram para acelerar a urbanização da localidade. O processo amplia-se com a expansão urbana e da atividade turística, que promovem também a locação das segundas residências para os turistas, o incremento do comércio e da hotelaria local. Nesse cenário, a família consolida-se no ramo hoteleiro destaca-se com os seguintes empreendimentos de propriedade do grupo de empresas Irmãos Daux os hotéis localizados no balneário de Canasvieiras, Palace Praia Residence, Village Paraíso Apart Hotel, Paraíso Palace Hotel, Fenícia Palace Hotel e Hotel Canasbeach. Já no centro da cidade, a família Daux foi responsável pela construção do edifício em que se localizava o Cine Cecomtur e do que abriga o Florianópolis Palace Hotel, ambos em 1970. O segundo Hotel Majestic Palace, localizado na Av. Beira Mar foi inaugurado em 2004 por Ronaldo Daux.

⁶¹ Verificou-se através da pesquisa que Hugo Pessi foi por muito tempo o maior empresário do ramo da hotelaria da cidade explorando simultaneamente os hotéis Metropol, Central e Majestic.

de Carvalho. O hotel já havia pertencido ao Sr. Hanz, um Alemão que, em razão da Segunda Guerra Mundial, sentindo-se ameaçado, mudou-se para Blumenau. Foi, então, que Hugo Pessi, vislumbrando a idéia de expandir os seus negócios, aproveitou a oportunidade de arrendamento do referido hotel. O empreendimento era caracterizado, na época, como um estabelecimento que atendia famílias e viajantes, (homens de negócio) que permaneciam na cidade por um tempo determinado. As unidades habitacionais eram todas iguais: quartos com cama e pia, sendo que os banheiros ficavam localizados nos corredores de acesso. Na época, não se prestava serviço de quarto (*room service*⁶²). O regime de alimentação era o de pensão completa, que consistia no café, almoço e jantar, servidos no salão de refeições. Na figura abaixo, pode-se visualizar a fachada do prédio do Hotel Metropol.



Figura 14 - Prédio onde antes se localizava o Hotel Metropol.
Fonte: Acervo da autora (2005).

Em 1948, surgiu outra oportunidade de negócio para o empreendedor Hugo Pessi, que arrendou, na rua Conselheiro Mafra, o Hotel Central, cuja edificação pertencia ao Hospital de Caridade. O hotel contava com aproximadamente 40 quartos. Assim como o Hotel Metropol, as habitações não contavam com banheiro privativo e o público que atendia à época era

⁶² Entende-se por *Room Service*, um serviço de quarto prestado aos hóspedes pelos hotéis.

formado especialmente por famílias que moravam no local e por estudantes da Faculdade de Direito, além de viajantes vindos a negócio. Em 1950, o empreendimento sofreu algumas transformações, tendo sido ampliado e diminuído o serviço de alimentação, oferecendo somente o café da manhã. Nesse mesmo período, Hugo Pessi passou a explorar também o Hotel Majestic, através de um contrato de arrendamento. O Hotel Majestic apresentava-se, na época, com uma estrutura de aproximadamente 30 quartos, com banheiro coletivo também localizado no corredor de acesso. Os serviços implementados eram básicos da hotelaria, como higiene do quarto e a troca de roupa de cama quase todos os dias, dependendo do tempo de permanência do hóspede. Quanto ao serviço de lavagem do enxoval e da roupa dos hóspedes, era realizado por lavadeiras da região, que atendiam o empreendimento, e o serviço de telefonia era oferecido na portaria do hotel, não havendo telefones nos quartos. A família permaneceu na gestão do Hotel Majestic até 1959. Por ocasião do falecimento de Hugo Pessi, a administração do hotel Central foi, em 1965, passada para o Eduardo Rosa, que realizou algumas reformas transformando-o no Mário Hotel⁶³.

Em 1959, o Hotel Majestic, foi arrendado por Gentil Cordioli, que viera do Sul de Santa Catarina para estudar em Florianópolis e que iniciara a sua carreira no ramo da hotelaria como porteiro do Lux Hotel, chegando à Gerência desse empreendimento. Em sociedade com o seu pai, Sebastião Cordioli, proprietário de madeireira no Sul do estado, arrendou o Hotel Majestic da família Pessi. Nesse período, o hotel passou por reformas na escadaria, instalação elétrica e hidráulica, mantendo porém, a estrutura de aproximadamente 30 quartos com capacidade para 60 pessoas. O público que o hotel passou a receber era dos mais diversos: representantes de calçados e tecidos, funcionários públicos, políticos do interior do estado de Santa Catarina e turistas em maior número no período de janeiro e fevereiro, a partir de

⁶³ Dados obtidos através da entrevista concedida por Lorena Pessi em 05/06/2004.

1970⁶⁴. Quanto aos serviços de alimentação prestados pelo hotel é importante observar que, nos primeiros vinte anos, oferecia pensão completa, restringindo-se ao café da manhã a partir de 1980. Em 1988, o primeiro Hotel Majestic, de Florianópolis, que havia sido inaugurado em 1930, encerrou as suas atividades em função dos altos custos operacionais relativos à manutenção de uma edificação com 58 anos de existência e, que, por conseguinte, já não apresentava mais uma rentabilidade que justificasse o seu funcionamento. É importante destacar, que, durante o período em o Hotel Majestic manteve-se em atividade, outros empreendimentos surgiram na região central de Florianópolis, com melhores estruturas e serviços, transformando a realidade do mercado hoteleiro local⁶⁵.

Um dos hotéis que ainda está em plena atividade é o Hotel Cruzeiro, localizado na rua Conselheiro Mafra, praticamente defronte ao prédio do Hotel Metropol. O empreendimento foi adquirido em 1968, por Arlinda Nienkötter Haherroth, que transferiu-se de Anitápolis para Florianópolis ao comprar o hotel de seus tios, Reinaldo Nienkötter e Verônica Nienkötter. Antes da família Nienkötter arrendar o hotel, no prédio, funcionava uma fábrica de macarrão e, posteriormente, na década de 1940, uma pensão chamada de “Pensão da D^a Leontina”. O capital investido na compra do Hotel Cruzeiro teve origem na agricultura e na pecuária, atividades exercidas nos municípios de Anitápolis e São Bonifácio, onde a família morou por treze anos, antes de se transferir Florianópolis. Para a aquisição do hotel, foi preciso também vender algumas terras que a família possuía nos municípios de origem. Outra questão importante considerada pela proprietária para aquisição do negócio e mudança para Florianópolis foi a necessidade de proporcionar aos filhos um estudo melhor. A atual proprietária iniciou também algumas obras para melhoria do empreendimento. O Cruzeiro conta, hoje, com um total de 28 unidades habitacionais, sendo que 23 delas possuem uma estrutura habitacional de quartos extremamente pequenos (4m²), com banheiros coletivos

⁶⁴ Nota-se que nesse período começam a chegar os turistas para se hospedar nos hotéis da cidade, então, além de centro político-administrativo e comercial a cidade vai se tornando também um pólo de atração turística.

⁶⁵ Dados obtidos em entrevista concedida em 15/07/2004 por Terezinha Cordioli.

localizados em pontos estratégicos do hotel. As outras 5 unidades foram transformadas em apartamentos (quarto com banheiro privativo), considerados como suítes⁶⁶ pela proprietária. O hotel oferece serviço de camareira, com limpeza diária das unidades, lavanderia e o café da manhã implementado há três anos. O Cruzeiro já trabalhou com regime de mensalistas, porém, nos últimos tempos, dá preferência para o regime de diária com café da manhã, possuindo uma ocupação média de 90% em todos os meses do ano. Seus hóspedes são viajantes, representantes comerciais, estudantes e turistas estrangeiros (mochileiros) e, em razão da sua localização central, serve ainda como local para eventos privados⁶⁷.

No período de 1950, surgiram outros hotéis, com destaque para o Lux Hotel (1950), localizado na rua Felipe Schmidt, e o Hotel Querência (1958), na rua Jerônimo Coelho, dois empreendimentos que deixaram suas marcas na hotelaria de Florianópolis. O Hotel Lux foi construído com capital próprio pela família Massad, de origem libanesa. Situava-se na rua Felipe Schmidt, esquina com a rua Trajano, sendo que a sua construção com 5 pavimentos era bastante imponente na época. Dispunha de um restaurante no mezanino, local de encontro da sociedade florianopolitana e das personalidades que vinham à cidade. Posteriormente, foi arrendado por Manoel Gil Malet, espanhol, que chegou ao Brasil por volta da década de 1950, e que iniciara suas atividades no ramo hoteleiro com a aquisição do Hotel Salinas em Porto Alegre. Após a venda deste último, vieram para Florianópolis em 1970. Nesse momento, seu filho Manoel Gil Rimbal, já instalado na cidade, onde gerenciava o Hotel Querência⁶⁸, identificou a oportunidade de arrendamento do Hotel Lux. No segundo andar do hotel, existiam lojas, e no piso térreo, na esquina da rua Felipe Schmidt, o bar e café Ponto Chic

⁶⁶ Considera-se suíte dormitório com banheiro privativo e ante-sala que não é o caso da categoria suíte do hotel Cruzeiro..

⁶⁷ Dados obtidos em entrevista concedida em 09/07/2004 pela proprietária do hotel Cruzeiro Sra. Arlinda Nienkötter Haherroth.

⁶⁸ Conhecido como Manolo foi o primeiro Gerente do Hotel Querência, exercendo também a atividade de Chef de Cozinha, comandando mais tarde outros restaurantes da cidade.

(conhecido como Senadinho)⁶⁹. Manoel Gil Malet foi também responsável pela construção, em 1972, do Hotel Ivoram, localizado na Avenida Hercílio Luz. O Lux Hotel passou a chamar-se Hotel Center Plaza até o encerramento das suas atividades na década de 1980. No período de 1990, foi transformado por seu proprietário Nagib Massad, no centro comercial Center Plaza.

Já o Querência Palace Hotel foi construído em 1958, por João Alfredo Jorge, comerciante de tecidos, que tinha o propósito original de fazer do edifício um prédio comercial. Entretanto, foi contatado por Ramiro Vicente Fernandez (hoteleiro no Rio Grande do Sul) e por Leucádio Almeida Antunes (advogado), que visavam arrendar o imóvel para transformá-lo em um hotel. A origem do capital para construção do Querência veio, pois, do comércio de tecidos que o proprietário mantinha na cidade. Segundo informações obtidas através de Francisco Vaz quanto à administração, “49% do prédio pertencia à sociedade de Ramiro Fernandez com Leucádio Antunes, 51% das cotas seriam de João Alfredo Jorge⁷⁰”. A idéia da mudança da proposta de prédio comercial para hotel veio em função das transformações percebidas na cidade que, segundo depoimento de Luz (2004)⁷¹, “Florianópolis estava ficando na moda com a transformação da BR 59 para BR 101 e o Ramiro percebeu e aproveitou a oportunidade”. Em função da localização, ele ainda destacou que “na época era muito criticado por ser uma região de meretrício, pois na frente do prédio existia o Bar Universal, freqüentado por pessoas de um nível social mais baixo e também por estar próximo do mercado”. Com relação aos hóspedes que freqüentavam o hotel, Luz afirma

⁶⁹ O Ponto Chic (1958) , fundado por Mário Couto e Álvaro Millen da Silveira, foi o tradicional ponto de encontro de pessoas de todas as idades. Também conhecido como Senadinho, transformou-se em um dos locais mais visitados do centro da capital, ponto de manifestações como a que aconteceu no dia 29 de novembro de 1979, quando o ex-presidente da República, João Batista Figueiredo em visita a Florianópolis foi recepcionado por uma manifestação popular contra o sistema ditatorial vigente na época. O episódio ficou conhecido como a “Novembrada”. O Ponto Chic encerrou as suas atividades setembro de 2004 deixando saudades, pois se transformou em ponto referencial na memória da cidade.

⁷⁰ Dados obtidos em entrevista concedida em 17/05/2004 por Francisco Vaz que foi Gerente Geral do Querência em 1971.

⁷¹ Dados obtidos em entrevista concedida em 22/04/2004 por Valter Luz que iniciou as atividades na hotelaria em 1959, como recepcionista, e passou a ser Gerente Geral do Hotel em 1963.

que “o Querência foi praticamente sustentado pelas empreiteiras que construíram as rodovias BR 101, BR 116 e SC 470 e pelo fato de Florianópolis ser um centro administrativo, todos teriam que obrigatoriamente passar por aqui”. Os hóspedes que buscavam o hotel eram procedentes do Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo, sendo destacado por Luz (2004) “que todas as autoridades do governo se hospedavam no hotel”. Na sua inauguração, o empreendimento possuía 73 unidades habitacionais, elevador, bar, restaurante, portaria e recepção, serviços de camareira, de lavanderia, de mensageria, de manobrista e *room service* 24 horas, embora não possuísse estacionamento próprio. Somente em 1976 foi adquirido o terreno para o estacionamento. Durante os anos em que se manteve em atividade algumas melhorias foram realizadas, tais como a adaptação de dez unidades habitacionais para suíte, com frigobar, ar condicionado, televisão e cofre. Nesse momento, também foi implementando o serviço de *transfer*⁷² para atender os turistas que freqüentavam o hotel principalmente nos meses de janeiro e fevereiro. Em 1999, o hotel encerrou as suas atividades para ser transformado em um edifício com salas comerciais.

Outro importante empreendimento para hotelaria de Florianópolis, o Oscar Palace Hotel, inaugurado em 1960, surgiu do espírito empreendedor de Oscar Cardoso⁷³, importante alfaiate e comerciante que construiu um hotel que recebeu o seu nome. A construção do prédio

⁷² Por *transfer* o serviço de traslado, como o deslocamento do hotel até aeroporto.

⁷³ Oscar Cardoso nasceu em 1º de dezembro de 1898 em Florianópolis, filho de Antônia Kodzinsky Cardoso (nascida em Varsóvia na Polônia) e Domingos José Cardoso (brasileiro). Aos quinze anos, em 1914 foi aprendiz do alfaiate Felipe Toner, à rua Felipe Schmidt, no local onde hoje está instalado o centro comercial Center Plaza, desde então aprendeu o ofício de alfaiate com outros profissionais importantes que atendiam a sociedade de Florianópolis, até estabelecer a sua própria alfaiataria em 1920, à rua João Pinto, esquina com a rua Saldanha Marinho e em 1921. Nesse momento, Oscar Cardoso passou a vestir pessoas importantes da capital, como o Governador, Senadores, Deputados, políticos, magistrados entre outras personalidades. Em 1927, fundou a loja “Capital”, à rua Conselheiro Mafra esquina com a Trajano, que serviu a cidade até 1979, quando foi transferida para Avenida Hercílio Luz. Teve uma atuação política importante na época por apoiar em 1931 o movimento de reivindicações das classes comerciais, industriais e agrícolas, com a União dos Varejistas de Florianópolis, hoje Sindicato do Comércio. Em 1937, instalou na rua Fernando Machado, a fábrica de roupas “Distincta”, abrindo o mercado de trabalho para costureiras e alfaiates da cidade. Abriu também várias filiais da loja “A Capital”, em 1938 Blumenau, em 1943 na cidade de Lages, em 1947 em Tubarão, chegando a abrir uma filial em São Paulo no Largo do Arouche em 1950. Em 1973, foi homenageado pela Universidade Federal de Santa Catarina por ter cedido, anos antes, o prédio do Ginásio “Barriga Verde” para instalação da Faculdade de Medicina. Foi também homenageado (1977) com placa de honra ao Mérito pelo Rotary Club de Florianópolis, como um dos comerciantes mais antigos da cidade. Em 1980 faleceu deixando uma marca importante para comércio e para a hotelaria da cidade. .

do “Oscar Palace Hotel”, um dos mais altos edifícios da época foi iniciada em 1949, sendo inaugurado em 1960, em solenidade que contou com a presença de autoridades como o Desembargador Henrique da Silva Fontes. Na construção do empreendimento, Oscar Cardoso investiu capital próprio obtido através do bom desempenho de sua casa comercial, a loja “A Capital”. Atualmente, o hotel é administrado por Nicolau Cardoso Neto, detentor de 25% das cotas da empresa. Em 1998, o nome fantasia do hotel foi alterado para Oscar Hotel, devido ao surgimento de hotéis mais modernos e suntuosos, perdendo o seu status de “Palace”⁷⁴. Desde a inauguração o empreendimento, já passou por várias reformas para se manter competitivo no mercado. Hoje, conta com 52 unidades habitacionais equipadas com ar condicionado, TV a cabo, ponto para Internet, frigobar, telefone, cofre individual, estacionamento, serviço de alimentação e café da manhã já incluído na diária. O período de maior fluxo dos hóspedes, até o início dos anos de 1990, correspondia aos meses de janeiro e fevereiro. Essa realidade foi alterada diante da expansão do turismo e da atividade hoteleira nos principais balneários da Ilha. O período de maior ocupação do hotel, na atualidade, passou a ser de setembro a dezembro, com os hóspedes provenientes de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo e Paraná⁷⁵.

Em 1958, o empresário de Florianópolis, Osmar Regueira, contando com recursos próprios⁷⁶, iniciou a construção do Hotel Royal, localizado na travessa Ratclif, entre as ruas Antônio Luz e João Pinto, no centro de Florianópolis. Sobre a sua construção, Mário Regueira, atual proprietário da edificação, conta:

⁷⁴ Designa-se Palace para os hotéis mais suntuosos e imponentes.

⁷⁵ Entrevista concedida em 23/04/2004 por Nicolau Cardoso Neto e Nelson Luiz Cardoso, proprietários do hotel.

⁷⁶ Recursos obtidos através das Relojoarias Royal, Rio e Rossi localizadas no centro de Florianópolis, das quais era proprietário.

Nós importamos um navio de aço com 120 toneladas para a construção. Quando chegou não tinha nem lugar pra botar, então se comprou não sei quantas dúzias de tábuas e correntes, se passou pelo monte de ferro, aliás se botou a madeira e passou a corrente por cima ali no Cais da Rita Maria, que hoje não existe mais, até se conseguir próximo ao hotel um lugar pára se colocar os ferros. A prefeitura então emprestou pra nós está rua da frente que não tinha trânsito naquela época. E ali então se colocou o ferro, mas não coube tudo. Na época estava em construção, aliás estava-se iniciando a construção do Edifício da Diretoria e nós vendemos dois terços do ferro pro edifício, então o ferro que se comprou deu pra fazer esse e aquele inteirinho, e se vendeu a um preço muito bom.

Osmar Regueira era um negociante e relojoeiro importante na cidade, que vislumbrava construir um hotel na capital. Segundo o depoimento de Mário Regueira, a oportunidade de aquisição do terreno para a construção do edifício deu-se da seguinte forma:

[...] o meu pai estava na porta da loja, da Relojoaria Royal uma vez, na rua Trajano nº3, e passou o Osmar Dutra, que era dono daquele hotel redondo lá em Camboriú, o Marambaia, e passou por ele, e falou: - Oh! Regueira, não quês comprar um terreno? Ai ele disse: - Aonde? - Ali na João Pinto, compro! Então amanhã eu passo por aí pra gente ver o preço[...] acertar, pagar [...].

A idéia inicial era hospedar os estudantes que ingressassem na futura Universidade Federal de Santa Catarina. Entretanto, quando a obra ainda estava em andamento, foi criada uma lei pela Prefeitura Municipal de Florianópolis, que concedia a isenção de pagamento do imposto predial e territorial urbano (IPTU) pelo período de dez anos para os hotéis que apresentassem em seu projeto inicial 20% das suas unidades com banheiros privativos, o que ainda era raro na época. Dessa forma, o projeto inicial foi alterado para que a obra pudesse se beneficiar com esse incentivo, mudando, então, o público alvo a ser atendido de estudantes para viajantes a negócios, já que o turismo na época era bastante incipiente e os negociantes vinham à capital em maior número. Em abril de 1959, aproveitando um Congresso do Rotary Clube em Florianópolis, o proprietário adotou no hotel o sistema de *soft opening*⁷⁷ para, então, em 1º de janeiro de 1960, oficializar a abertura do empreendimento. No início, o empreendimento contava com 100 unidades habitacionais, sendo que 80 eram sem banheiros

⁷⁷ Sistema de *soft opening* é uma abertura não oficial do hotel sem que a estrutura e os serviços estejam todos completos. É uma prática utilizada por todos os hotéis para organizar e implantar os serviços, testar a operacionalidade de todos os setores e o funcionamento dos equipamentos, bem como treinar a equipe de profissionais para a desempenharem as suas funções.

e 20 com banheiro privativo. Em 1964, foi realizada a primeira reforma no imóvel, conforme destaca Mario Regueira,

Foi a primeira reforma realmente, ai nós ficamos com 79 apartamentos, porque um dos apartamentos sem banheiro foi transformado em copa pra poder servir o café enquanto acabava o restaurante debaixo, depois quando acabou, voltou a ser apartamento. Também nós começamos a ver que tinha muita pouca mulher, então a primeira reforma que se fez nesse sentido de conforto foi pegar os dois banheiros de mulher, separar e deixar um só e o outro juntar ao quarto, ficando um quarto com banheiro. [...] depois foi feito isso nos outros andares, e com isso nós compactamos e ficamos com 1974 [...] foi quando entre 1971 e 1972 se hospedou aqui o Médici, nessa época o hotel foi totalmente ocupado para atender a comitiva presidencial.



Figura 15 - Hotel Royal em 1960.
Fonte: ABREU (2004).

A administração do Hotel Royal, ao longo dos anos em que permaneceu em funcionamento, sempre teve preocupação de manter as instalações e serviços atualizados para atender às exigências dos seus hóspedes. Todas as unidades habitacionais do hotel tiveram, desde o início, geladeira e televisão. Mário Regueira aponta que “foi o primeiro hotel da cidade a utilizar suporte de televisão, quando ainda nem existia para vender. Foi feito para televisores preto e branco um suporte cromado que girava tal como os que existem atualmente”.

Como resultado dos investimentos, o hotel manteve uma ocupação superior a 75% na primeira década do seu funcionamento. No período de 1970, com a melhoria do acesso à

cidade, o turismo começou a se expandir, alavancando as vendas e fazendo o hotel atingir a marca de 100% de ocupação frequentemente durante cinco anos consecutivos, hospedando cerca 36.000 pessoas por ano. Atribui-se esse bom resultado a sua localização privilegiada, visto que o empreendimento ficava com a frente voltada para o mar da Baía Sul. A partir desse período, cessa a trajetória de resultados excelentes, quando, em meados de 1970, passam a surgir outros hotéis na cidade, aumentando a concorrência e, ao mesmo tempo em que a sua localização tão privilegiada começou a ser ofuscada pela construção do aterro da Baía Sul, que afastava o hotel do mar, seu principal atrativo paisagístico. No período de 1980, passou a sentir drasticamente a queda na ocupação, que chegou a alcançar somente 19% ao ano. Com certeza, parte dessa queda de ocupação decorreu da degradação social no entorno do empreendimento e do novo padrão hoteleiro superior, que surgia na época, tornando o Hotel Royal ultrapassado para as exigências do mercado. Além disso, é importante destacar a expansão extraordinária do turismo nesse período e conseqüentemente da hotelaria em função do crescente número de turistas estrangeiros e nacionais que optam, como destino turístico, pelas praias localizadas nos balneários da cidade. Outro fato importante, que atingiu diretamente o Hotel Royal, foi a construção do Terminal Urbano de Florianópolis no ano de 1986, quando o edifício do hotel foi praticamente encoberto, e, como se não bastasse, ocorreu o fechamento da rua Antônio Luz, que dava acesso ao estacionamento do hotel, isso sem contar com a poluição, o barulho provocado pelos ônibus e pelo movimento intenso de pessoas. Como conseqüência, em 1990, o hotel deixou de ser competitivo e foi afetado novamente pela urbanização da cidade, com o bloqueio da Rua João Pinto ao trânsito, único acesso viário ao hotel e ao estacionamento que, conseqüentemente, teve que ser fechado.



Figura 16 – Hotel Royal (2005)
Fonte: Acervo da Autora

Em 24 e 25 de dezembro de 1995, o empreendimento foi atingido por uma enchente, tendo o porão e a área térrea totalmente inundados. Passaram-se 20 dias até que o hotel fosse colocado novamente em funcionamento. Diante dos prejuízos, a administração do Hotel Royal buscou outros caminhos para gerar receita através da locação dos espaços para lojas e salas comerciais, primeiramente, até o quarto piso do hotel. Para tanto, foi necessário fazer a alteração no contrato social da empresa, para Royal Hotel e Administração de Imóveis. O proprietário, já decidido a encerrar as atividades no ramo da hotelaria, fechou o Hotel Royal, em 2005, para transformá-lo totalmente em mais um prédio com salas comerciais em Florianópolis⁷⁸.

Santos (1988, p.70) alertara que, a forma permanecia a mesma, porém a função mudara, “as formas envelhecem por inadequação física, quando, por exemplo, ocorre o desgaste dos materiais”. No caso do hotel Royal, observou-se que a obsolescência dos equipamentos fez com que as funções de hospedagem fossem suprimidas com o passar do

⁷⁸ Entrevista concedida por Mário Regueira em 07/07/2004.

tempo para dar lugar a uma nova função. A isso soma-se o fato de que o aterro da Baía Sul, bem como a construção do terminal urbano nas suas proximidades, acabaram prejudicando a sua função original.

Entre 1961 e 1968, o Sr. Gentil Cordioli adquiriu os empreendimentos City Hotel, com 45 quartos e o Hotel Rodoviário, com 80 quartos, localizados na rua Heitor Blum, esquina com avenida Hercílio Luz. Entretanto, o proprietário tomou a decisão de fechar o hotel Rodoviário em 1980, em função da previsão de transferência da rodoviária para o aterro da Baía Sul em 1984. Para ele, não mais se justificava manter em funcionamento os dois empreendimentos. O City Hotel e o Hotel Rodoviário surgiram como hotéis populares de categoria simples, para atender uma demanda de pessoas que chegavam na rodoviária de Florianópolis. No período de 1960 a 1970, basicamente 50% do público que freqüentava os hotéis era proveniente do interior do estado de Santa Catarina, que se deslocava até a capital para atendimento médico/hospitalar, sendo que os outros 50% eram viajantes a negócios, que necessitavam de hospedagem por preço acessível próximo à rodoviária. A partir desse período, entretanto, em função do incremento do turismo, passou a receber também em um maior número de turistas de lazer. A mudança de localização da Rodoviária, em 1984, refletiu diretamente na ocupação do City Hotel, tendo a sua movimentação operacional até 1992 garantida pelos bares localizados na Avenida Hercílio Luz. A partir desse período, porém, passou a receber hóspedes de um nível sócio-econômico inferior e essa realidade permanece até os dias de hoje. O City Hotel ainda pertence à família Cordioli, apesar de estar atualmente arrendado para Henrique Paes Leite, proprietário de uma agropecuária de Lages, que resolveu investir na atividade hoteleira em Florianópolis. Percebe-se que a estrutura habitacional dos empreendimentos City Hotel e Hotel Rodoviário manteve a configuração dos hotéis do

passado, quartos com banheiro coletivo localizado no corredor de acesso às unidades habitacionais.⁷⁹

Diante da movimentação comercial do porto e do contingente de políticos, militares e comerciantes que chegavam à cidade, e ainda por ser Florianópolis sede administrativa do governo do estado de Santa Catarina, constata-se a existência precoce de demanda por hospedagem na cidade. A rede hoteleira, localizada no núcleo urbano central, que se formou em meados do século XIX e se expandiu até a década de 50 do século XX, surgiu para suprir essa necessidade. Já a Hotelaria da década de 60 foi impulsionada pelo fortalecimento da máquina estatal (BRDE; CELESC; BESC), pela criação da Universidade Federal de Santa Catarina, bem como pela fluidez do espaço rodoviário através da inauguração do trecho catarinense da BR 101. Os hóspedes, nesse período, tinham vinculações com o governo, como é o caso de políticos do interior do estado, de empreiteiras, cujos executivos, engenheiros e arquitetos necessitavam de estada na capital. A hotelaria também atendia professores e estudantes da Universidade, além de representantes comerciais que vinham constantemente à cidade. Os principais mercados emissores eram o interior do estado de Santa Catarina e os vizinhos estados do Rio Grande do Sul e do Paraná.

Dos hotéis que surgiram no início do século XX até a década de 1960, somente permanecem em funcionamento, na atualidade, o Hotel Cruzeiro, o Oscar Hotel e o City Hotel.

Nos anos de 1950 e 1960, a população florianopolitana passou de 48.264 para 72.889 habitantes, isto é, teve um crescimento de 53, 09%. Esse notável aumento permitiu que a cidade fosse dotada de edifícios de oito a até mais de doze pisos, desenvolvendo a indústria da construção civil, atraindo operários das zonas rurais do estado e aumentando a população dos

⁷⁹ Entrevista concedida por Pedro Pickler Dacoregio em 09/07/2004. Funcionário da empresa Tapuía (fabrica de telhas e lajotas) da família Cordioli localizada em Santo Amaro da Imperatriz.

bairros mais distantes do centro da cidade (CORRÊA, 2004). Nesse período, houve um aumento expressivo de edifícios funcionais na cidade, conforme demonstra este quadro:

Ano	Edifício	Localização
1950	IPASE ⁸⁰	Praça Pereira Oliveira
1954	Sede do Clube Penhasco	Rua Maria Júlia Francisco
1955	Secretarias do Estado	Rua Tenente Silveira
1958	IAPC ⁸¹	Defronte ao Teatro Álvaro de Carvalho
1959	Banco Nacional do Comércio	Praça XV de Novembro
1959	Zahia	Rua Felipe Schmidt
1960	Cidade de Florianópolis	Rua Padre Miguelino
1961	Edifício das Diretorias	Rua Tenente Silveira
1964	Instituto Estadual de Educação	Av. Mauro Ramos
1968	Assembléia Legislativa	Rua Jorge Luiz Fontes

Quadro 4 - Localização dos edifícios que surgiram em Florianópolis entre 1950 e 1960.

Fonte: Adaptado de Corrêa (2004) e Campos (2004).

Até o final da década de 1960 e início dos anos de 1970, a cidade era pacata e calma, com poucos prédios construídos. Porém, diante da melhoria de sua ligação com a rede rodoviária nacional e estadual, começou a instalação de empresas estatais de grande porte, bem como de outros órgãos federais e estaduais, conforme foi relatado. Iniciou-se, então, um fluxo migratório, conseqüentemente, um aumento populacional e o incremento da indústria da construção civil, bem como do mercado imobiliário. A atividade turística, até então desenvolvida de forma tímida, dá sinais de expansão e, com isso, além dos lançamentos dos loteamentos nos balneários do Norte da Ilha, no núcleo central da cidade, ocorre ao mesmo tempo um processo de urbanização identificado através da verticalização e da otimização dos espaços para usos comerciais ou residenciais. Com isso, muitas das edificações com alto valor histórico foram destruídas ou alteradas para atender as novas funções (residencial, imobiliária ou ainda comercial), situação observada principalmente com os prédios construídos no período para abrigar em salas comerciais, como é o caso, por exemplo, do Edifício Dias

⁸⁰ Instituto de Previdência e Assistência Social do Estado.

⁸¹ Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes

Velho e do edifício do Centro Comercial Aderbal Ramos da Silva. Entre 1971 e 1979 foi o período de grande evolução na construção civil, espaço de tempo em que ocorreram também outros investimentos na construção de hotéis para atender a máquina estatal instalada na capital e a demanda turística. Dentre os empreendimentos hoteleiros construídos nesse período, destacam-se o Hotel Ivoram, o Florianópolis Palace Hotel e o Hotel Faial, que proporcionaram, um aumento na oferta de leitos para hospedagem na capital.

O hotel Ivoram localizava-se na rua Hercílio Luz, concebido por Manoel Gil Malet, também proprietário do Lux Hotel (1970). Foi construído pela pessoa física do proprietário, com recursos capitalizados no início da obra (1971) através da negociação de terrenos, bem como dos dividendos recebidos do empreendimento Lux Hotel. Para finalizar a construção do prédio, foi necessário captar outros recursos através de financiamento, conforme afirma, Estanislau Emílio Bresolin (2004)⁸² no seu depoimento:

Para acabar o prédio precisava de um financiamento, e para isso só organizando a empresa. Não tinha uma empresa organizada, tinha o Lux, de Manoel Gil Malet, como empresa individual, e o Ivoram não era nada. Era só uma construção dele, na pessoa física. Ele adquiriu o terreno, e foi construindo o prédio com o dinheiro que possuía. Nesse momento, tive dificuldades financeiras para finalizar a construção, então, foi necessário buscar um financiamento no Banco Sul Brasileiro.

Em relação à existência de algum incentivo ou recurso governamental para construção dos hotéis no período de 1970, Estanislau Bresolin alega que “não era bem incentivo, nem os financiamentos eram específicos para a hotelaria, eram somente recursos. O que havia de incentivo eram incentivos fiscais, você conseguia 10 anos de isenção de Imposto de Renda, ICMS e de ISS e o Ivoram conseguiu”.

O hotel foi inaugurado em 1973, com 30 apartamentos e duas suítes, totalizando 32 unidades habitacionais, todas com banheiro privativo e com capacidade para 68 pessoas. Desde o início do seu funcionamento, o empreendimento sofreu várias reformas para se

⁸²Entrevista concedida em 07/07/2004 por Estanislau Emílio Bresolin, genro do Sr. Manoel Gil Malet, administrou o hotel Lux, implantou o hotel Ivoram e construiu o Ivoram Praia. Atualmente exerce a função de Presidente da Federação dos Hotéis Bares e Similares.

adequar às necessidades do mercado, devido ao fato de que ao ser instalado apresentava um mobiliário muito simples em função da urgência na finalização da obra. Em relação à origem dos hóspedes que buscavam o empreendimento e ao período de maior ocupação, Estanislau Bresolin, relatou que “janeiro, fevereiro e julho eram os períodos de maior movimentação no hotel”.

Declarou também que

[...] os hotéis de praia foram construídos para os meses de janeiro e fevereiro. Quanto aos hotéis localizados no centro da cidade, o perfil dos hóspedes era o de homens negócios. Quem construía hotel no Centro o fazia para este fim. Sempre foi assim e o potencial do Ivoram voltava-se para o atendimento de representantes de empresas, sendo que em São Paulo sempre foi o maior celeiro, depois é claro o próprio estado, pois vinha muita gente do interior.

Em seu relato sobre a realidade do mercado, destacou que, quando a ELETROSUL foi transferida para Florianópolis, a hotelaria teve um pico de hospedagem. Bastos (2000, p.136) destacou que o dinâmico crescimento de Florianópolis está diretamente relacionado com as novas funções que a capital catarinense passou a exercer:

[...] a cidade, que se torna alvo de maciços investimentos realizados pelo poder público estadual e federal, readquire certas atividades de âmbito estadual e regional [...] tais investimentos modifica-se radicalmente o perfil da cidade, a urbanização se acelera, a modernização e reforçamento do terciário superior, dando novas funções à administração estadual e federal, fazendo surgir o BESC, CELESC, TELESC, etc, dinamizando serviços, contribuindo implantação de novos, como UFSC, DNER, ELETROSUL.

Nos anos de 1980, o Hotel Ivoram passou por mudanças no contrato social da empresa devido à entrada de novos sócios. Manoel Gil Malet, proprietário da edificação, saiu da sociedade, entrando, em seu lugar, Paulo Bresolin e Mauro Bresolin. Em 1988, surgiu o Ivoram Praia, como uma filial do Ivoram Centro. O hotel encerrou as suas atividades em outubro de 1997, quando foi vendido para Antônio Alexandre de Oliveira, momento em que mudou de denominação, passando a chamar-se Hotel Gênese até 1998, sendo adquirido, no ano 2000, por Cristiane Santos Piccoli. Depois de várias melhorias realizadas pela atual proprietária na estrutura do empreendimento, surge o Hotel Centro Sul, em funcionamento até hoje.

Constatou-se, no depoimento sobre o Hotel Ivoram, que os hotéis construídos nos anos de 1970 foram beneficiados somente por incentivos fiscais. As primeiras linhas de financiamentos próprios para a construção de hotéis surgiram nos anos de 1980, através dos recursos disponibilizados pela Embratur, beneficiando principalmente os hotéis de praia construídos no Norte da Ilha de Santa Catarina. Percebeu-se, também, que a transferência da ELETROSUL do Rio de Janeiro para Florianópolis proporcionou um incremento na ocupação dos hotéis, fato já relacionado anteriormente quando se destacou o reflexo dessa mudança na expansão urbana da cidade.

Em 1975, surgiu, em Florianópolis, à rua Artista Bittencourt, o primeiro hotel 5 estrelas da cidade, o Florianópolis Palace Hotel (FLOPH), que apesar de ter sido classificado como um 5 estrelas, nunca atendeu as exigências do Sistema de Classificação Hoteleiro da Embratur⁸³, quanto à estrutura e serviços disponibilizados. Hoje, o hotel se enquadraria na categoria 3 estrelas, sendo que, na época de classificação, seria 4 estrelas. No ano de 1974, Luís Elias Daux, empresário de origem libanesa, iniciou a construção do hotel com recursos próprios, obtidos através da construtora M. Daux de sua propriedade. O hotel contava, em 1975, ano da sua inauguração, com 96 unidades habitacionais, distribuídas nas categorias suíte (presidencial, luxo e executiva) e apartamentos (luxo e superior). Os períodos de maior ocupação eram os meses de março a dezembro, e os tipos de hóspedes, nesse período, eram executivos e políticos, estes últimos, em particular, provenientes do governo federal e do interior do estado de Santa Catarina. Destaca-se que, a partir de 1980, recebia também turistas na alta temporada (janeiro e fevereiro), pois havia ainda poucos hotéis localizados nas praias, e o nível dos serviços, bem como a estrutura disponibilizada pelo FLOPH, era superior a desses hotéis. Nos primeiros dez anos do seu funcionamento, o atendimento não era

⁸³. O Sistema de classificação dos hotéis é uma questão bastante polêmica e vem passando por constantes modificações geradas pela falta de credibilidade da própria classificação decorrente de divergências e confrontos entre a classe empresarial e o governo (EMBRATUR). Para maiores informações sobre as exigências da matriz de classificação hoteleira, consultar o Manual do Sistema de Classificação e a Matriz disponibilizados pela Associação Brasileira da Indústria de Hotéis (ABIH).

informatizado, o que significa que necessitava de um expressivo número de pessoas para o para prestação dos serviços. O Florianópolis Palace Hotel chegou a ter 120 colaboradores, sendo que, hoje, possui um quadro funcional em torno de 40 colaboradores. Em 1988, o hotel foi adquirido por José de Oliveira, proprietário da Rede Sagres, localizada em Balneário Camboriú, a qual conta com mais cinco empreendimentos⁸⁴.

O Pontal Sul Hotel, localizado na rua Tiradentes, teve uma história diferenciada dos outros hotéis; a edificação foi construída pela família Sousa e Santos, nos anos de 1970, para abrigar salas comerciais, com auxílio de financiamento conseguido no banco da Caixa Econômica Federal. Entretanto, nos anos de 1980, em razão do movimento turístico na Ilha de Santa Catarina, todas as instalações foram transformadas para funcionar o Hotel Baía Sul. Em 1999, surge o Hotel Pontal Sul. Por motivos particulares da família, o estabelecimento passou a ser administrado por Juliana Marinho de Sousa Santos e Gabriel Antunes da Cruz de Sousa Santos, cada qual com 50% das ações. O hotel sempre contou com 43 unidades habitacionais, com capacidade para 110 leitos. O capital investido para implantação do Pontal Sul Hotel foi originário da família dos atuais proprietários, empresários do ramo hoteleiro no Norte da Ilha⁸⁵. Assim como em outros hotéis localizados no centro de Florianópolis, não foi previsto, na construção do prédio, estacionamento próprio, conforme relata a proprietária em seu depoimento; “a falta de estacionamento dificulta o atendimento aos hóspedes”. Em relação à ocupação, afirma que, “hoje, a ocupação do hotel depende praticamente dos eventos que acontecem no Centro de Eventos de Florianópolis, o empreendimento recebe basicamente hóspedes de empresas, provenientes de São Paulo, Rio Grande do Sul e Paraná e Santa

⁸⁴ Entrevista concedida em 12/07/2004 por Geraldo Zanini que exerceu o cargo da Gerência no Florianópolis Palace Hotel em 1986. No período da entrevista era Gerente Geral do Águas Mornas Palace Hotel, que pertence também a família Daux.

⁸⁵ São de propriedade da família os hotéis Bom Jesus Canasvieiras, o Residencial Bom Jesus da Praia, ambos localizados ao Norte da Ilha de Santa Catarina, o hotel Tinguá localizado na Armação da Piedade no município de Governador Celso Ramos, a imobiliária Itaguaçu e vários postos de combustíveis na capital.

Catarina”. Pela proximidade do centro cívico, o hotel recebe ainda funcionários dos órgãos públicos do governo de Santa Catarina⁸⁶.

Já o Hotel Faial, localizado na rua Felipe Schmidt, foi construído em 1977 por Adroaldo Palma Silva e Edson Scher, para ser, inicialmente, um edifício residencial. Porém, a construtora Predilar, detentora do empreendimento na época, sem concluir a obra, decidiu vender o imóvel. Atentos à possibilidade de expansão dos negócios, o grupo empresarial Modelar Modas e Confeções⁸⁷ adquiriu o imóvel com a finalidade de implantar um hotel. Os recursos obtidos para compra e implantação do Faial são provenientes da Modelar. A abertura do hotel ocorreu em 1979, contando, na época, com 65 unidades habitacionais distribuídas em 12 pavimentos. O estabelecimento já realizou várias reformas com o intuito de melhorar a sua estrutura, dentre elas, a de maior expressão aconteceu em 1997, quando os proprietários buscaram financiamento através do BRDE (Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul) para ampliação da capacidade do hotel, construindo mais um bloco de 12 pavimentos, com 55 unidades habitacionais e salas de eventos. O hotel passou, então, a ter 120 unidades habitacionais, aumentando a sua oferta de leitos no mercado. Em 1992, seus proprietários decidiram construir mais um empreendimento, o Hotel Farol da Ilha, de categoria econômica com 35 unidades habitacionais, localizado na rua Bento Gonçalves, nas proximidades do Hotel Faial, de modo a aproveitar a infra-estrutura operacional deste último. Os hóspedes dos dois hotéis são, principalmente, do interior do estado de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo, sendo que o período de maior ocupação coincide com os períodos de realização dos eventos na cidade, nos meses de março a dezembro, fato que passou a ocorrer

⁸⁶ Dados obtidos através de entrevista concedida por Juliana Marinho de Sousa Santos proprietária do empreendimento, em 09/07/2004.

⁸⁷ Em 1986 houve uma mudança no contrato social, passou a explorar o hotel Faial anteriormente explorado pela Arquipélago Empreendimentos Hotelaria e Turismo, para a Modelar Hotelaria e Turismo Ltda, estabelecida em Florianópolis, registrada como empresa exploradora de meios de hospedagem.

sobretudo a partir dos anos de 1990. Nos anos anteriores, em função da falta de estrutura hoteleira nas praias, recebiam também turistas a lazer⁸⁸.

A partir de 1990, ocorre o aumento da oferta de hotéis localizados nas praias no Norte da Ilha de Santa Catarina. Esse fato fez com que os hotéis localizados no centro da cidade passassem a sofrer a sazonalidade, diminuindo consideravelmente a ocupação e, conseqüentemente, a sua rentabilidade, pois os mesmos começaram a concorrer, na alta temporada, com os hotéis localizados nos balneários.

4.2 O quadro da hotelaria no núcleo central de Florianópolis de 1980 até 2005.

Na década de 1980, a expansão da atividade turística, na Ilha de Santa Catarina, foi marcada pela presença de consumidores turísticos provenientes dos países vizinhos (Argentina, Paraguai e Uruguai), motivados pela atratividade paisagística local e também pelas vantagens monetárias decorrentes da política cambial. Teve origem, nesse período, a construção da rede hoteleira nos balneários situados no Norte da Ilha de Santa Catarina, assim como uma nova hotelaria no centro. Nesse contexto, surgem os hotéis Diplomata, Castelmar, Baía Norte Palace Hotel, Valerim Plaza e Valerim Center.

Em 1984, é iniciada a construção do hotel Diplomata, localizado na Av. Paulo Fontes, de propriedade de Nelson Alexandrino, Ronaldo Gouveia de Araújo e Ferruccio Del Bene, como sócio majoritário. Ferruccio Del Bene é italiano e mora atualmente na Argentina, onde exerce a atividade de armador. O capital investido na construção do hotel foi proveniente da construção de navios. Em 1985, ano de sua inauguração, o hotel contava com 89 unidades habitacionais, distribuídas nas categorias de apartamentos Standard, Luxo, bem como de Suítes Executivas, Nupcial e Presidencial. Além da boa estrutura habitacional, o

⁸⁸ Entrevista concedida por Carlos Cândido da Silva, Gerente Geral do Hotel Faial em 15/06/2004.

hotel dispunha, na época, também, de um Piano Bar, localizado na cobertura, muito bem freqüentado pela sociedade florianopolitana, além de restaurante, quadra de tênis, piscina e sala de eventos. Em relação à localização do Hotel Diplomata, Geraldo Zanini, em seu depoimento, relata que “o mercado poderia dizer que era um hotel localizado na frente da rodoviária, mas na verdade era um hotel luxuoso, com uma localização privilegiada, possuindo um visual para as pontes e para Baía Sul”. A figura abaixo situa o Hotel Diplomata na cidade, bem como parte do núcleo urbano central de Florianópolis, em 1986.

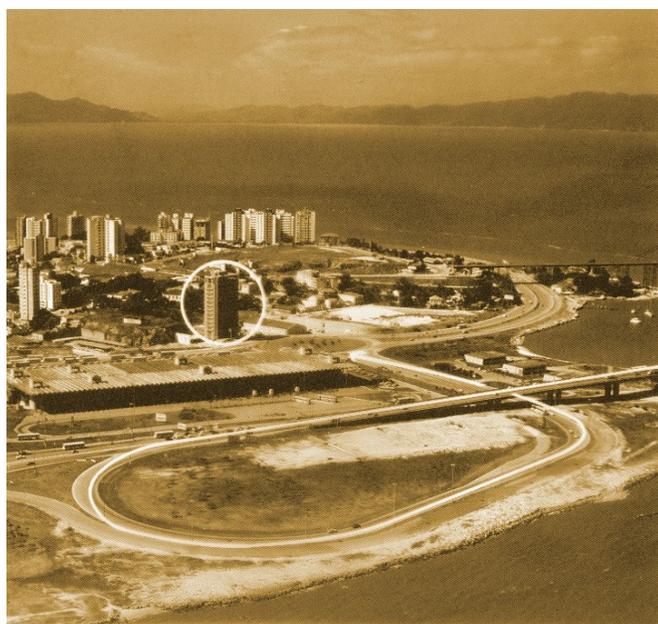


Figura 17 – Vista do Hotel Diplomata em 1986.

Fonte: Acervo do Hotel InterCity

Em 1998, o proprietário resolveu reestruturar o hotel, dando início a uma negociação com a Rede Accor para a administração do empreendimento. Entretanto, segundo relata Mary Gómez, Gerente Geral do Parthenon Lindacap, fazia-se necessário realizar grandes investimentos e o proprietário não se apresentava disposto a fazê-lo.. Em 2002, o hotel foi vendido para a Rede InterCity, de propriedade de Paulo Roberto Christmann e Alexandre David Gehlen, ocasião em que passou a ser remodelada a estrutura do antigo prédio. Durante sete meses, o edifício que abrigava o Hotel Diplomata foi totalmente reformado e ampliado,

passando a contar com 121 unidades habitacionais, distribuídas nas seguintes categorias: suítes, apartamento adaptado para deficientes físicos, apartamentos luxo e luxo superior. Todas as unidades passaram a conter mesa de trabalho com dois ramais telefônicos e acesso à internet com alta velocidade, correio de voz, fechaduras eletrônicas, cofre eletrônico, janelas com vidro duplo à prova de ruídos e ar condicionado central com controle de temperatura em todos os ambientes. Também foram construídas três salas de eventos no lugar das quadras de tênis do antigo Hotel Diplomata. Com uma estrutura moderna e atual, (Figura 16), a Rede InterCity investiu no público executivo e de eventos e se posicionou no mercado de Florianópolis. Para as pessoas que conheceram o Hotel Diplomata, fica a lembrança de um hotel muito luxuoso, porém que não acompanhou as exigências do mercado, tornando-se, com o passar do tempo, menos competitivo, em razão da falta de investimentos na manutenção do empreendimento e também da construção de novos hotéis na cidade.⁸⁹



Figura 18 - Hotel Intercity Florianópolis

Fonte: Acerco da autora

⁸⁹ Entrevista concedida por Geraldo Zanini em 12/07/2004 e Mary Gómez em 20/07/2004.

Em 1985, foi inaugurado o Hotel Castelmar,⁹⁰ realização dos empresários José Carlos Chaussard Neto, Renato Nunes Ghizoni e Cláudio Antônio Farinha Borges. O hotel está situado em um dos pontos mais elevados do centro da cidade, no alto da rua Felipe Schmidt. Possui uma vista privilegiada do principal cartão postal de Florianópolis, a Ponte Hercílio Luz. O prédio, inicialmente, consistia numa edificação de apartamentos residenciais de propriedade da construtora comercial Comasa, quando, em 1983, os empreendedores do hotel Castelmar vislumbraram a possibilidade de adquirir o prédio para transformá-lo em um apart-hotel, sabendo que já existia uma tendência de mercado, na época, para empreendimentos hoteleiros desse tipo. De acordo com o depoimento de Renato Ghizoni, “o Castelmar iniciou-se como um apart-hotel, que evoluiu para time-sharing, que é a venda de hospedagem antecipada com tempo compartilhado. As férias compartilhadas na época já era uma tendência em outros destinos, como, por exemplo, Miami”. Dessa forma, o hotel iniciou as suas atividades com 96 unidades habitacionais, funcionando inicialmente com o sistema de *time-sharing*.

Concebido inicialmente para ser um prédio residencial e tendo sido transformado em apart-hotel (condomínio com serviços hoteleiros), foi realizada uma operação imobiliária, através do qual o empreendimento passou a ter suas unidades habitacionais com proprietários.

Em 1989, deu-se início a construção da segunda torre, com mais 96 habitações, passando o empreendimento a contar, então, com mais 172 unidades habitacionais, totalizando 770 leitos. Na época, o Castelmar era o maior empreendimento hoteleiro da cidade. O capital investido no empreendimento, teve origem no ramo da construção civil e imobiliário e nos investimentos dos sócios, em parceria com a empresa Província Crédito Imobiliário. Para a modernização do empreendimento foi utilizado financiamento obtido através do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social).

⁹⁰ Entrevista concedida por Renato Nunes Ghizoni sócio proprietário do empreendimento em 13/07/2004.

Em 1986, o sistema de *time-sharing* teve que ser abandonado em decorrência da intervenção do Banco Sul Brasileiro, também um dos parceiros financeiros do empreendimento. O hotel passou por uma fase de reestruturação dos seus serviços hoteleiros, tendo sido criado um centro de eventos, localizado no sub-solo do hotel. Segundo relata Renato Ghizoni, “na época, existiam poucos fluxos turísticos e um hotel desse porte necessitava de ocupação”, o que denota a busca de mercado pelo Castelmarm, adaptando as suas áreas físicas para atender o segmento de eventos e negócios.

Em 1989, com a intenção de criar o tratamento diferencial para clientes de lazer, foi implantado o serviço Castelmarm Praia, que consistia na implantação de uma estação local para atender o cliente extensivo à praia, no balneário de Canasvieiras, embora a hospedagem continuasse no centro. Tratava-se de uma estratégia encontrada pelos empreendedores para vender um hotel localizado no centro, com uma opção de serviços na praia.

A origem dos hóspedes que freqüentam o hotel está relacionada aos produtos e aos serviços que o mesmo oferece: lazer, negócios e eventos. Os principais mercados emissores são a Argentina, São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraná e o interior de Santa Catarina.

Para aumentar a sua capacidade de venda, o Castelmarm associou-se à Rede Brasileira de Hotéis Independentes, composta por 12 empreendimentos hoteleiros localizados no Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Belo Horizonte. Em 1995, o hotel filiou-se à rede Best Western, maior rede de hotéis independentes no mundo⁹¹, também com a intenção de aumentar a capacidade de venda do empreendimento no mercado. Por volta do ano 2000, o hotel se desvinculou da rede Best Western e passou a ser administrado pela rede Bristol, uma rede

⁹¹ A rede Best Western surgiu em 1946 nos Estados Unidos com uma associação de hotéis independente com o objetivo de consolidar-se como uma marca de referência para os hóspedes. A rede se expandiu no exterior e se consolidou como uma alternativa para os hotéis independentes que não contavam com sistema de reserva internacional, além disso a empresa oferecia aos estabelecimentos guias internacionais, cobertura de seguro e escritórios comerciais comuns, sendo que a maior parte dos recursos obtidos junto aos associados era revertida em atividades locais de marketing. A Best Western foi introduzida no Brasil em 1990, por Lauro Costa, administrador da Rede Brasileira de Hotéis, empresa que adquiriu o direito da marca no País. O hotel Castelmarm por também pertencer a Rede Brasileira de Hotéis, foi um dos primeiros empreendimentos hoteleiros do Brasil a se associar a marca Best Western (PANORAMA SETORIAL DA INDÚSTRIA HOTELEIRA, 1999).

nacional com sede no Paraná, que iniciou as suas atividades em 1994 e hoje (2005) conta com 17 hotéis espalhados pelo Brasil.⁹² A ilustração seguinte apresenta a edificação do Hotel Castelmar na atualidade:



Figura 19 – Hotel Castelmar (2005)
Fonte: Acervo da Autora

O ambiente da cidade já era favorável à construção de um empreendimento do porte do hotel Castelmar, em razão da existência da Universidade Federal de Santa Catarina, da transferência da ELETROSUL para Florianópolis, do fortalecimento das empresas estatais, tais como a TELESC e a CELESC, bem como do crescimento populacional, que deram início a uma excelente fase para a construção civil e para os empreendimentos hoteleiros. Na opinião de Renato Ghizoni, “o turismo não foi alavancador para expansão urbana da cidade, em razão da falta de planejamento para atividade”. Porém, é bom salientar que o surgimento dos hotéis nos Balneários da Ilha de Santa Catarina, no período de 1980, decorreu do crescimento da atividade turística, que se expandiu em consequência das melhorias urbanas e do acesso às praias do Norte da Ilha, facilitado pela construção da rodovia SC 401.

⁹² A rede Bristol, Hotéis & Resorts, fundada em 1994, é uma empresa totalmente nacional, com tecnologia própria de gestão de negócios, nas mais diversas áreas da hotelaria. Oferece também, serviços de assessoria desde o projeto arquitetônico, a montagem do hotel e/ou flat, até a sua operacionalização e administração (FOHB, 2005).

Em dezembro de 1986, foi inaugurado o Baía Norte Palace Hotel, localizado à rua Almirante Lamego, cuja fachada está voltada para a Av. Beira Mar Norte. Sua construção coincide com o período de inauguração do Hotel Diplomata. O proprietário do empreendimento na época, Hilário Paulo Miers, empresário de Curitiba (PR), atuava no ramo da construção civil através da Construtora Alavanca. A construção do hotel foi iniciada com recursos da própria empresa e com a venda de um terreno da família no estado do Mato Grosso. Em seu depoimento sobre os recursos obtidos para a construção do Hotel Baía Norte, Geraldo Zanini relata que, “para concluir a obra, foi solicitado um financiamento junto ao BADESC (Banco de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina), mas, quando saiu o financiamento, já tinham terminado a construção do hotel”. Assim sendo, o Baía Norte foi praticamente construído com recursos próprios, provenientes das empresas do proprietário e os recursos obtidos através do financiamento foram utilizados para a ampliação do empreendimento em 1989.

Na área onde está localizado o hotel, não era permitida a construção de prédios com mais de quatro andares, por isso é que a edificação do Baía Norte possui um partido arquitetônico horizontal de quatro pavimentos, diferenciando-o dos demais empreendimentos hoteleiros localizados na área central. Na inauguração, contava com 53 unidades habitacionais, a metade do que estava previsto no projeto. Entretanto, em 1989, passou a dispor de 113 habitações nas categorias standard, luxo e suíte. Até os anos de 1990, o hotel possuía uma ocupação linear o ano todo. Em janeiro e fevereiro, recebia preferencialmente uruguaios e argentinos, enquanto nos outros meses do ano predominavam paulistas, riograndenses, cariocas e catarinenses. Essa realidade se mantém até os dias de hoje, com a exceção do público argentino e uruaio, que vêm apresentando um decréscimo quanto ao número de turistas que visitam a cidade há cinco anos. Em 17 de março de 1995, o hotel foi vendido para Roland Horst Peters e Carmen Maria Peters, empresários do setor hoteleiro,

proprietários de hotéis na cidade de Balneário Camboriú. A figura a seguir apresenta o prédio do Hotel Baía Norte, com destaque para o seu partido arquitetônico horizontal:



Figura 20 – Hotel Baía Norte (2005)
Fonte: Acervo da Autora

Na década de 1980, surgiram ainda outros empreendimentos hoteleiros no centro da cidade, entre os quais o Hotel Valerim Center e o Hotel Valerim Plaza, de propriedade da família Valerim, ambos localizados na rua Felipe Schmidt. O primeiro Hotel Valerim surgiu em 1975, construído por José Valerim, na Av. Ivo Silveira, situada na porção continental do município de Florianópolis. O capital investido no primeiro empreendimento teve origem no comércio de tecidos que o proprietário mantinha na cidade de Tubarão. Em 1972, ao encerrar as atividades comerciais naquela cidade, José Valerim se estabeleceu em Florianópolis. Em 1979, já como empresário do ramo hoteleiro, adquiriu 12 salas comerciais através de um financiamento obtido na Caixa Econômica Federal, transformando-as em apartamentos mobiliados com banheiros privativos para hospedagem, fazendo surgir, assim, o Hotel Valerim Center (duas estrelas). Aos poucos, o proprietário foi adquirindo outras salas comerciais no prédio e transformando-as também em apartamentos, chegando ao número de 66 habitações. Em 1985, vendeu o primeiro Hotel Valerim no continente, para adquirir um terreno na mesma rua do Hotel Valerim Center (na rua Felipe Schmidt), com a finalidade de

construir um outro hotel de categoria superior. Comprou o terreno em 1988 e iniciou as obras do Hotel Valerim Plaza (três estrelas). Em 1989, arrendou o prédio do Hotel Sumaré, localizado também na rua Felipe Schmidt, com a intenção de possuir três hotéis de categorias diferentes (uma, duas e três estrelas) com a mesma localização. Ao ser arrendado, o Hotel Sumaré contava com 50 quartos e 05 banheiros, sendo que José Valerim resolveu reformar as habitações, transformando-as em quartos com banheiros privativos, totalizando 44 apartamentos. Em seu depoimento, José Valerim relembra que, “no local do Hotel Sumaré, já funcionou o Hotel Cacique, que data aproximadamente de 1950. O prédio pertencia à família Damiani, sendo que mais tarde foi adquirido por Hélio Benz, também proprietário de outros prédios localizados no centro histórico de Florianópolis”. Em 1992, o prédio do Hotel Valerim Plaza já estava em fase de acabamento, quando o proprietário buscou recursos financeiros para concluir a obra através de um financiamento concedido pelo - Banco de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina - BADESC, da ordem de trezentos mil reais. Em 1993, o Valerim Plaza foi inaugurado, contando com 106 unidades habitacionais distribuídas em apartamentos e suítes, equipados com banheiras de hidromassagem e aquecimento de água central. O hotel conta, também, com salas de eventos com capacidade para atender 160 pessoas e estacionamento próprio⁹³.

O quadro a seguir apresenta os hotéis inaugurados na cidade de Florianópolis, de 1930 a 1989. É bom destacar que, até o final da década de 1980, o desenvolvimento do setor hoteleiro foi relativamente lento. Os empreendimentos não eram vinculados a nenhuma rede hoteleira, já que a administração era familiar e os próprios empresários do setor investiam na ampliação dos seus negócios, construindo ou adquirindo outros hotéis.

⁹³ Dados obtidos através da entrevista concedida por José Valerim em 04/11/2005.

HOTEL	ANO DA INAUGURAÇÃO	PROPRIETÁRIOS NO PERÍODO	ADMINISTRAÇÃO
Majestic	1930	Família Daux	Independente
La Porta	1932	Ângelo La Porta	Independente
Majestic	1940	Hugo Pessi	Independente
Metropol	1940	Hugo Pessi	Independente
Central	1948	Hugo Pessi	Independente
Lux Hotel	1950	Osvaldo Machado	Independente
Querência	1958	Ramiro Fernandez Leucádio Antunes	Independente
Majestic	1959	Gentil Cordioli	Independente
Royal	1960	Mário Regueira	Independente
Oscar	1960	Nelson Cardoso	Independente
Central / Mario Hotel	1965	Eduardo Rosa	Independente
Cruzeiro	1968	Arlinda Nienkötter Haherroth	Independente
City Hotel	1968	Gentil Cordioli	Independente
Lux Hotel	1970	Manoel Gil Malet	Independente
Ivoram	1972	Estanislau Emílio Bresolin Manuel Gil Malet	Independente
Cacique / Sumaré	1975	Leonardo Beckhauser	Independente
Florianópolis Palace Hotel (Floph)	1975	Luiz Elias Daux	Independente
Faial	1979	Cleusa S. Silva Roberta S. Silva	Independente
Valerim Center	1980	José Valerim Junior Soraya S. Valerim Suzane S. Valerim	Independente
Diplomata	1985	Feruccio Del Bene Nelson Alexandrino Ronaldo Gouveia de Araújo	Independente
Castelmar	1985	CHT Prestadora de Serviços S/C Ltda Renato Nunes Ghizoni José Carlos Chaussard Neto	Independente
Baía Norte Palace Hotel	1985	Hilário Paulo Miers	Independente
Florianópolis Palace Hotel (Floph)	1988	José de Oliveira	Rede Regional –Sagres*
Valerim Plaza	1985	José Valerim Junior Soraya S. Valerim Suzane S. Valerim	Independente

Quadro 5 – Evolução hoteleira em Florianópolis, de 1932 a 1989.

Fonte: Elaborado pela autora (2005)

*Rede Sagres possui cinco hotéis localizados em Balneário Camboriú (D’Sintra; Dos Açores; Ilha da Madeira; Catamarã; Sagres Praia).

Na década 1990, em razão da nova conjuntura turística, surge em Florianópolis uma hotelaria voltada para o turismo de negócios e eventos. Embora a entrada das redes hoteleiras no Brasil tenha ocorrido já na década de 1970, foi apenas em 1995 que elas chegaram a Florianópolis. Até esse período, a hotelaria era eminentemente de gestão familiar, sendo que o proprietário participava ativamente da administração e operacionalização do hotel. O período de 1990 foi marcado pela adaptação das suas estruturas hoteleiras para atender pequenos eventos. O primeiro dos hotéis a investir nesse segmento foi o Hotel Castelmar, com um centro de convenções para 1000 pessoas, atendendo também hotéis do seu entorno. Somente em 1998, surge o primeiro Centro de Eventos localizado na área central, passando a cidade a ser reconhecida como um destino para realização de convenções e feiras de negócios.

Até os anos de 1990, as mudanças na hotelaria eram lentas e endógenas. A partir desse período, faz-se um caminho inverso, já que as mudanças se tornam rápidas e são ditadas de fora para dentro, na mesma medida em que aumenta o fluxos de turistas. Constata-se um grande investimento dos grupos incorporadores de projetos hoteleiros, operadores nacionais e internacionais, gerando um incremento na capacidade de leitos na área central, o que possibilita o atendimento de uma demanda crescente de hospedagem. Se até 1990, o turismo, em Florianópolis, era canalizado para as praias, a partir de 1998, o mercado turístico da região modificou-se em consequência da intensificação dos fluxos turísticos destinados à realização de negócios e à participação em eventos. Essa nova realidade ampliou a ocupação dos hotéis do centro, bem como a sua abrangência, considerando-se que a atividade turística vigente até então, além de sazonal, concentrava-se nos balneários. Vale ressaltar, também, que a entrada das redes hoteleiras no mercado hoteleiro de Florianópolis aumentou a competitividade entre os hotéis.

O terreno, que é ocupado pelo Parthenon Lindacap, localizado na rua Felipe Schmidt, foi de propriedade de Arlindo Bortolucci, proprietário também do restaurante Lindacap. O

proprietário fez uma negociação através da qual entregaria o terreno para construção do empreendimento e teria a concessão da administração do restaurante e algumas unidades e apartamentos. O Parthenon Lindacap é de um flat⁹⁴ administrado pela rede Accor Brasil⁹⁵, inaugurado em 1995. Segundo Gómez (2004), “a hotelaria Accor tem um contrato com cada um dos proprietários independentemente, mas existe um outro contrato global para a administradora do condomínio, isto é, a administradora é responsável por dois segmentos, sendo que o primeiro é o pool hoteleiro e o segundo o condomínio”. O Parthenon Lindacap possui 54 investidores, dos quais 75% são da própria cidade e 25% de outros estados como Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo, empresários ligados a atividades comerciais, profissionais liberais e/ou aposentados, que viram no *Flat* uma possibilidade de investimento imobiliário. O proprietário da habitação paga uma taxa condominial (no caso do Parthenon Lindacap a taxa atual cobrada é de R\$ 850,00), sendo disponibilizados a limpeza e a arrumação da unidade habitacional, o serviço de manobrista, o serviço de recepção e de

⁹⁴ Flat é um empreendimento imobiliário realizado sob a forma de condomínio, composto por apartamentos destinados a estada temporária ou moradia, incluindo infra-estrutura completa de serviços hoteleiros e de lazer. A decisão de construir um flat em determinada localidade é das incorporadoras, geralmente empresas também responsáveis pela construção de prédios residenciais ou comerciais. A comercialização dos apartamentos de um flat é semelhante à forma de venda de novos prédios residenciais, sendo que as vendas começam quando o projeto do empreendimento ainda está na planta. Geralmente as incorporadoras lançam no mercado a possibilidade de aquisição dos apartamentos através de um financiamento feito diretamente com a construtora ou através de algum agente financeiro. Os compradores podem adquirir um apartamento com a finalidade de moradia, locação convencional ou locação em grupo (pool de locação). No caso de destinar-se a locação, o imóvel deve ser mobiliado, equipado e decorado conforme o padrão definido para o empreendimento em questão. O pool de locação é um serviço gerenciado pela empresa administradora, que reúne e controla o conjunto de apartamentos disponíveis para estada temporária. A receita é distribuída proporcionalmente entre os investidores. Nesse caso, o proprietário de uma unidade pode integrá-la ao pool através de um contrato de adesão com a empresa administradora que colocará a unidade à disposição de clientes interessados na locação temporária, sendo que a cobrança da locação sempre é feita com base no valor da diária. A empresa que administra o pool é responsável pelo controle da ocupação, pelo recebimento das diárias e pela manutenção e conservação dos apartamentos que integram o sistema. Como qualquer prédio residencial, cada flat tem a sua Convenção de Condomínio (instrumento que estipula regras e regula as relações no empreendimento) que irá determinar por exemplo, como será o serviço prestado ao hóspede e ao proprietário, o que estará incluso ou não na taxa de condomínio. É importante que a estrutura e o serviço de um flat seja muito semelhante à de um hotel. O que geralmente diferencia alguns empreendimentos é a unidade habitacional, nas quais os clientes podem contar, além do dormitório e banheiro com uma sala e uma cozinha totalmente equipada (ANDRADE, 1999; CAMPOS, 2005).

⁹⁵ A rede Accor é uma empresa francesa que chegou no Brasil em 1976 no setor de alimentação através da subsidiária chamada N.H.T. Em 1978, passou a atuar no setor hoteleiro, com a inauguração do Novotel São Paulo Morumbi. Em 1982, criou a marca Parthenon, voltada para administração de Flats. A Accor Brasil no setor hoteleiro conta com as marcas Sofitel, Parthenon, Novotel, Íbis e Formule 1. Além do setor hoteleiro, a empresa atua na área de viagens, com a Carlson Wagonlit Travel, e na alimentação, com a Ticket Restaurante, Ticket Alimentação, GR Restaurantes de Coletividade, entre outras atividades.

mensageria. Todos esses serviços estão incluídos na taxa paga ao condomínio pelo proprietário, ficando sob a responsabilidade do condômino o pagamento dos extras, tais como consumo do restaurante, telefonia, lavanderia, entre outros. Um critério estabelecido pela Parthenon para os apartamentos do pool de locação é o de que todos devem seguir o mesmo padrão, o que quer dizer que, para um condômino inserir a sua unidade no pool de locação, deverá atender a especificação do padrão exigido no que se refere ao mobiliário, à decoração e aos equipamentos. É importante destacar que é de responsabilidade individual do investidor dispor de capital para equipar e mobiliar a unidade da qual é proprietário⁹⁶.

Os períodos considerados de maior ocupação pelo Parthenon Lindacap são o Reveillon e o Carnaval. Nos outros períodos, não apresenta grandes oscilações de demanda, com exceção dos finais de semana, quando os executivos partem da cidade. Gómez (2004) considera que o maior pólo emissor de turistas para Florianópolis é São Paulo (capital), seguido por Curitiba, Porto de Alegre e os municípios do interior de Santa Catarina. Em menor número, estão os turistas internacionais, que já fazem a reserva através da central da rede Accor. O Flat possui no total 88 unidades habitacionais, sendo que 86 estão disponibilizadas no pool hoteleiro, com capacidade para 154 leitos. Possui, também, salas de eventos, restaurante, sala de ginástica, piscina e estacionamento.

Quanto às razões que levaram a rede Accor a se instalar em Florianópolis, Gómez explica que “nós surgimos na cidade porque era uma praça que interessava à rede, por ser uma capital, porém tínhamos o conhecimento de que era uma cidade sazonal e de funcionalismo público. Ao mesmo tempo, existia uma oferta hoteleira decadente, com o Floph, o Diplomata e o Castelmar”, o que favorecia a entrada de uma rede com o padrão de serviços da marca⁹⁷

⁹⁶ Entrevista concedida por Mary Gómez, Gerente Geral do Parthenon Lindacap, em 20/07/2004.

⁹⁷ As operadoras hoteleiras, que atuam em diferentes segmentos de mercado, desenvolvem em geral projetos hoteleiros com características diferenciadas em termos de sofisticação, diversidade dos serviços oferecidos, preços das tarifas etc. Esses projetos normalmente são especificados através de marcas criadas pelos grupos hoteleiros para identificar o segmento para o qual o empreendimento está voltado (ANÁLISE SETORIAL DA INDÚSTRIA HOTELEIRA, 1999).

Parthenon. Percebe-se que o cenário da época era favorável à instalação do empreendimento na cidade. O turismo já era uma atividade em expansão, porém a intenção da rede era investir no segmento de negócio, nos executivos e o reconhecimento da marca pelos clientes em razão dos serviços prestados garantiria um destaque no mercado local, fazendo com que o Parthenon Lindacap se sobressaísse frente aos demais hotéis instalados no centro da capital até então.

Em 15 de julho de 2005, a marca Parthenon inaugurou mais uma unidade na Ilha de Santa Catarina, localizada no bairro do Itacorubí, na Av. Ademar Gonzaga, próximo ao Hospital do Câncer, à Universidade Federal de Santa Catarina, à Universidade Estadual de Santa Catarina, à Federação das Indústrias de Santa Catarina, com acesso facilitado para as praias do Norte e do Leste da Ilha. O Parthenon Florianópolis dispõe de 176 apartamentos no total, sendo que 128 são de categoria standard e 48 são suítes. As unidades habitacionais são equipadas com ar condicionado, cofre eletrônico, cozinha americana, dois ramais telefônicos digitais sendo um para acesso à internet. Além disso, dispõe de piscina térmica, sauna, salas de jogos, *fitness center*, parque infantil, *business center*, estacionamento, restaurante, bar e um Centro de Convenções com 10 salas de eventos⁹⁸.

Em 1998, surgiu o Hotel Porto da Ilha, um empreendimento independente, com uma administração familiar, localizado na rua Dom Jaime Câmara, no centro de Florianópolis. O hotel foi construído em 1996, por João Vicente Gomes, sócio da empresa Engebras, uma empreiteira, ligada à construção de estradas e terraplanagem. Dos recursos necessários para a construção do hotel, os proprietários, João Vicente Gomes Filho e Eliana Lenze de Miranda Gomes, entraram com 78% de capital próprio e 22% de recursos obtidos através de um financiamento obtido junto ao - Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul - BRDE, conforme depoimento de João Vicente Gomes Filho, que afirma ter “conseguido com

⁹⁸ Informações obtidas do empreendimento através de uma visita técnica realizada em 20/09/2005.

muito custo um financiamento com o banco BRDE, porque era aquele que dispunha de melhores condições de carência e juros baixos”.

O hotel foi concebido para atender a hospedagem de executivos e participantes de eventos, tendo como hóspedes pessoas procedentes de São Paulo, seguido por Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná e outros estados, em menor escala. O Porto da Ilha possui 60 unidades habitacionais distribuídas em três categorias luxo, luxo superior e suíte. Possui, também, restaurante, salas de eventos, *business center* e estacionamento. João Vicente Gomes Filho considera o hotel compacto e confortável, com uma ocupação homogênea o ano inteiro, sem grandes oscilações de demanda, pois, “mesmo no verão, não conseguimos ter em média duas diárias por hóspede, sempre fica em 1,6 ou 1,4 a frequência de hospedagem”, o que quer dizer que existe uma grande rotatividade na ocupação, exigindo da equipe operacional muita agilidade para atender ao fluxo de entrada e saída de hóspedes⁹⁹.

Em 1990, o empresário Aurélio Paladini,¹⁰⁰ sócio proprietário da construtora Magno Martins¹⁰¹, vislumbrou a possibilidade de expansão dos seus negócios no ramo da hotelaria, optando pela localização de um hotel de praia, devido ao fato de que, na época, o turismo se concentrava nos balneários da cidade. Foi assim que surgiu o primeiro hotel, o Maraton Palace, localizado em Canasvieiras¹⁰² e, no que tange a valorização do capital, Paladini (2004) afirma que “a rentabilidade da hotelaria é menor do que a rentabilidade da produção da incorporação, que é o que a Magno Martins faz. Porém, como negócio, eu gostei, mesmo porque a hotelaria está ligada à construção civil e hoje existem as operadoras hoteleiras que você pode contratar, como é o caso da Blue Tree e da Accor”.

Em 1993, iniciou-se a construção do Hotel Coral Plaza (Figura 19), localizado na rua Felipe Schmidt, através da empresa Monteclaro Empreendimentos Turísticos, constituída por

⁹⁹ Dados obtidos na entrevista concedida por João Vicente Gomes Filho, Gerente Geral do hotel em 10/07/2005.

¹⁰⁰ Dados obtidos na entrevista concedida por Aurélio Paladini em 10/09/2004.

¹⁰¹ A construtora Magno Martins está no mercado da construção civil desde 1978, em Florianópolis.

¹⁰² A empresa que administrava o hotel chamava-se Concretiza também de propriedade de Aurélio Paladini.

Aurélio Paladini e Mário Kenji¹⁰³ (proprietário da rede de lojas Makenji). O hotel foi inaugurado em 1995, com 72 unidades habitacionais distribuídas em 48 suítes e 24 apartamentos tipo *studio*. Todas as habitações possuem ar-condicionado, telefone com discagem direta, cofre individual e ponto com conexão para internet banda larga (ADSL). O hotel está ainda equipado com duas salas de eventos com capacidade, uma delas para 120 pessoas e a outra para 30 pessoas. Nas salas, o cliente encontra a sua disposição ponto com internet banda larga, equipamentos de eventos, tais como, tela de projeção, *flip chart*, televisão, retroprojeto e *CD player*. O hotel possui também estacionamento próprio e serviço de manobrista, mensageria e *room-service* 24 horas.



Figura 21 – Hotel Coral Plaza

Fonte: Acervo da autora

Durante a construção do Hotel Coral Plaza, Aurélio Paladini começou a se questionar quanto à necessidade da cidade de possuir um elemento impulsionador para a vinda de visitantes, além das suas praias, pois, caso contrário, a hotelaria localizada no centro não teria sucesso. Como o empresário planejava construir outros hotéis na área central, decidiu

¹⁰³ A Monteclaro Empreendimentos Turísticos foi constituída em razão da parceria financeira com Mário Kenji (proprietário da rede de lojas Makenji), cada sócio detém 50% das ações, porém o projeto e a construção dos hotéis foram realizados pela empresa Magno Martins. Os empreendimentos Coral Plaza, Blue Tree Towers e Íbis, localizados no centro da capital são administrado pela Monteclaro Empreendimentos Turísticos. A intenção dos proprietários é fazer patrimônio e ter uma rentabilidade desse patrimônio. (PALADINI, 2004).

construir também um prédio para convenções, situado no centro da cidade, visando desenvolver o segmento de eventos e amenizar a sazonalidade sofrida pela hotelaria. Entretanto, o próprio Paladini, afirma que como empresário, admite que, “o centro de convenções não era um bom negócio financeiro, porém para a cidade foi a melhor coisa que aconteceu”.

Enquanto construía o Centro de Convenções, situado no aterro da Baía Sul, em 1997, o Blue Tree Towers, localizado na rua Bocaiúva, esquina com a rua Altamiro Guimarães, estava em construção. O projeto inicial do Blue Tree Towers não se referia a um hotel, isto é, em 1995, o empreendimento foi concebido para ser um flat que se chamaria Victória Place Hotel, com 14 pavimentos e 72 unidades habitacionais. Com a construção do Centro de Convenções, porém, o *flat* foi transformado em hotel, diante do fato de que não existia, na época, hotéis com categoria superior na cidade para hospedar executivos da alta administração de empresas. Durante a transformação de *flat* para hotel, a capacidade das unidades habitacionais foi aumentada de 72 para 96 apartamentos, tendo sido adaptado o primeiro andar do prédio com espaços para a realização de eventos. A empresa Monteclaro é proprietária de 85 apartamentos das 96 unidades que o hotel possui, em razão do empreendimento ter sido concebido inicialmente como um *flat*. Assim sendo, houve uma transação imobiliária, através da qual chegaram a ser vendidas 21 unidades, sendo que, destas, 10 unidades foram readquiridas pela Monteclaro. Quanto às 11 unidades restantes, seus proprietários optaram por não vendê-las, mantendo a estrutura habitacional de um *flat* (quarto, banheiro, cozinha e ante-sala). O empreendimento é administrado atualmente pela operadora hoteleira Blue Tree.¹⁰⁴

¹⁰⁴ A história da Blue Tree (1998) está ligada à trajetória profissional da sua fundadora a empresária Chieko Aoki, que foi a principal executiva da administradora do Caesar Towers, chegando a adquirir 100% das ações da empresa em 1997. Em 1998, os hotéis Caesar Park foram adquiridos pelo grupo Posadas (grupo mexicano que adquiriu os direitos da marca Caesar Park Hotels & Resorts). Nessa ocasião, a Caesar Towers, bandeira criada em 1993 para operação de hotéis de negócio e flats, foi incorporada pela nova operadora. Com isso, os hotéis Caesar Towers de Porto Alegre, pertencente à Ciacorp Administração e Participações, o Caesar Towers Park

Em 2001, a Monteclaro Empreendimentos Turísticos iniciou a construção do Hotel Íbis, localizado na Av. Rio Branco. A bandeira Íbis é uma marca de categoria econômica do grupo Accor, caracterizada por apresentar instalações compactas e serviços limitados. Geralmente, os hotéis dessa categoria localizam-se próximos aos centros urbanos das cidades, eixos rodoviários, locais turísticos, aeroportos e grandes pólos econômicos. Os clientes que freqüentam o hotel são viajantes a negócios, profissionais liberais, representantes comerciais e executivos de média gerência das empresas, geralmente hóspedes de curta permanência (uma a três diárias) no hotel. A unidade de Florianópolis foi inaugurada em 2003, com 198 unidades habitacionais, duas delas adaptadas para portadores de necessidades especiais, totalizando 220 leitos, com capacidade para atender 406 pessoas. Todas as unidades são equipadas com mesa de trabalho, televisão a cabo, tomada para *notebook*, telefone com discagem direta, mensagem eletrônica, despertador automático, ar condicionado e frigobar, sendo que o hotel não oferece serviço de quarto e de mensageria. O Íbis Florianópolis possui uma sala de eventos com capacidade para 100 pessoas, equipada com tela de projeção, *flip chart*, televisão, vídeo cassete, retroprojetor e ar condicionado, também possui um restaurante administrado pela própria rede, chamado “A Boa Mesa”, com capacidade para 90 pessoas, aberto ao público externo e ao hóspede para o jantar¹⁰⁵. A figura a seguir permite observar a edificação do hotel Íbis, que segue o padrão de outros hotéis da mesma marca no Brasil.

Fortaleza, da Construtora Marquise e os hotéis do Funcef (Fundo de Pensão dos Funcionários da Caixa Econômica Federal) que eram administrados pela Caesar Park (Caesar Towers Vila Olímpia e o Resort Cabo de Santo Agostinho) passaram a ser operados pela Blue Tree. No mesmo ano (1998), a Blue Tree firmou um acordo com o Funcef para operação dos empreendimentos em troca de uma participação de 20% no capital da operadora. Chiekp Aoki escolheu a desinação Blue Tree pela associação natural que tem com o nome Aoki, tradução em japonês para “árvore azul” (ANÁLISE SETORIAL DA INDÚSTRIA HOTELEIRA, 1999).

¹⁰⁵ Dados obtidos através da realização de visitas técnicas no empreendimento, bem como da entrevista concedida por Aurélio Paladini em 10/09/2005.



Figura 22 – Hotel Íbis – Rede Accor
Fonte: Acervo da autora

Atualmente (2005), Aurélio Paladini está construindo um outro empreendimento na cidade, localizado na Av Beira Mar Norte, a ser administrado também pela rede Accor, mas com a marca Sofitel, o “top de linha” da rede. O empreendimento foi concebido em 2002 para ser um Hotel Boutique,¹⁰⁶ em parceria com Anita Hoepcke¹⁰⁷. A previsão da conclusão do hotel é para o segundo semestre de 2006.

Em seu depoimento, Aurélio Paladini esclarece como funciona o relacionamento com as operadoras hoteleiras,

[...] na verdade, a Accor não investe nada, eles não entram com nenhum capital financeiro nós pagamos tudo para eles administrarem os empreendimentos, pagamos para eles pegarem um avião virem à Florianópolis para avaliarem o projeto, como foi o caso do Sofitel, precisamos pagar para o arquiteto vir lá de Paris para aprovar o projeto, tudo necessita da aprovação deles [...] eles levam dinheiro daqui para lá, mas trazer de lá para cá de jeito nenhum [...] na administração do hotel, todos os empregados, os custos do hotel, os investimentos e a manutenção, são por nossa conta. A Accor e a Blue Tree não arcam com absolutamente nada nós somos proprietários de tudo, tanto do ativo como do passivo da empresa [...] a Accor recebe um percentual do faturamento para administração do empreendimento e um Royalty por mês pelo uso da marca.

¹⁰⁶ Conceitualmente o hotel Boutique caracteriza-se por possuir uma decoração e design especial, isto é, cada hotel tem sua própria característica, os espaços são únicos e personalizados, possuem um estilo de decoração diferenciada para cada ambiente. A gastronomia é muito valorizada, assim como as peças de arte, o design do mobiliário e a tecnologia de ponta. Além do aspecto físico, os serviços são direcionados para um público seletivo, com bom poder aquisitivo.

¹⁰⁷ A sociedade Aurélio Paladini e Anita Hoepcke constituiu-se a empresa Mediana responsável pela incorporação do empreendimento hoteleiro Sofitel em conjunto com a empresa Magno Martins.

Constatou-se que a administração operacional do empreendimento é realizada pela rede Accor e pela rede Blue Tree. Entretanto, os colaboradores do hotel e os custos operacionais envolvidos na manutenção do empreendimento ficam sob a responsabilidade da empresa Monteclaro Empreendimentos Turísticos, dos sócios proprietários Aurélio Paladini e Mário Kenji. O capital investido para incorporação dos empreendimentos hoteleiro, Coral Plaza, Blue Tree Towers e Íbis, é originário das empresas dos sócios da Monteclaro, Magno Martins e Grupo Makenji, porém, para a construção do hotel Sofitel, o empresário buscou fazer uma nova parceria financeira (Anita Hoepcke), expandindo os seus negócios no setor hoteleiro na cidade.

Em novembro de 2004, foi inaugurado o segundo Hotel Majestic, localizado entre a Av. Mauro Ramos, esquina com a Beira Mar Norte, de propriedade de Ronaldo Daux. O Majestic Palace conta com um edifício de 22 andares, sendo dezesseis andares de unidades habitacionais, outros andares destinados a garagens, áreas de serviços, administração, lazer, restaurante, recepção e sala de eventos. O hotel possui 261 unidades habitacionais, distribuídas nas categorias apartamentos executivos, suíte júnior, suíte executiva, suíte máster e suíte presidencial. Todas as unidades habitacionais possuem cofre digital com capacidade para guardar um *Notebook*, televisão com 25 polegadas tela plana, frigobar, telefone e ponto para acesso à internet. O Hotel Majestic é o único empreendimento hoteleiro da cidade que possui uma Suíte Presidencial¹⁰⁸.

O capital investido para construção do empreendimento (cerca de R\$ 25.000.000,00) é proveniente das empresas de Ronaldo Daux, proprietário da RCD Empreendimentos Imobiliários, pertencente ao grupo Irmãos Daux, uma Holding familiar com predominância associativa de empresas de seu grupo, com desempenho e atuação em diversos segmentos do mercado, como a hotelaria, a construção civil, a locação e a administração de imóveis

¹⁰⁸ Dados obtidos através da visita técnica realizada ao empreendimento, em 05/05/2005.

próprios. O patrimônio imobiliário do Grupo Irmãos Daux possibilitou a implantação de diversos projetos no setor da construção civil e da hotelaria, que incluem, além da propriedade de hotéis, vários imóveis (residenciais e comerciais), terrenos nas localizações mais valorizadas da Ilha de Santa Catarina. Fazem parte das empresas do grupo, a Irmãos Daux Participações Ltda, a Ocident Administração e Participações Ltda, a Orient Administração e Participações Ltda, a Invest Beach Investimentos e Lazer Praia Ltda e a Invest City Investimentos e Administrações de Imóveis Ltda. Foi através da Invest City e da R.C.D, somados ao do capital de outros investidores que o Majestic Palace Hotel tornou-se realidade em 2004, tendo como público alvo os executivos e o setor de eventos. (DAUX, 2005).

Em setembro de 2005, foram iniciadas as atividades do Cecomtur Executive Hotel, localizado à rua Arcipreste Paiva, um empreendimento composto por 150 unidades habitacionais distribuídas nas categorias standard, standard plus, superior e suíte. O prédio foi construído no início dos anos de 1970 para ser um hotel, mas, por razões financeiras, o então proprietário Jorge Daux optou por adaptar as instalações em 1975, para abrigar o Cine Cecomtur, com capacidade para 309 pessoas. Em 1992, o cinema encerrou as suas atividades, porque a União tomou o prédio como parte das dívidas acumuladas pelo proprietário. A partir desse momento, o espaço do térreo ao sétimo andar passou a alojar a Justiça Federal, enquanto a outra parte do prédio (8º a 15º andar) foi a leilão, tendo sido adquirido primeiramente por Ubiratan Barbosa e, posteriormente, em 2003, pela Criciúma Construções, que transformou as instalações para abrigar o Cecomtur Executive Hotel. A Justiça Federal continua a ocupar o prédio do térreo ao sétimo andar, mas tão logo a instituição seja transferida para outro local, essa área irá também a leilão, o que possibilitará a aquisição da edificação na sua totalidade pela empresa Criciúma Construções¹⁰⁹. Como se percebe, o setor hoteleiro passa por modificações significativas, as quais acompanham as transformações da

¹⁰⁹ Dados fornecidos por Tiago Damásio funcionário do empreendimento Cecomtur Executive Hotel, em 20/10/2005.

cidade. Tal fato pode ser comprovado através da análise do quadro abaixo, o qual demonstra os hotéis em funcionamento no centro de Florianópolis, permitindo constatar que, de 1990 a 2005, foram inaugurados onze novos empreendimentos hoteleiros na cidade.

HOTEL	INAUGURAÇÃO	PROPRIETÁRIOS ATUAIS	ADMINISTRAÇÃO ATUAL
Oscar	1960	Nelson Cardoso Nicolau Cardoso Neto	Independente
Cruzeiro	1968	Arlinda Nienkötter Haerth	Independente
City Hotel	1968	Gentil Cordioli	Independente
Centro Sul	1972	CSH Hotelaria e Turismo Ltda Cristiane Santos Piccoli	Independente
Florianópolis Palace Hotel	1975	José de Oliveira	Rede Regional -Sagres
Faial	1979	Cleusa S. Silva Roberta S. Silva	Independente
Valerim Center	1979	José Valerim Junior Soraya S. Valerim Suzane S. Valerim	Independente
Castelmar	1985	CHT Prestadora de Serviços S/C Ltda Renato Nunes Ghizoni José Carlos Chaussard Neto	Independente – Participação na administração: Rede Bristol - Nacional
Baía Norte Palace Hotel	1985	Carmen Peters	Independente
Valerim Plaza	1985	José Valerim Junior Soraya S. Valerim Suzane S. Valerim	Independente
Rio Branco Apart Hotel	1990	Antônio César Chede	Independente
Pontal Sul	1992	Juliana M. de Sousa Santos Gabriel Antunes de Sousa Santos	Independente
Farol da Ilha	1992	Cleusa S. Silva Roberta S. Silva	Independente
Coral Plaza	1993	Monteclaro Empreendimentos Turísticos Aurelio Paladín Mário Kenji	Independente
Sumaré	1994	José Valerim	Independente
Parthenon Lindacap	1995	Condomínio com 54 investidores	Administradora - Rede Accor - Internacional
Porto da Ilha	1998	João Vicente Gomes	Independente
Blue Tree Towers	2000	Monteclaro Empreendimentos Turísticos Ltda Mário Kenji Aurélio Paladini	Administradora - Rede Blue Tree - Nacional
Hotel Lumar	2001	Sálvio Sistarol	Independente
Intercity	2002	Alexandre Gehlen	Adm: Rede Intercity - Nacional
Hotel Ibis	2003	Monteclaro Empreendimentos Turísticos Ltda Aurélio Paladini Mário Kenji	Administradora: Rede Accor - Internacional
Majestic Palace Hotel	2004	Ronaldo Daux e RCD Construtora	Independente
Cecomtur Executive Hotel	2005	Crisciúma Construções Ltda	Independente

Quadro 6 – Os hotéis em funcionamento no núcleo central de Florianópolis

Fonte: Elaborado pela autora (2005).

Atualmente, encontram-se em funcionamento 23 hotéis localizados no núcleo urbano central de Florianópolis, sendo que o maior crescimento do setor deu-se a partir da década de 1990, motivado pela expansão do turismo de negócios e eventos, principalmente após a abertura do centro de eventos da cidade, em 1998.

O mapa a seguir demonstra a evolução hoteleira no núcleo central de Florianópolis a partir da década de 1930. É interessante observar que, dentre os hotéis instalados no período de 1930 a 1959, permanecem em atividade apenas o Hotel Cruzeiro, localizado na rua Conselheiro Mafra e o Hotel Sumaré, situado à rua Felipe Schmidt. Outro registro importante quanto aos hotéis desse período diz respeito a sua concentração numa área específica do centro da cidade. Já os hotéis inaugurados de 1960 a 1989 refletem a tendência de verticalização, acompanhando o novo padrão arquitetônico das construções do centro da cidade, ao mesmo tempo em que introduzem melhorias físicas e de serviços, tais como dormitórios com banheiro privativo e serviços completos de hotelaria. Nos anos de 1990, sobressai a entrada das bandeiras de hotéis integrantes de redes hoteleiras nacionais e internacionais, como a rede Blue Tree (Blue Tree Towers), a rede InterCity (InterCity Premium) e a rede Accor (Parthenon; Íbis). Os hotéis originários da década de 1960 não suportaram a competitividade de uma hotelaria mais moderna com inovações tecnológicas, perdendo espaço no mercado e deixando de funcionar como estabelecimentos para hospedagem. Passaram a investir em outros segmentos como, por exemplo, o comércio. Muitos deles transformaram as suas instalações para a implantação de centros comerciais.

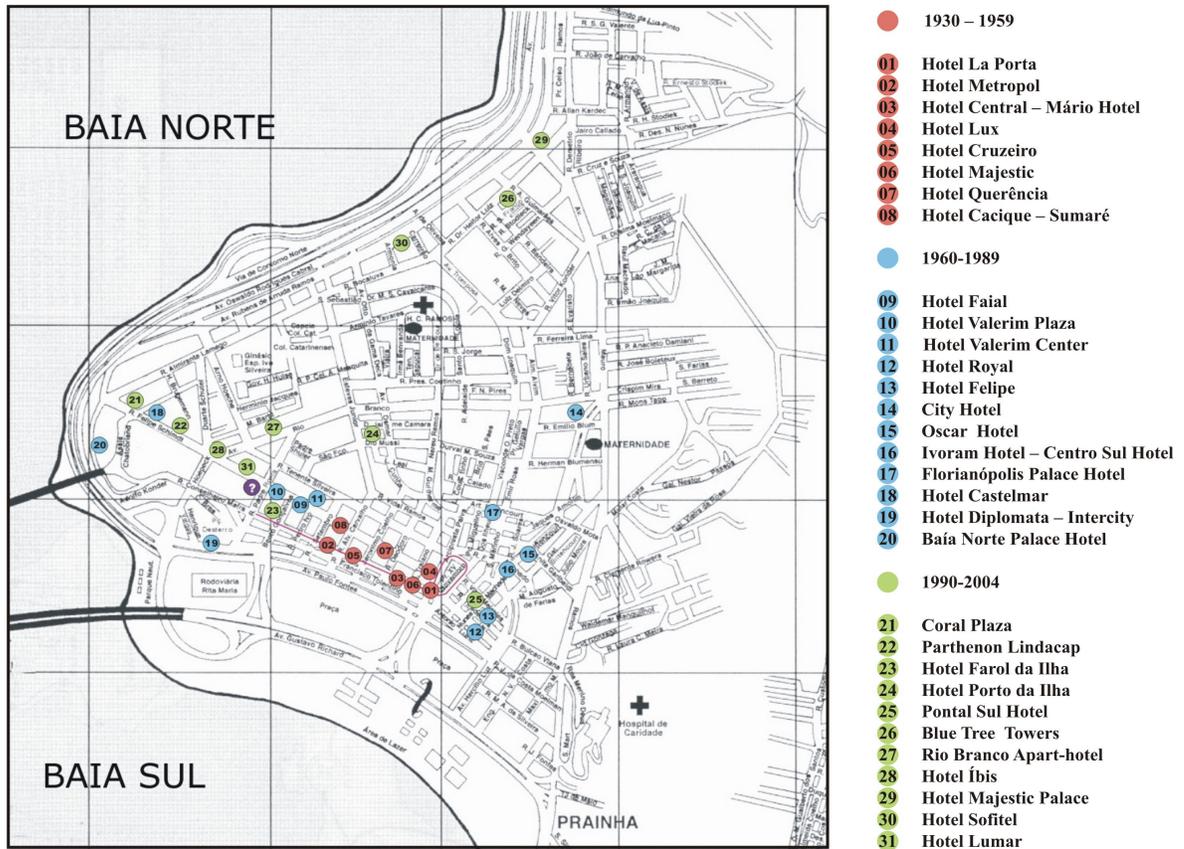


Figura 23- Mapeamento da Hotelaria localizada no núcleo urbano central

Fonte: Elaborado pela autora (2004)

Até 1990, o turismo, em Florianópolis, foi canalizado para as praias; o mercado turístico dessa região modificou a natureza do impacto espacial. Trata-se não apenas da transformação e da ampliação da ocupação diante dessa atividade, mas de uma mudança de qualidade e abrangência do mercado. No entanto, nos anos de 1990 e 2000, o segmento de negócios, indiferente à sazonalidade, alavancou os investimentos em projetos para uma hotelaria executiva, em que o turista é muito mais exigente com os serviços de apoio, isto é, constitui uma demanda muito mais exigente por qualidade desses mesmos serviços. O gráfico a seguir demonstra o crescimento da oferta de unidades habitacionais de 1960 a 2005.

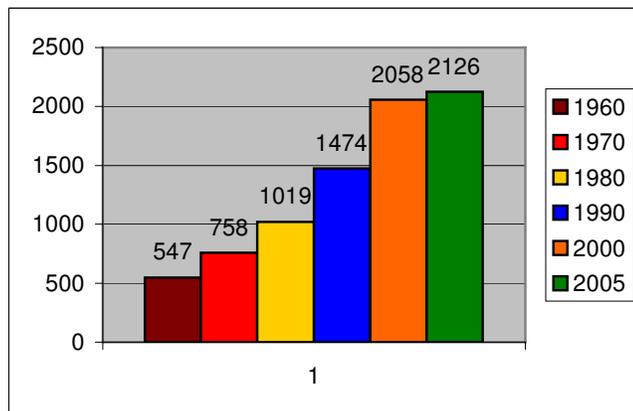


Figura 24 - Gráfico da Evolução da Oferta de Unidade Habitacional no núcleo central de Florianópolis 1960 – 2005.

Fonte: Elaborado pela autora

Como se pode observar através dos dados relacionados no gráfico acima, entre os anos de 1960 e 1980, constata-se um crescimento de 86,28% na oferta de unidades habitacionais. Já no intervalo, entre 1980 e 2000, percebe-se um aumento significativo correspondente a 102% no número de habitações. Nos períodos entre 1990 e 2005, há um crescimento na cidade do turismo de negócios e eventos, em razão da inauguração do Centro de Eventos (1998), que contribuiu positivamente para o aumento na oferta de unidades habitacionais em 44,23%, que são correspondentes aos onze hotéis que surgiram no núcleo urbano central de Florianópolis. Vale lembrar que as redes hoteleiras chegaram à cidade em 1995, aumentando a competitividade do mercado hoteleiro. Assim sendo, com a perspectiva de uma hotelaria moderna de caráter globalizante, com padrão de qualidade que a diferencia da hotelaria independente, as redes hoteleiras souberam aproveitar o momento favorável proporcionado pelo crescimento do turismo de negócios e eventos. Dessa forma, o espaço hoteleiro passa por modificações importantes, respondendo às transformações por que passa a própria cidade no momento, pois, conforme ensina Milton Santos (1986, p. 38), “os movimentos da totalidade social, modificando as relações entre os componentes da sociedade, alteram os processos,

incitam a novas funções. Do mesmo modo, as formas geográficas se alteram ou mudam de valor; o espaço se modifica para atender às transformações da sociedade”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões e os dados empíricos aqui apresentados expressam os resultados de uma investigação que procura analisar a evolução da hotelaria no núcleo urbano central de Florianópolis. Ao longo deste trabalho, foram discutidas as transformações decorrentes da expansão urbana da cidade, bem como as recentes mudanças da atividade turística e seus reflexos sobre a expansão do setor hoteleiro local.

A área de estudo correspondente a uma porção do espaço urbano central da capital do Estado de Santa Catarina abriga atualmente cerca de 23 hotéis. A organização sócio-espacial desse núcleo urbano é fruto de diferentes períodos históricos e vem passando por um processo contínuo de transformações, imposto pelo crescimento da própria cidade. Assim sendo, a investigação partiu do entendimento de que o espaço resulta da combinação de elementos naturais e humanos e de relações sociais historicamente determinadas, pois o processo de produção de qualquer espaço é, ao mesmo tempo, histórico e natural, visto que a sociedade imprime suas marcas sobre o quadro físico.

O referencial teórico básico utilizado para a análise teve como ponto de partida as categorias analíticas, que permitiram compreender a gênese e a evolução do núcleo urbano de Florianópolis inserido no contexto regional, nacional e internacional, e, ao mesmo tempo, interpretar o desenvolvimento do setor hoteleiro diante da evolução urbana e do crescimento dos fluxos turísticos locais. Assim sendo, a pesquisa apoiou-se em obras de referência apropriadas à análise da realidade sócio-espacial e do turismo, com destaque para as contribuições teórico-metodológicas difundidas por Milton Santos. Na interpretação da evolução do espaço urbano, buscou-se apreender as características mais marcantes de cada período, já que toda a realidade precisa ser analisada espacial e temporalmente. Dessa forma, para compreender a configuração atual, foi preciso remontar às origens de sua organização urbana, interpretando as alterações decorrentes da dinâmica da sociedade em cada período

histórico, cujos reflexos se materializam no espaço, já que as relações sociais vigentes se encarregam de moldar o traçado urbano da cidade e suas principais funções.

Desde o Brasil Colônia até o período Imperial, as relações sociais vigentes foram definindo, a partir de uma base natural, o traçado urbano de Florianópolis em conformidade com suas funções sócio-econômicas e políticas. A cidade teve seu destino marcado por uma localização geográfica singular e pelas atividades portuárias e administrativas (capital da antiga Província de Santa Catarina), cujos reflexos podem, ainda hoje, ser observados no seu ordenamento espacial.

No início do século XX, Florianópolis permanecia como o maior centro exportador do Estado, e sua função comercial importadora e exportadora mantiveram-se em expansão até a década de 1930. Gradativamente, a cidade vai perdendo a sua importância de praça comercial no contexto regional e nacional passando a exercer sua função administrativa de capital do Estado de Santa Catarina.

A partir da segunda metade do século XX, a capital passou a ter o seu desenvolvimento incrementado por iniciativas estatais, que alteram as relações sócio-econômicas vigentes, consolidando-a como um centro prestador de serviços. A construção da BR 101 e a fundação da Universidade Federal de Santa Catarina, em 1960, bem como a vinda da ELETROSUL para Florianópolis, foram três fatos decisivos para o processo de expansão e urbanização da capital. As modificações ocorridas na cidade diante do incremento do aparelho estatal provocaram uma demanda por trabalhadores qualificados, que se refletiu num aumento populacional significativo em relação ao contingente de habitantes naturais. A ampliação do mercado consumidor fomentou o desenvolvimento da construção civil, da atividade turística e da hotelaria local.

Nesse cenário, o turismo desponta em Florianópolis, estimulado por iniciativas do setor público e privado, sentidas principalmente a partir de 1970, quando se iniciou a

discussão sobre a atividade turística e o crescimento do número de hotéis na cidade. É importante destacar que, nesse período, foi desencadeado um forte processo de urbanização de Florianópolis.

Na cidade, até o primeiro quartel do século XIX, entretanto, não existia uma estrutura de hospedagem. Somente a partir da segunda metade desse mesmo século é que começaram a surgir lentamente as primeiras iniciativas, estando a maioria dos hotéis localizados nas imediações do Porto e do Largo do Palácio, já que a principal atividade econômica da cidade era decorrente de sua função portuária, bem como da de capital político-administrativa da Província e, mais tarde, do Estado. Os primeiros estabelecimentos hoteleiros da cidade possuíam características distintas das existentes de hoje, Os prédios onde funcionavam alguns hotéis exerciam não apenas a função de hospedagem, mas abrigavam também atividades relativas ao comércio varejista, disponibilizando uma gama de produtos para o consumo da população local.

A partir de 1930, embora o capital comercial de Florianópolis já se encontrasse em decadência, começaram a aparecer de forma mais sistemática algumas iniciativas ligadas ao setor hoteleiro, como é o caso dos hotéis Majestic inaugurado em 1930 e o La Porta, inaugurado em 1932. Desde então, registra-se uma lenta evolução que corresponde ao período em que a própria economia da capital e do seu entorno esteve praticamente estagnada. A rede hoteleira localizada na área central foi, pois, bastante incipiente até a década de 1960. Dos hotéis instalados entre 1930 e 1959, apenas dois deles permanecem em atividade: o Hotel Cruzeiro e o Hotel Sumaré.

Observa-se, a partir de 1970, um expressivo crescimento populacional da cidade, o qual, somado à expansão dos fluxos turísticos, estimularam os investimentos no setor hoteleiro e na prestação de serviços. Os hóspedes desse período mantinham vinculações diretas com o governo. Eram políticos do interior do estado e ou representantes dos interesses

das empreiteiras, tais como executivos, engenheiros e arquitetos que necessitavam fazer contatos e tratar de negócios na capital. A hotelaria também atendia professores, estudantes e funcionários da Universidade Federal de Santa Catarina em determinados períodos, além de representantes comerciais que vinham constantemente à cidade. Os principais mercados emissores eram o interior do estado de Santa Catarina, o Rio Grande do Sul e o Paraná.

O estudo permitiu constatar que os hotéis foram se equipando na medida em que a sociedade evoluía e que os hóspedes exigiam novos equipamentos e serviços. É um grande desafio para a hotelaria manter a sua estrutura atualizada. Isso não se refere somente aos aspectos relativos à construção, mas, também, à busca constante de tecnologias de ponta capazes de atender as necessidades e as exigências dos seus clientes. Com isso, alguns hotéis perderam competitividade devido à obsolescência de seus espaços e equipamentos frente ao surgimento de novos estabelecimentos.

No decorrer da pesquisa, observou-se que muitos hotéis assumiram novas funções, as suas estruturas arquitetônicas não sofreram grandes transformações, porém, diante dos processos sociais e econômicos, surgem novos hotéis com um aparato tecnológico muito maior, como é o caso das redes hoteleiras, e esses empreendimentos hoteleiros do passado mudam de significação para desenvolver outras funções comerciais, fato que aconteceu com alguns hotéis da cidade, entre os quais o Querência Palace Hotel, o Lux Hotel / Hotel Center Plaza e, mais recentemente, o Hotel Royal.

Depois dos anos de 1970, percebe-se uma nova fase para a história da capital, com um crescimento inevitável e acelerado do número de hotéis, sendo que o número de unidades habitacionais aumenta de 547 em 1960 para 1019 em 1980. Essa curva ascendente prossegue de 1990 a 2005, quando são instalados na capital onze novos hotéis e o número de unidades habitacionais sobe para 1474 (1990), para 2126 (2005). Pelo crescente número de unidades

habitacionais, percebe-se que a rede hoteleira de Florianópolis encontra-se estimulada por uma nova dinâmica no fluxo de hóspedes.

A pesquisa também desperta a atenção para o fato de que, a partir de 1995, ao lado dos empreendimentos familiares, começaram a se instalar os primeiros hotéis vinculados a redes nacionais (Blue Tree e InterCiy) e internacionais (Accor). Sobretudo nos últimos anos, a indústria hoteleira florianopolitana passou a atender também ao público crescente relacionado não apenas ao turismo sazonal, mas ao desenvolvimento do turismo de eventos e negócios.

Tudo parece indicar que Florianópolis vai continuar o seu processo de transformação e crescimento, pois a Ilha de Santa Catarina é considerada paradisíaca, proporcionando um ambiente favorável à expansão do turismo. Diante dessa realidade, a tendência é de aumentar a oferta de hotéis, principalmente de empreendimentos vinculados às redes hoteleiras, visto o expressivo número de hotéis que surgiram nos últimos cinco anos, vinculados a redes nacionais e internacionais. A cidade sinaliza um crescimento ainda maior, em razão da construção de Shopping Center, da construção de mais um Centro de Eventos no Norte da Ilha, da ampliação do Centro Integrado de Cultura (CIC) e da execução de novos projetos hoteleiros.

Contudo, diante das análises apresentadas neste trabalho, pode-se afirmar que o desenvolvimento da hotelaria de Florianópolis está particularmente relacionado com o processo de urbanização da própria cidade, com os interesses econômicos “instalados” e com a expansão da atividade turística.

A pesquisa que ora se finaliza parece ter cumprido as pretensões delineadas no Projeto original, estabelecendo relações entre o desenvolvimento do setor hoteleiro no núcleo urbano central e as diferentes etapas da evolução histórica da cidade. Foi possível, também, através do estudo, compreender a gênese da formação sócio-espacial do litoral de Santa Catarina, nela inseridas as origens da cidade de Florianópolis, bem como as diferentes etapas da evolução

urbana e da atividade turística, identificando os elementos responsáveis por essa expansão e as principais características desta dinâmica. A evolução da hotelaria localizada no núcleo da central foi caracterizada nos diferentes períodos de desenvolvimento da cidade até a atualidade.

Por fim, salienta-se que os estudos sobre o setor hoteleiro na cidade de Florianópolis não se esgotam aqui, certamente abre questionamentos e motivações para novas pesquisas.

REFERÊNCIAS

ABREU, Beto. **Florianópolis: uma viagem no tempo**. Florianópolis: Panorama, 2004.

ADAMS, Betina. **Preservação Urbana: gestão e resgate de uma história – patrimônio de Florianópolis**. Florianópolis: UFSC, 2002.

ANDRADE, Nelson; BRITO, Lúcio; JORGE, Wilson. **Hotel: Planejamento e Projeto**. São Paulo: Senac, 2000.

AN CAPITAL. La Porta Hotel: marcou época na Capital. Disponível em: <<http://na.uol.com.br/ancapital>>. Acesso em: 8 ago.2004.

BASTOS, José. M. **Urbanização, Comércio e Pequena Produção Mercantil Pesqueira na Ilha de Santa Catarina**. In. LINS, Hoyedo; MESSIAS, José; CHEREM, Rosângela; SANTOS, Maurício. (Orgs). **Ensaio sobre Santa Catarina**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.

BECKER, Berta. **Conferência no Congresso Internacional de Geografia e Planejamento do Turismo “Sol e Território” : políticas e planejamento do turismo no Brasil**. In: Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura. Eduardo Yázigi; Ana Fani Alessandri Carlos; Rita de Cássia Ariza da Cruz (Org.). São Paulo: Hucitec, 1996.

BELLI, Ari. Considerações Gerais sobre a viabilidade de Empreendimentos Hoteleiros. **Revista Turismo em Análise**, v.9, n(2)., p.62-69, 1998.

BENI, Mário Carlos. **Análise Estrutural do Turismo**. São Paulo: Senac, 1998.

BENI, Mário Carlos. **Globalização do Turismo**. São Paulo: Aleph, 2003.

BOITEUX, Lucas Alexandre. Açorianos e Madeirenses em Santa Catarina. **Revista Jaih Gbras**. v.219, 1953.

BRISTOL HOTELARIA. Disponível em: <<http://www.bristolhotelaria.com.br>>. Acesso em: 10 nov. 2005.

CABRAL, O.R. **Nossa Senhora do Desterro: Notícia I**. Florianópolis: UFSC, 1971.

CABRAL, O.R. **Nossa Senhora do Desterro**: Notícia II. Florianópolis: UFSC, 1972.

CABRAL, O.R. **Nossa Senhora do Desterro**. Florianópolis: UFSC, 1979.

CALDAS, Raul. **Oh! Que delícia de Ilha**. Florianópolis: Lunardelli, 1995.

CARNEIRO, G. **Florianópolis**: Roteiro da Ilha Encantada. Florianópolis: Expressão, 1987.

CASTELLI, G. **Administração Hoteleira**. 6. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CAMPOS, Nazareno José de. **Terras Comuns na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: UFSC, 1991.

CAMPOS, Edson Telê. **A expansão imobiliária e seus impactos ambientais em Florianópolis**. Florianópolis: Insular, 2004.

CAMPOS, José Ruy Veloso. **Introdução ao universo da hospitalidade**. Campinas: Papirus, 2005.

CENTRO DE ESTUDOS CULTURA E CIDADANIA. **Uma cidade numa ilha**: Relatório sobre os problemas sócio-ambientais na Ilha de Santa Catarina. 2. ed. São Paulo: Insular, 1997.

COOPER, Chris, FLETCHER, John; WANHILL, Stephen; GILBERT, et al. **Turismo princípios e prática**. Porto Alegre: Bookman, 2001.

CORRÊA, Carlos Humberto. **História de Florianópolis**. Florianópolis: Insular, 2004.

CORRÊA, Roberto Lobato. **A rede urbana**. São Paulo: Atica, 1989.

CRUZ, Rita de Cássia . Hospitalidade Turística e Fenômeno Urbano no Brasil: Considerações Gerais. In: DIAS, Célia. (Org). **Hospitalidade Reflexões e Perspectivas**. São Paulo: Manole, 2002.

DAUX, Jaqueline Couto Baltazar. **Proposta de implantação do sistema de qualidade total no Paraíso Palace Hotel**. Florianópolis: ASSESC, 2005. 190f. : il (Monografia).

DE LA TORRE, Óscar Padilla. **El turismo fenómeno social**. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.

DENCKER, Ada F. Maneti. **Métodos e Técnicas em Turismo**. São Paulo: Futura, 1998.

DIAS, Célia. **Hospitalidade: reflexões e perspectivas**. São Paulo: Manole, 2002.

DUARTE, Vladir V. **Administração de Sistemas Hoteleiros**. São Paulo: Senac, 1996.

EMPRESA BRASILEIRA DE INFRA-ESTRUTURA AEROPORTUÁRIA. Disponível em: <[http: www.infraero.gov.br](http://www.infraero.gov.br)>. Acesso em: 25 out. 2005.

FERREIRA, Sérgio. L. **O Banho de mar na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Das águas, 1998.

FÓRUM DE OPERADORES HOTELEIROS DO BRASIL. Disponível em <[http: www.fohb.com.br](http://www.fohb.com.br)>. Acesso em : 05 de nov. 2005.

GIL, Antonio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1993.

GOELDNER; RITCHIE; MC INTOSH. **Turismo: Princípios, Práticas e Filosofias**. Porto Alegre: Bookman, 2002.

GUERRIER, Yvonne. **Comportamento Organizacional em Hotéis e Restaurantes**. São Paulo: Futura, 2000.

HOTEL INVESTMENT ADVISORS. Disponível em <[http: www.hia.com.br](http://www.hia.com.br)>. Acesso em: 13 de nov. 2005

HUBENER, Laura Machado. **O comércio da cidade do Desterro no século XIX**. Florianópolis: UFSC, 1981.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do Turismo**. São Paulo: Pioneira, 2001.

ILHA DE SANTA CATARINA. **Relato de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX.** Org. Martins Afonso Palma de Haro. Florianópolis: UFSC, 1996.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 7 jun. 2004.

INSTITUTO DE PLANEJAMENTO URBANO DE FLORIANÓPOLIS. **Plano Diretor de Florianópolis:** resenha histórica. IPUF, 2004.

INSTITUTO DE PLANEJAMENTO URBANO DE FLORIANÓPOLIS. **Plano de Desenvolvimento Turístico do Aglomerado Urbano de Florianópolis:** IPUF, 1981.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo:** para uma nova compreensão do lazer e das viagens. São Paulo: Aleph, 2001.

LAGE, Beatriz; MILONE, Paulo César. **Economia do Turismo.** São Paulo: Atlas, 2001.

LAGO, Paulo F. **Florianópolis:** A polêmica urbana. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1996.

LAGO, Paulo F. **Santa Catarina:** a Transformação dos Espaços Geográficos. Florianópolis: Verde Água Produções Culturais, 2000.

LEMONS, Leandro Antônio Lemos. **Turismo:** 9 propostas para um saber-fazer. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

LICKORISH, L.J.; JENKINS, C.L. **Introdução ao turismo.** Rio de Janeiro: Campus, 2000.

LUCHIARI, Maria Tereza D. P. **Urbanização turística:** um novo nexos entre o olhar e o mundo. In: SERANO, Célia; BRUHNS, Heloisa T.; LUCHIARI, M. T. (Orgs.). Olhares contemporâneos sobre o turismo. São Paulo: Papyrus, 2001.

MACHADO, Ewerton Vieira. **Florianópolis:** Um Lugar em tempo de Globalização. São Paulo: USP, 2000. (Tese de Doutorado).

MAMIGONIAN, Armen. **Florianópolis.** In: Atlas Geográfico de Santa Catarina. Florianópolis: CNG/DEGC-SC, 1959.

- MAMIGONIAN, Armen. **Industrialização de Santa Catarina**. Atlas de Santa Catarina. Florianópolis: GAPLAN, 1987.
- MAMIGONIAN, Armen. As conquistas portuguesas e a incorporação do litoral de Santa Catarina. In: ANDRADE, M. C. D; FERNANDES, E. M. P; CAVALCANTI, SM (Orgs). **O mundo que o Português Criou: Brasil século XVI**. Recife: CNPQ / Fin, 1998.
- MARCON. Maria Teresina de Resenes. **A metropolização de Florianópolis: o papel do Estado**. Florianópolis: UFSC, 2000 (Dissertação de Mestrado).
- MINAYO, Maria C.de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MINISTÉRIO DO TURISMO. **Boletim do Ministério do Turismo**. Disponível em:<<http://www.turismo.gov.br>>. Acesso em: 20 de out. 2005.
- MINISTÉRIO DO TURISMO. **Estudo da Demanda Turística Internacional**. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br>>. Acesso em: 18 de nov. 2005.
- MONTEJANO, Jordi Montaner. **Estrutura do Mercado Turístico**. São Paulo: Roca, 2001.
- MOSS, W.W. **Oral History Program Manual**. New York Praeger Publishers, 1974.
- O'CONNOR, Peter. **Distribuição da Informação Eletrônica em Turismo e Hotelaria**. São Paulo: Bookman, 2001.
- OLIVEIRA, Antônio P. **Turismo e Desenvolvimento: Planejamento e Organização**. São Paulo: Atlas, 2000.
- OURIQUES, Helton R. **Turismo em Florianópolis: uma crítica à indústria pós-moderna**. Florianópolis: UFSC,1998.
- PANORAMA SETORIAL. Análise Setorial da Indústria Hoteleira. **Gazeta Mercantil**, 1999.
- PAULI, Evaldo. **A fundação de Florianópolis**. Florianópolis: Lunardelli, 1987.
- PELUSO JR. Victor. **Estudos de Geografia Urbana de Santa Catarina**. Florianópolis: UFSC, 1991.

PEREIRA, Raquel ; VIEIRA, M. Graciana. Formações Sócio-Espaciais Catarinenses: Notas Preliminares. **Anais do Congresso de História e Geografia de Santa Catarina**. Florianópolis, 1996.

PEREIRA, Raquel M^a Fontes do Amaral. Formação sócio-espacial do litoral de Santa Catarina (Brasil): gênese e transformações recentes. **Anais do 9^a Encontro de Geógrafos da América Latina**. Mérida (México): EGA, 2003.

PEREIRA,N. do V. **Os engenhos de farinha de mandioca da Ilha de Santa Catarina: Etnografia Catarinense**. Florianópolis: Fundação Cultural Açorianista, 1993.

PEREIRA,N. do V. **Ribeirão da Ilha: vida e retratos**. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1990.

PIAZZA, W.F.A. **A Colonização de Santa Catarina**. Florianópolis: Lunardelli, 1998.

PIAZZA, W.F.A. **A Epopéia Açórico-Madeirense**. Florianópolis: Lunardelli, 1992.

PIAZZA,W. e HUBENER, L.M. **Santa Catarina História da Gente**. Florianópolis: Lunardelli, 1989.

PINHEIRO, Miriam. **Turismo em Florianópolis nos anos 90: Uma abordagem histórico-crítica**. Balneário Camboriú: UNIVALI, 2002 (Dissertação de Mestrado).

PIRES, Mário Jorge. **Raízes do Turismo no Brasil**. São Paulo: Manole, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE TURISMO – EMBRATUR. **Política Nacional De Turismo 1996-1999: Principais Diretrizes, Estratégias e programas**. Brasília: EMBRATUR, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE TURISMO – EMBRATUR. **Anuários Estatísticos**. Disponível em: <http: www.embratur.gov.br>. Acesso em: jul-nov. 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE TURISMO –EMBRATUR. **Estatísticas Básicas do Turismo** Disponível em: <thhp: www.embratur.gov.br>. Acesso em: abr.2005.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. Perfil de Florianópolis. Disponível em:< www.florianopolis.sc.gov.br/cidade/perfil_de_florianopolis/historia.htm > . Acesso em: 23 ago. 2003.

RICHARDSON, Roberto J. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

ROCHA, Luciana Sandrini. **Florianópolis: Desenvolvimento turístico e produção social**. Florianópolis: UFSC, 2001. (Dissertação de Mestrado).

RODRIGUES, Adyr B. **Turismo e Espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar**. São Paulo: Hucitec, 1997.

RUSCHMANN, Doris. **Turismo e Planejamento Sustentável: a Proteção do Meio Ambiente**. Papyrus: São Paulo, 2001.

SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem à Curitiba e Província de Santa Catarina**. São Paulo: Universidade, 1978.

SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem à Província de São Paulo**. São Paulo: Universidade, 1972.

SANTOS, R.I.C. dos. **Conhecimento, conscientização e preservação de patrimônio cultural para a prática do turismo**. Comunicação. Balneário Camboriú: UNIVALI, 1999.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo – razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, Milton. **A urbanização Brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1997.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, Milton. **Pensando o Espaço do Homem**. São Paulo: Hucitec, 1986.

SANTOS, Milton. **Técnica Espaço Tempo: Globalização e meio científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, Sílvio Coelho. **A Modernidade Chega pelo Trem**. In: Santa Catarina no século XX. Florianópolis: UFSC, 2000.

SANTOS, Cristina Silveira Ulysséa. **Planejamento turístico e seus reflexos no processo de urbanização nas praias de Canasvieiras e Jurerê Internacional**. Florianópolis: UFSC, 1993. (Dissertação de Mestrado).

SANTUR – Santa Catarina Turismo S/ A Pesquisa Mercadológica de Estudo da Demanda Turística de Santa Catarina. Disponível em: <<http://www.sc.gov.br>>. Acesso em: jul-nov. 2005.

SCHMEIL, LÍlian. **“Alquila-se una Isla” Turistas Argentinos em Florianópolis**. Florianópolis: PPGAS/CFH-UFSC, 1994 (Dissertação de Mestrado).

SERSON, Fernando M. **Hotelaria: a Busca da Excelência**. São Paulo: Cobra, 1999.

SILVA, Adolfo Nicolich. **Ruas de Florianópolis: resenha histórica**. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1999.

SILVA, E. A. de. **Conhecendo Santa Catarina: opções turísticas**. Itajaí: UNIVALI, 2000.

SINGER, Paul. **O Capitalismo: sua evolução, sua lógica e sua dinâmica**. São Paulo: 1987.

TRIGO, L.G.G. **A sociedade pós-industrial e o profissional em turismo**. Campinas: Papirus, 1998.

TRIGO, L.G.G. **Turismo básico**. São Paulo: SENAC, 1998.

TRIGO, L.G.G. **Turismo e Qualidade: tendências contemporâneas**. Campinas, SP: Papirus, 1993.

TRIGO, Luiz G. Godoi. **A sociedade pós-industrial e o profissional em turismo**. São Paulo: Papirus, 2000.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Viagem na memória: Guia histórico das viagens e do turismo no Brasil**. São Paulo: SENAC, 2000.

VÁRZEA, Virgílio. **Santa Catarina A Ilha**. Florianópolis: Lunardelli, 1985.

VAZ, Nelson Popini. **O centro histórico de Florianópolis: espaço público do ritual.** Florianópolis: UFSC, 1991.

VEIGA, Eliane. **Florianópolis: memória urbana.** Florianópolis: UFSC, 1993.

VEIGA, Eliane. **Transporte Coletivo em Florianópolis.** Florianópolis: Insular: 2004.

WALKER, John R. **Introdução à Hospitalidade.** São Paulo: Manole, 2002.

JORNAIS

Novo Íris – 05/07/1850

Correio Catharinense – 02/11/1853

O Conservador – 07/08/1855

O Conservador – 27/04/1855

O Conservador – 20/11/1855

O Despertador – 17/05/1864

A Província – 08/11/1871

O Argos – 22/12/1859

FONTES ORAIS

Valter Luz – 22/04/2004

Nicolau Cardoso Neto – 23/04/2004

Nelson Luiz Cardoso – 23/04/2004

Francisco Vaz – 17/05/2004

Lorena Pessi - 05/06/2004

Leandro Bertoli 10/07/2004

Renato Nunes Guizoni – 13/07/2004

Carlos Cândido da Silva – 15/06/2004

Arlinda Nienkötter Haerth – 09/07/2004

Mário Regueira – 07/07/2004

Estanislau Emílio Bresolin – 07/07/2004

Pedro Pickler Dacoregio – 09/07/2004

Juliana Marinho de Sousa Santos – 09/07/2004

João Vicente Gomes Filho – 10/07/2005

Geraldo Zanini – 12/07/2004

Terezinha Cordioli – 15/07/2004

Mary Gómez – 20/07/2004

Aurélio Paladini – 10/09/2004

Tiago Damásio – 20/10/2005

José Valerim – 04/11/2005

APÊNDICE

**FORMULÁRIO DE ENTREVISTA PARA O LEVANTAMENTO DA REDE
HOTELEIRA NO NÚCLEO URBANO CENTRAL DE FLORIANÓPOLIS**

Data: _____ Hora: _____ : Tempo de duração: _____

Responsável pela entrevista: _____

Cargo que ocupa: _____

Contato: _____

Nome da Empresa: _____

Localização: _____

Instalação do Hotel: _____

a) Ano da Construção: _____

b) N° de Uhs: _____

c) Ano da Abertura: _____

d) Ano da Última Reforma: _____

e) N° total de Uhs: _____

f) Outras Informações observadas: _____

1. Possui outras unidades? Onde se localizam?

2. Quais as razões para implantação da empresa neste local?

3. Há fatores negativos decorrentes da localização?

4. Quem são os proprietários?

5. No caso de ser mais de um proprietário, qual é o percentual de ações que cada um detém?

6. Qual a origem dos proprietários?

7. Atuam em outro campo?

8. Receberam algum incentivo governamental para a construção e/ou funcionamento do hotel?

9. Qual a origem do capital investido?

10. Quantos funcionários possuem ?

11. Qual a origem da mão-de-obra?

12. A empresa exige ou exigia alguma especialização?

13. Qual o período de maior movimento do hotel? Por que?

14. Qual a origem dos hóspedes que buscam ou buscavam o hotel?

15. Características do hotel:

Categoria: _____

Quantidade Uhs: _____

Nº de leitos: _____

Categoria das Uhs: _____

15.1 Infra-estrutura/ Serviços:

	Possui	Não possui
Elevador	()	()
Bar	()	()
Restaurante	()	()
Portaria/ Recepção	()	()
Reservas	()	()
Estacionamento	()	()
Limpeza da Uh diária	()	()
Troca de roupa de cama	()	()
Lavanderia	()	()
Guarda Bagagens	()	()

Serviço de despertar	()	()
Room Service	()	()
Café da manhã	()	()
Mensageria	()	()
Concierge	()	()
Manobrista	()	()
Business Center	()	()
Fitness Center	()	()
Piscina	()	()
Sauna	()	()
Sala de eventos	()	()

Outros não mencionados: _____

16. Podem ser observadas mudanças no Hotel?

Sim () Não ()

17. Em caso afirmativo, quais foram às mudanças em relação à:

a) Estrutura: _____

b) Serviços: _____

c) Público: _____

d) Administração: _____

Outros: _____

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)